

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ROSILÉIA ALVES BARBOSA

**A fantasia do casal combinado e as implicações na constituição
da identidade de gênero, segundo Melanie Klein**

Maringá
2023

ROSILÉIA ALVES BARBOSA

**A fantasia do casal combinado e as implicações na constituição
da identidade de gênero, segundo Melanie Klein**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Historicidade e Constituição do Sujeito.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Leandro Klipan

Maringá
2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

B238f

Barbosa, Rosiléia Alves

A fantasia do casal combinado e as implicações na constituição da identidade de gênero, segundo Melanie Klein / Rosiléia Alves Barbosa. -- Maringá, PR, 2023.
129 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Leandro Klipan.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2023.

1. Klein, Melanie, 1882-1960. 2. Fantasia. 3. Psicanálise. 4. Identidade de gênero. 5. Erotismo. I. Klipan, Marcos Leandro, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

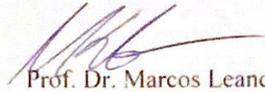
CDD 23.ed. 150.1952

ROSILÉIA ALVES BARBOSA

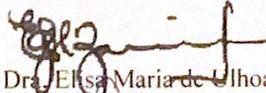
"Melanie Klein: a fantasia do casal combinado e as implicações sobre a constituição da Identidade de Gênero"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

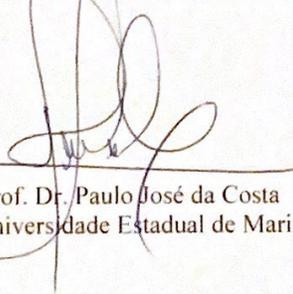
COMISSÃO JULGADORA



Prof. Dr. Marcos Leandro Klipan
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Profa. Dra. Elisa Maria de Ulhoa Cintra
PUC/Ponfícia Universidade Católica



Prof. Dr. Paulo José da Costa
PPI/Universidade Estadual de Maringá

Aprovado em: 27 de março de 2023.
Defesa realizada na sala de vídeo do Bloco 118.

Agradecimentos

Em relação à gratidão, Melanie Klein afirma que ela diz respeito à capacidade de receber e desfrutar plenamente o que foi ofertado. Esse é o sentimento que tenho após a vivência da ansiedade e todo o esforço que permeou a realização deste trabalho, pois chego no momento mais importante e bonito, o momento de agradecer, de mostrar, de alguma forma, às pessoas que também ajudaram na construção desse estudo. De forma muito generosa e grata, nomeio algumas pessoas que me fizeram companhia ao longo deste estudo e da vida.

No linguajar kleiniano, sou grata aos meus objetos que outrora eram idealizados e agora se constituem como um bom objeto interno que carrego dentro de mim, pois dividiram comigo algo muito precioso na elaboração deste trabalho, entregaram para mim uma parte do tempo precioso de suas vidas e um espaço valioso dentro de suas mentes.

Sou muito grata ao Professor Dr. Marcos Leandro Klipan por ter acreditado e me acompanhado na execução desse trabalho e por tornar a experiência leve e prazerosa.

Sou imensamente grata aos Professores que compuseram a banca de qualificação e defesa: Dra. Elisa Maria de Ulhôa Cintra e ao Dr. Paulo Costa pelo carinho, prontidão e pelas contribuições realizadas.

Minha mãe *Floripes* que, constantemente, conta-me sobre meu nascimento, descreve a cena em detalhes, deixando-me alterar/completar a história, para, logo em seguida, corrigir, de modo justo e amável, os elementos que indicam minhas carências, tornando a minha existência cheia de significados. Meu pai *Júlio* tornou-se mais amado à medida que envelheceu e pude me ver refletida nele e compreender minhas faltas e bravezas.

Aos meus irmãos e agregados (cunhadas e cunhados, sobrinhos), que me possibilitaram viver muitos encontros e desencontros, muitas festas, muitos aniversários, muitas alegrias e conflitos. Sou especialmente grata à minha irmã Nilda, uma pessoa extremamente generosa que me ajudou com as correções da dissertação.

À minha incrível filha Sofia, continente para todas as minhas angústias relacionadas a este trabalho. À Luiza, uma “segunda filha”, que muito me ajudou nas correções desta pesquisa. Ao meu esposo Hélio, companheiro de muitas horas.

Às amigas irmãs Vera, Priscila, Karol e Joice, a torcida que sempre acreditou em mim e me incentivou. A amiga de trabalho Patrícia, que me socorreu e esteve comigo no

momento mais difícil deste trabalho. Aos colegas do laboratório de pesquisa e, em especial, à Maria e à Fernanda, pelos momentos em que pudemos dividir nossas angústias.

VONTADES

Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequenina, que nem de tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que eu não aguento mais o meu. Vontade assim todo mundo pode ver, não tô ligando a mínima. Mas as outras – três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida -, ah, essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum. Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje tô achando que é a vontade de escrever.

(Bojunga, 2020, p. 09)

Barbosa, R. A. (2023). *A fantasia do casal combinado e as implicações na constituição da identidade de gênero, segundo Melanie Klein*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). 129f. Universidade Estadual de Maringá.

Resumo

Este trabalho discorre sobre a importância da fantasia do casal combinado na constituição da identidade de gênero. Para Klein, a fantasia do casal combinado representa na psique infantil a união e o entrelaçamento da mãe e do pai, formando um ser monstruoso e enigmático que precisa ser desvendado pela criança. Para tanto, realizamos um percurso pela obra de Melanie Klein, a fim de localizar e problematizar a fantasia do casal do combinado no seu entrelaçamento com o complexo de Édipo, a posição depressiva e a posição esquizoparanoide. Procuramos demonstrar que as identificações realizadas pelas crianças ao longo da infância em relação às figuras parentais ocorrem de forma simultânea e confusa e, ao fazermos isso, lançamos luz sobre a complexidade que encerra a constituição da identidade de gênero. O estudo também revelou que a fantasia do casal combinado não é uma cena exclusiva de casais heteroparentais.

Palavras Chaves: Melanie Klein. Fantasia do Casal Combinado, Identificações. Identidade de Gênero.

Barbosa, R. A. (2023). *The combined couple's fantasy and the implications for the constitution of gender identity, according to Melanie Klein*. Dissertation (Master in Psychology). 129f. Maringá State University.

Abstract

This work discusses the importance of the combined couple fantasy in the constitution of gender identity. For Klein, the fantasy of the combined couple represents in the child's psyche the union and interweaving of the mother and father, forming a monstrous and enigmatic being that needs to be unraveled by the child. To do so, we carried out a journey through the work of Melanie Klein to locate and problematize the combined couple's fantasy in its interweaving with the Oedipus complex, the depressive position, and the paranoid-schizoid position. We tried to demonstrate that the identifications made by children throughout childhood in relation to parental figures occur simultaneously and in a confused way and, by doing so, we shed light on the complexity that encloses the constitution of gender identity. The study also revealed that the combined couple fantasy is not unique to hetero-parental couples.

Keywords: Melanie Klein. Combined Couple Fantasy. Identifications. Gender Identity.

SUMÁRIO

Introdução	8
1. Pesquisa em Psicanálise e seus desdobramentos além da clínica psicanalítica: a busca por um método	16
1.1 Relevância da pesquisa na obra de Melanie Klein	20
2. Das vivências confusionais e as implicações na construção da identidade de gênero	27
2.1 Identificação e fantasia	31
2.2 A fantasia e suas confusões: da equivalência simbólica ao símbolo e a simbolização	44
2.3 Transsubstanciação: a fantasia do casal combinado	53
3. Da discriminação dos objetos ao desenvolvimento da identidade de gênero	60
3.1 Édipo arcaico: a fantasia do casal combinado e o encontro com o gênero	61
3.1.1 O longo caminho do complexo de Édipo na Menina.....	64
3.1.2 O longo caminho do complexo de Édipo na Menino	67
3.2 Posição depressiva	69
3.3 Complexo de Édipo, posição depressiva e o casal combinado	80
4. Se eu fosse você?	88
4.1. Posição esquizoparanoide	88
4.1.2 A fantasia do casal combinado e as implicações na constituição da identidade de gênero presente no caso Schreber	91
4.1.3 Clivagem	99
4.1.4 Identificação projetiva	103
4.2. Inveja e gratidão	108
4.2.1 A inveja e a fantasia do casal combinado	113
4.2.2 A inveja e a confusão	115
Considerações Finais	120
Referências	123

Introdução

A escolha de pensar as teorizações sobre gênero a partir do referencial teórico de Melanie Klein se deve ao fato de que essa autora inverte o modelo freudiano centrado no falo e coloca a figura feminina/a mãe em uma posição central na formação do psiquismo, situação inovadora para a época de suas construções teóricas. Tal inversão, por si, não só gera mudanças em relação ao entendimento sobre o complexo de Édipo e a posição sexual ocupada por meninos e meninas ao longo da formação da identidade sexual, como também sobre o entendimento da castração.

Segundo Klipan (2022), essa inversão da lógica freudiana proposta por Klein modifica um longo percurso de domínio da formação subjetiva baseada no falo. Dado que a constituição social organizada a partir do masculino remonta desde a Antiguidade.

Antes de adentrarmos as questões pertinentes ao conceito de gênero, consideramos necessário repercutir, brevemente, as ponderações de Freud e Klein a respeito da masculinidade e da feminilidade. Dada a complexidade e a dificuldade em definir tais conceitos, nossa intenção é demonstrar alguns elementos que configuram a acomodação destes nas formulações teóricas de Freud e Klein.

Deste modo, vemos, ao final de sua obra, Freud (1931/1996c) retomar a questão da feminilidade e, em contraponto, a masculinidade no artigo “Sexualidade Feminina”. No texto, são apresentadas hipóteses sobre a fase pré-edípica e a ligação da menina em relação à mãe. A diferença anatômica dos corpos de meninos e meninas permanece como sendo fundamental para a compreensão do feminino e do masculino para Freud. Assim, ele segue dizendo que o que caracteriza o feminino na passagem da fase pré-edípica para a fase edípica é o abandono da principal zona genital, no caso o clitóris em favor da vagina, bem como a permuta do objeto de amor, a mãe pelo pai. Nesse sentido, há um paralelismo entre o clitóris e o pênis e seria a percepção da castração por parte das

meninas que promoveria alguns desfechos quanto à sexualidade na mulher, como o abandono da atividade fálica ligada ao abandono da sexualidade e da posição masculina, ou uma atitude auto afirmativa em relação a sua masculinidade, na busca por um pênis.

Portanto, embora reconheça a importância da fase inicial com mãe, Freud (1931/1996c) não abandona sua posição quanto à valorização do pênis em detrimento do clitóris/vagina, ou seja, a valorização do masculino em detrimento do feminino. É interessante observar que, ao final do artigo mencionado, Freud faz uma refutação a posição kleiniana que antecipa o complexo de Édipo para a fase pré-genital.

Melanie Klein não apresenta teorizações sobre os conceitos de feminilidade ou masculinidade, de forma que estamos apresentando algumas conjecturas a respeito de suas teorizações. Nesse contexto, o trabalho clínico desenvolvido com crianças por Klein permitiu que ela tivesse acesso, de forma mais direta, ao universo da psique infantil e às fantasias na fase descrita por Freud como pré-edípica. Dessa forma, para Klein (1945/1996q), a pulsão sexual que põe em marcha o desenvolvimento sexual de meninos e meninas, não tem caráter fálico, ela é oral, anal e uretral, ou seja, advém de todas as sensações corporais que são referências da fase pré-genital e já estão entrelaçadas na trama edípica desde o princípio.

Na ótica kleiniana, o corpo também assume um papel importante, pois é o lugar em que as fantasias são dramatizadas, os órgãos (seio, pênis, vagina, boca, ânus), como representantes corporais, estão em constante interação, demonstrando mais confusão e mistura do que definições, como a autora descreve no complexo de Édipo arcaico. O entendimento sobre as identificações e as fantasias em relação ao complexo de Édipo presentes na obra de Melanie Klein possibilitam uma compreensão mais fluída sobre gênero, sobre masculino e feminino, bem como sobre a diversidade da sexualidade, como veremos ao longo do nosso estudo.

Faremos uma breve retrospectiva em relação à configuração da pré-história clínica do conceito de gênero, para, posteriormente, apresentarmos as possibilidades de leitura sobre a constituição da identidade de gênero que acreditamos estar presente na obra de Melanie Klein.

As primeiras pesquisas no espaço acadêmico remontam a década de 1950, quando o psicólogo e sexólogo John Money introduziu a ideia de que não há uma relação natural entre o sexo anatômico e a identidade de gênero nas pessoas. Discussões sobre gênero já existiam antes da década de 1950, nos campos: linguístico, biológico e da própria história. Contudo, o que Money realizou foi a definição do conceito no campo clínico e a desvinculação da identidade de gênero da biologia (Lattanzio e Ribeiro, 2018).

Posteriormente, Ralph Greenson, psicanalista e pesquisador da Universidade da Califórnia, realizou, em 1966, estudos sobre a identidade de gênero, relacionando-a com a identificação e des-identificação que a criança precisaria realizar em relação à mãe (Lattanzio e Ribeiro, 2018).

Outro pesquisador importante é o psicanalista Robert Stoller, também da Universidade da Califórnia e parceiro de estudos de Greenson. Stoller, na mesma época, destaca que a identidade de gênero ocorre a partir do movimento que vem do exterior, antes mesmo da existência do Eu. Para Stoller, a formação do núcleo da identidade de gênero acontece por meio de um *imprinting*, da influência dos pais ao designarem um sexo para a criança e pelos fatores biológicos, sendo que, neste momento de formação do núcleo, não há conflitos estabelecidos (Lattanzio e Ribeiro, 2018).

Posteriormente, outros psicólogos e psicanalistas trazem o tema gênero para debatê-lo em conjunto com a psicanálise, entre eles podemos citar: Nancy Chorodow (1978), Jessica Benjamin (1988), Elmice Dio Bleichman (1988), Porchat (2014) e Cecarelli (2017).

Laplanche (2015) empreende esforços para compreender o conceito que alguns teóricos denominam identidade de gênero e a sua relação com os fundamentos e as proposições da psicanálise. O autor nos leva a pensar na gênese da tríade gênero-sexo-Sexual, que remonta à infância do indivíduo e, em sua análise, considera a necessidade de introduzir na concepção de *après-coup*¹ os seguintes elementos essenciais: a ideia do primado do outro e a simultaneidade criança-adulto, pensando que tal par deve ser considerado como estando na presença um do outro, desde os primórdios da vida, ao contrário da ideia corrente de que um sucede o outro. Para o autor, é central na noção de *après-coup* o entendimento da presença do outro, que lhe oferece mensagens a traduzir.

Para Laplanche (2015), são tais mensagens da sexualidade infantil dos pais e dos adultos próximos à criança que representarão a contribuição do outro na designação de um gênero, que constituirá subjetivamente o indivíduo. Nesse sentido, a designação de gênero se estabelece a partir da primazia do outro, ou seja, a partir da influência do que é ditado no social, sendo este composto pela realidade sociocultural e pelo pequeno grupo dos *socii* próximos (pais e familiares), que serão os representantes da linguagem social passada ao indivíduo. Dessa forma, as mensagens de designação de gênero serão atravessadas pelos conteúdos inconscientes dos pais e familiares, provocando ruídos de cunho Sexual nessa designação.

Podemos observar pelo regaste histórico sobre os primeiros estudos nos quais o conceito de gênero é mencionado que estes remontam à década de 1950, portanto, o tema gênero não fazia parte das indagações de Melanie Klein. No entanto, a leitura dos textos de Klein nos mostra que, ao redesenhar os conceitos psicanalíticos e reconfigurar a dinâmica psíquica, ela nos apresenta uma mãe que contém dentro de si o falo. A mãe

¹ De acordo com Laplanche (2015), a noção de *après-coup* caracteriza uma resignificação do passado, em suas palavras, “a ‘modificação retroativa’, ação do futuro e do presente sobre o passado, e a ‘ação diferida’, determinismo, por mais retardado que ele seja, do presente pelo passado” (p. 165).

deixa de ser a figura carente, a figura da falta, para ser aquela que possui, aquela que possibilita a via de acesso ao pênis paterno. Assim, somos levados a conjecturar que o estabelecimento da identidade de gênero acontece de modo simbólico e fantasístico, por meio das vivências das fantasias relacionadas ao corpo materno.

O reconhecimento dessas fantasias identitárias que começa a ser delineado por Klein a partir de 1927 e, em 1932, recebe o nome de fantasia do casal combinado, nela são os objetos contidos no interior do corpo da mãe os alvos pulsionais tanto da libido, quanto da agressividade. Convém esclarecer que a criança espera encontrar no interior do corpo da mãe: o seio, o pênis e bebês.

Na perspectiva kleiniana, o complexo de Édipo é vivenciado sob o ataque das pulsões sádicas e o local em que ocorre o jogo simbólico é o interior do corpo da mãe, construção dada a partir de uma realidade fantasística, representada pelo casal combinado, no qual a mãe contém o pai e o seu pênis dentro de si; e a mesma relação vivenciada com o seio e a mãe pode ser transfigurada para relação com o pai e o pênis. Dessa forma, podemos perceber que a organização libidinal é marcada por uma certa instabilidade e fluidez das atitudes emocionais vivenciadas pelo bebê.

Essa reorganização da dinâmica psíquica apresentada por Klein (1928/1996h) traz uma complexidade maior para o desenvolvimento do complexo de Édipo. Para além de uma manifestação reduzida à fase fálica ou de uma manifestação breve e intensa, o complexo de Édipo adquire o status de um processo complicado e ordenado, que dura anos e permeia a totalidade do desenvolvimento da criança entre o desmame e o período de latência. O complexo de Édipo também assume o papel de ordenador das pulsões pré-genitais (Petot, 1979/2001).

A fantasia do casal combinado demonstra o desamparo infantil, por meio do medo que o bebê tem de que as duas pessoas das quais depende totalmente o abandonem e se

voltem contra ele; também revela uma tríade primitiva e violenta, de modo que as figuras dos pais estão interpenetradas e confundidas. Assim, também se sobrepõe a essa tríade uma relação dual em que de um lado está a criança em seu desamparo e do outro lado os pais com seu horror e onipotência (Cintra e Figueiredo, 2010).

Podemos constatar que a psique infantil arcaica é formada por um todo confuso: confusão entre o seio e o pênis, confusão entre a mãe e o pai, confusão entre feminino e masculino, confusão entre a mente do bebê e da mãe, confusão entre mundo interno e mundo externo. Contudo, à medida que o ego desenvolve os processos de projeção e introjeção, dá-se início aos processos de conhecimento, de discriminação e de separação. Nesse sentido, nossa hipótese é que a fantasia do casal combinado (seio/pênis) está diretamente envolvida na constituição da identidade de gênero. Dessa forma, a constituição da identidade sexual passa pela separação e assimilação das figuras feminino/masculino representadas inicialmente na mente pela confusão do casal combinado. A fantasia do casal combinado impõe para a criança a elaboração na construção da identidade de gênero, sendo o gênero algo que é confuso, que precisa ser separado, compreendido e nomeado; tal processo se estende e se efetiva com o desenvolvimento da posição depressiva.

Durante o desenvolvimento e a vivência da posição depressiva e do complexo de Édipo, passamos e elaboramos algumas perdas entre as quais deixamos de lado nossas ilusões baseadas na onipotência e no narcisismo fálico da infância primitiva e abrimos o caminho para assumirmos uma vida sexuada, que, necessariamente, implica em não poder ser masculino e feminino ao mesmo tempo (Cintra e Figueiredo, 2010). Pensamos que esse é um aspecto importante para refletirmos ao longo deste trabalho e nos questionamos se a leitura que estamos fazendo sobre as ideias de Klein a respeito da constituição da

identidade de gênero carregaria em si uma marca exclusivamente binária ou também abarcaria as constituições não binárias?

Para fins de organização do nosso trabalho, optamos por dividi-lo em 4 capítulos com as seguintes seções: no primeiro capítulo, apresentamos a metodologia e a justificativa que embasam esta pesquisa. A abordagem metodológica utilizada visou dar conta das problematizações apresentadas em relação ao campo conceitual kleiniano no que tange às construções identitárias ligadas ao gênero. Nossa justificativa procurou demonstrar a necessidade de produção de pesquisas que tomem por base a obra de Klein, dado a inserção a-histórica do pensamento dessa autora no Brasil, bem como a necessidade de ampliação e revitalização dos conceitos psicanalíticos, considerando as formas de sofrimentos e de subjetivação presentes no tempo atual.

No segundo capítulo, procuramos caracterizar a formação do psiquismo infantil, bem como a fantasia do casal combinado e sua implicação na constituição da identidade de gênero. Para tanto, consideramos os artigos publicados por Klein de 1921 até 1932 e que culminam na publicação do livro *A Psicanálise de Crianças*, em 1932. Esse período é caracterizado por Petot (2001) como sistema protokleniano, e, em 1932, como sendo o período que congrega o primeiro sistema teórico formulado por Klein. As noções teóricas formuladas em 1923/1996b, 1925/1996d, 1926/1996e, 1927/1996f, 1928/1996h, 1929/1996i e 1931/1996l formam a base teórica para o livro *Psicanálise da Criança*, de 1932, em que a mudança mais importante encontrada é a progressão da pulsão de morte na constituição da gênese psíquica. Também abordamos os conceitos de identificação, de fantasia e de formação dos símbolos e suas implicações na vivência da fantasia do casal combinado.

No terceiro capítulo, damos ênfase ao complexo de Édipo, à posição depressiva, à fantasia do casal combinado e suas implicações na constituição da identidade de gênero.

Consideramos, para tanto, os textos publicados por Klein que teorizam sobre o complexo de Édipo (1928/1996, 1932a/1997, 1932b/1997, 1932c/1997 e 1945/1996q) e os artigos que tratam sobre a posição depressiva, luto, desmame e reparação (1935/1996m, 1936/1996n, 1937/1996o e 1940/1996p). Nesse sentido, o processo que envolve o estabelecimento da posição depressiva e que fixa o bom objeto no psiquismo é acompanhado da capacidade de discriminar e separar o casal combinado, permitindo as construções simbólicas e as formas de subjetivação que implicam a constituição da identidade de gênero.

De acordo com Petot (1982/2016), esse segundo período da obra kleiniana consagra o desenvolvimento e a consolidação do sistema denominado pela autora de posições, temos, portanto, na década mencionada, o desenvolvimento teórico, por parte de Klein, da posição fundamental no desenvolvimento da criança, a posição depressiva.

No quarto capítulo, consideramos importante abordar as discussões a respeito da posição esquizoparanoide sobre a clivagem, a identificação projetiva e acerca da inveja e as implicações no desenvolvimento do ego. Para tal, examinaremos os textos “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides” (1946/1991), “Sobre a identificação” (1955/1991) e “Inveja e gratidão” (1957/1991) que estão contidos no livro *Inveja e gratidão*, publicado originalmente em 1975. Pensar sobre tais elementos nos permite refletir acerca das vivências e situações que podem atrapalhar/prejudicar a constituição do bom objeto no psiquismo e a constituição da identidade de gênero, utilizamos o caso Schreber para demonstrar tais elementos. De acordo com Petot (1982/2016), esse período é marcado pela evolução dos mecanismos esquizoides para a posição esquizoparanoide e a metapsicologia da inveja e da gratidão.

1 Pesquisa em Psicanálise e seus desdobramentos além da clínica psicanalítica: a busca por um método

A busca por um método que sirva de ancoragem para o estudo a ser realizado é um dos momentos mais importantes do trabalho do pesquisador, especialmente quando tratamos da pesquisa em psicanálise. Por muito tempo, a psicanálise ficou restrita ao espaço da clínica, estabelecendo-se, assim, uma dicotomia entre o método clínico e o método experimental, como demonstra Gonzalez Rey (2013) no artigo “O que oculta o silêncio epistemológico da Psicologia”?

Dessa forma, com o estabelecimento de nosso problema de pesquisa e a busca por um método que possibilitasse a delimitação e o curso a ser seguido em nosso campo de estudo, encontramos em Naffah Neto (2006) os elementos que podem nos trazer tal clareza metodológica. Assim, nosso estudo se circunscreve no modelo de pesquisa descrito pelo autor como de **pesquisa-investigação**, dado que nossa intenção é a problematização do campo teórico da psicanálise kleiniana, de forma a possibilitar a compreensão dos processos envolvidos na constituição da identidade de gênero a partir do referencial teórico formulado por essa autora.

Convém esclarecer que, devido a singularidade e o entendimento da subjetividade no campo psicanalítico, o método proposto por Naffah Neto (2006) difere da proposta apresentada por Gonzalez Rey (2013). Este autor, na busca pela superação do método instrumentalista e tomando como base a perspectiva teórica cultural-histórica na compreensão da subjetividade, propõe como alternativa o que ele denominou de *Epistemologia Qualitativa*. O foco dessa categoria de pesquisa está relacionado com os sentidos e as representações da subjetividade no psiquismo. Além disso, define como metodologia o modelo construtivo-interpretativo que visa a transformação do conhecimento centrado na indução, na descrição e na coleta dos fatos. Esse modelo

metodológico privilegia a construção teórica produzida no percurso da pesquisa, de modo a transcender os instrumentos como uma fonte em si mesmo, bem como, legitimar, saber e entender suas generalizações.

Nesse sentido, faz-se necessário apresentar os apontamentos de Naffah Neto (2006) sobre a pesquisa em Psicanálise. Para este autor, ao considerarmos os elementos que constituem o contexto clínico no qual a Psicanálise está inserida e sua busca pela produção de sentidos, podemos dizer que a pesquisa está sempre presente no quadro psicanalítico. Dessa forma, fazem parte do campo clínico as seguintes ferramentas de pesquisa: a atenção flutuante e a associação livre. Sendo que ambas são utilizadas para a produção de sentido no contexto clínico, assim a ferramenta teórica fica margeando a situação, até que a compreensão possa ser estabelecida, juntando-se todas as peças no campo intersubjetivo da transferência e da contratransferência.

Ao deixarmos o espaço da clínica e nos localizarmos no espaço acadêmico também estamos fazendo essa pesquisa em psicanálise assim como a experiência clínica oferece elementos que potencializam e problematizam as questões teóricas, psicopatológicas ou até mesmo da técnica. Ao situarmos a pesquisa em psicanálise no campo acadêmico, a intenção é a de produzir alguma transformação ou interferência na produção do conhecimento até então estabelecida. Para tanto, deixamos de lado a atenção flutuante e nos atentamos ao raciocínio indutivo e dedutivo, os quais são característicos do pensamento lógico formal (Naffah Neto, 2006).

Na pesquisa psicanalítica, o campo de trabalho assume três sentidos diferentes: **pesquisa-escuta, pesquisa-investigação e pesquisa epistemológica** ou história da psicanálise e o seu entrelaçamento com os processos sociais e culturais. No primeiro sentido, de pesquisa-escuta, estão presentes a atenção flutuante, por parte do analista, e a associação livre do analisando, cujo encontro, permeado pelos processos inconscientes,

contribui para a criação de sentido; o segundo sentido é a **pesquisa-investigação**, que tem como característica ser teórico-metodológica, sendo de grande valor no aprimoramento da disciplina psicanalítica, pois complementa a pesquisa clínica e dá suporte a ela. O autor chama nossa atenção para o fato de que ambas as formas de pesquisa, ao mesmo tempo que têm diferenças entre si, possuem a característica de que uma fornece suporte a outra, isto é, numa complementariedade dialética (Naffah Neto, 2006).

Segundo Naffah Neto (2006), a pesquisa-escuta tem como característica a presença de um certo nível de investigação, embora não haja nesse tipo de pesquisa o caráter ativo, seletivo e racional, como acontece na pesquisa-investigação dos problemas teórico-metodológicos. Dessa forma, a posição do pesquisador é semelhante à posição do analista na clínica, ou seja, o pesquisador assume uma posição passiva, pois precisa deixar-se afetar pela atenção flutuante, de modo que seus desejos e intenções não possam aparecer. Tal situação vale também para as pesquisas que extrapolam o consultório e estão relacionadas a objetos como: uma obra de arte ou uma biografia, é somente após permitir-se este encontro que o pesquisador tecerá suas formulações teóricas. Conforme sinaliza Naffah Neto (2006), na pesquisa-escuta não há a problematização do campo psicanalítico, como na pesquisa-investigação.

De forma oposta à pesquisa-escuta, na pesquisa-investigação o pesquisador necessariamente apresenta suas intenções e delimita o campo de investigação. Assim, define a formulação e a seleção do problema teórico-metodológico a ser estudado, bem como estabelece de forma planejada os passos a serem seguidos durante a pesquisa.

É comum o pesquisador escolher um tema para pesquisa em que haja alguma implicação emocional com sua história de vida, de modo que a separação entre o objeto e o sujeito fazem parte da tarefa inicial do pesquisador. Tal situação, configura-se como

algo importante na dinâmica psíquica, pois é ela que mobiliza e impulsiona o pesquisador em direção ao conhecimento (Naffah Neto, 2006).

O terceiro tipo de pesquisa que envolve a psicanálise, segundo Naffah Neto (2006), está relacionado à epistemologia ou história da psicanálise e o seu entrelaçamento com os processos sociais e culturais. Tais pesquisas visam analisar os alicerces em que a psicanálise está baseada, bem como a articulação com as demandas sociais e culturais do momento histórico. Naffah Neto & Cintra (2012) afirmam que tal modalidade de pesquisa questiona os fundamentos nos quais a psicanálise está baseada, bem como as formações sociais e culturais com as quais se relaciona. No entanto, tais pesquisas não podem ser consideradas “. . . pesquisas – psicanalíticas, *stricto sensu*, já que não trabalham numa relação interna com a clínica, esta dimensão inalienável da pesquisa em psicanálise” (p. 43).

Naffah Neto (2006) destaca que a psicanálise, enquanto ciência, apresenta certa singularidade, pois, nada do que ocorre no contexto da psicanálise é possível de ser replicado ou é de controle experimental. Para o autor, o que torna a psicanálise uma ciência é a presença de conceitos e situações universais tais como: complexo de Édipo, leis inconscientes, posição depressiva, entre outros. No entanto, essas categorias gerais e abstratas relacionam-se de forma extremamente complexa na dinâmica psíquica. Segundo o autor, mais que categorias gerais e universais, tais conceitos “. . . constituem metáforas interpretantes, cuja escolha, em cada momento, implica tanto a escuta psicanalista/pesquisador, quanto a singularidade da técnica empregada” (Naffah Neto, 2006, p. 283).

Dessa forma, o saber psicanalítico, no tocante à pesquisa-escuta, aproxima-se do saber artístico, tal a sua característica singela e singular, que pressupõe a escolha das tintas, a observação calma e apurada na escolha das pinceladas. Na análise, é preciso dar

sustentação e acolhimento ao analisando, saber se calar para que a sintonia entre analista e analisando permita que a interpretação aconteça. Enquanto ciência, a psicanálise também necessita do rigor imposto às outras disciplinas acadêmicas, cabendo ao pesquisador conciliar os dois lados da psicanálise: o artístico e o científico. (Naffah Neto, 2006).

Assim, essa pesquisa tem por intenção problematizar teoricamente a constituição da identidade de gênero na obra de Melanie Klein e, para tanto, utilizaremos como metodologia o modelo apontado por Naffah Neto (2006), de pesquisa-investigação, pois, partindo da problematização proposta, depreendemos que ao analisar conceitualmente a obra da referida autora é possível a compreensão dos processos que atuam na constituição da identidade de gênero durante a formação psíquica

Salientamos a importância de fazer um percurso nesta pesquisa que permita a contextualização do problema dentro da obra da autora, de modo que o clima em que ela produziu sua teoria possa, de alguma forma, ser transmitido, considerando que o conhecimento e a produção teórica não se constituem de forma linear, mas com a sutileza e a singularidade que a teoria psicanalítica nos propõe.

1.1 Relevância da Pesquisa na Obra de Melanie Klein

Ao refletirmos sobre a importância da realização de pesquisas tendo como referencial teórico a psicanálise, encontramos em Renato Mezan (2001) considerações sobre o campo de estudo da psicanálise e suas implicações metodológicas ao demonstrar a importância da realização da pesquisa acadêmica, tomando por objeto de estudo o campo da psicanálise e seus desdobramentos. Isso porque o campo da pesquisa nas instituições universitárias tem por preocupações o rigor intelectual, os fundamentos científicos, a justificação e a contextualização dos problemas a serem pesquisados. A pesquisa no campo psicanalítico tem um caráter qualitativo e visa a identificação de um

problema, a sua conceituação por meio da literatura escolhida, além da busca por avanços ou resoluções do problema apresentado.

A trajetória da psicanálise enquanto campo de pesquisa nos cursos de pós-graduação no Brasil remonta à década de 1980. Essa situação acarreta algumas implicações, pois os analistas estavam acostumados com a forma de estudo proposto pelos institutos de psicanálise, cuja formação era essencialmente de analista. Assim, a universidade representa um espaço mais aberto e livre de um viés transferencial e político ao qual a psicanálise estava submetida até então. O espaço da universidade também permite a ampliação e a pluralidade em relação a produção do conhecimento psicanalítico, uma vez que os institutos de psicanálise têm o compromisso de transmitir e pensar a psicanálise de forma determinada e específica, em concordância com um estilo e uma prática (Mezan, 2001).

Seguros dessa liberdade que temos para pensar a teoria psicanalítica dentro da universidade pública brasileira é que propomos o estudo que trata a respeito do tema da constituição da identidade de gênero na obra de Melanie Klein. Esclarecemos que essa liberdade, sob as asas da universidade, necessita seguir um caminho que lhe traga o rigor dos trabalhos científicos.

Sendo assim, passamos a explicar quais são as justificativas que demonstram a importância deste estudo. Observamos ainda que, segundo Tomanik (2004), ao postularmos uma função social para ciência, as justificativas sociais e científicas da pesquisa acabam por se entrelaçarem.

Nossa justificativa se assenta em três razões: a primeira refere-se à necessidade de ampliação de estudos que relacionem a temática gênero e a psicanálise; a segunda diz respeito à temática gênero e a escola de psicanálise kleiniana que desenvolveu poucos estudos a respeito desse tema; a terceira leva em consideração a importância de estudos

relacionados à teoria kleiniana que contribuam para a divulgação das ideias da autora de forma mais próxima possível do seu pensamento, dado que a obra de Klein sofreu certas distorções, resultantes das traduções realizadas. Tais justificativas também são sustentadas por alguns autores, como veremos na sequência.

No tocante ao debate sobre as questões de gênero, ao considerarmos seu início e os dias atuais, além de ter em vista o amplo destaque dado às questões relativas ao conceito de gênero, Lattanzio e Ribeiro (2018) apontam que há lacunas nos estudos sobre esse tema. Os autores procuram historicizar o conceito de gênero, no que refere ao seu uso e a conceituação na esfera clínica, conforme demonstrado na introdução desta pesquisa.

Ao correlacionarmos os estudos sobre a temática gênero e as escolas de psicanálise, observamos um predomínio dos autores que realizam seus estudos a partir de Freud e da escola lacaniana de psicanálise, como demonstra a busca por artigos na Base de Dados de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC²). A escolha da Base de Dados PEPSIC se deu em virtude da concentração de textos do campo da psicologia, evitando, portanto, resgatar textos que pertençam a outras áreas do conhecimento. Ao utilizarmos os descritores: identidade, gênero e psicanálise, tivemos um total de 32 trabalhos, sendo que 3 deles foram descartados: um por tratar de identidade e luto, um por ser resenha e outro por ser artigo que aborda a pré-história clínica do conceito de gênero, conforme descrito anteriormente. Dos 29 artigos restantes, observamos, em suas referências, 24 citações a Freud, 14 para Lacan, 9 para Winnicott e 3 para Klein.

² “O portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC) é uma fonte da Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia da União Latino-Americana de Entidades de Psicologia (BVS-Psi ULAPSI) e fruto da parceria entre Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira (FENPB), Biblioteca Dante Moreira Leite do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP/USP) e do Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Originalmente desenvolvido para publicar as revistas científicas de Psicologia do Brasil, o PePSIC foi lançado oficialmente em 2005, sendo expandido para os demais países da América Latina no ano 2006. Atualmente, o portal publica títulos de 11 países”. Acesso: <http://pepsic.bvsalud.org/>

Devido à pouca referência encontrada em relação à escola kleiniana, optamos por ampliar nossa busca na Base de Dados PEPSIC, utilizando outros descritores. Ao utilizarmos as palavras: identidade e Klein, temos 2 artigos, sendo que um deles se refere à temática gênero e o outro à pesquisa com crianças, mas não se refere a Klein. A utilização do descritor Melanie Klein resulta em 9 artigos, entretanto, apenas 1 está relacionado à temática gênero e os 8 artigos restantes referem-se a temas diversos na obra de Klein.

Entre os artigos que fazem referência à Klein, podemos destacar Klipan (2018), pois é o único artigo que problematiza o campo conceitual da temática gênero, utilizando o referencial teórico kleiniano. À vista disso, acreditamos ser importante o desenvolvimento de trabalhos que possam contribuir e ampliar o debate sobre a constituição do gênero e a psicanálise kleiniana, dado que essa autora centra seus estudos na formação da gênese psíquica. É importante salientar que, embora, em seus estudos, Melanie Klein apresente uma preocupação em entender e descrever a formação e constituição do psiquismo, a construção da identidade gênero não aparece como um tema em seus escritos. Convém considerarmos que a ampliação dos estudos relacionados à temática gênero reflete também no fazer clínico da psicanálise, pois as questões relacionadas ao gênero têm sido apresentadas como formas de sofrimento psíquico, atualmente, e demandam dos profissionais a constante atualização do saber psicanalítico.

A importância da historicidade no campo psicanalítico se deve, especialmente, porque, em relação ao pensamento de Klein, autores como Elias Mallet da Rocha Barros, na introdução do livro *Melanie Klein: estilo e pensamento*, de autoria de Cintra e Figueiredo (2010), nos alertam sobre as resistências em relação ao pensamento de Klein. Isso porque, para esses autores, o pensamento kleiniano é conhecido por uma leitura marcada por um certo a-historicismo, parecendo que sua obra é um circuito fechado e

contraditório, ao afirmar: “Muita gente ainda hoje não aceita Melanie Klein com facilidade, ou não simpatiza com seu estilo ou suas ideias, mas poucos a desprezam liminarmente ou lhe negam sua genialidade” (Barros, 2010, p. 23).

No Brasil, as razões para esse viés a-histórico e deformante da obra de Klein se relacionam com a escolha do texto em inglês utilizado para a realização da tradução, conforme nos sinalizam Barros e Barros (2016). De acordo com esses autores, em 1969 ocorreu a publicação no Brasil do livro *A Psicanálise de Criança* e, em 1970, a publicação do texto *Contribuições à Psicanálise*, ambos baseados na publicação inglesa de 1948. Contudo, tais publicações no Brasil não trazem as alterações realizadas por Klein após esse período de 1948, também não há a presença de notas explicativas que informam sobre as mudanças e as revisões ocorridas nos textos.

A própria escola kleiniana na Inglaterra percebeu a necessidade de uma revisão e reedição da obra de Klein por conta das alterações e acréscimos na teoria que a própria autora realizou ao longo de sua vida. Desta forma, foi constituída na Inglaterra, em 1975, a comissão editorial instituída pela escola kleiniana que publicou a versão revisada das *Obras Completas* de Klein. Utilizamos neste estudo, portanto, a versão da obra revisada, publicada no Brasil pela editora Imago.

Para além desse problema ocorrido com a tradução da obra de Klein, também devemos nos atentar para o fato do uso relacionado ao consumo e à produção do conhecimento, como bem destaca Barros (1995), ao refletir sobre “O problema da originalidade e da imitação no pensamento psicanalítico: um estudo de caso do pensamento kleiniano na América latina”:

Sociedades de consumo tendem a simplificar o conhecimento acadêmico impiedosamente transformando-se rapidamente em técnicas prontas para consumo. Este tratamento desaloja o conhecimento dos esquemas conceituais e o

do meio cultural que o gerou e que serviu como fonte de inspiração. Por esse procedimento, os grupos de consumidores locais tornam-se donos de certas ideias psicanalíticas, simplificadas pelo próprio uso a que as ideias foram submetidas. Essas ideias servem assim para institucionalizar e legitimar a dominação desses grupos de consumidores locais, segregando grande parte da comunidade psicanalítica do acesso às formas mais avançadas e inovadoras do pensamento psicanalítico³ (Barros, 1995, p. 838, tradução nossa).

Somado a esse cuidado em relação ao reducionismo, Barros (2001) nos adverte que a leitura de Klein é trabalhosa, pois seu estilo de escrita é considerado confuso. Além disso, os conceitos apresentam-se às vezes contraditórios e não há uma preocupação por parte da autora em sistematizar suas ideias. Ciente de tais alegações, escolhemos fazer um movimento que segue a linearidade de suas publicações, ao mesmo tempo em que utilizamos como parâmetros temas importantes desvelados por Klein. Também utilizaremos outros autores que procuram aprofundar e contextualizar a obra de Klein, entre eles, destacamos: Baranger (1981), Segal (1993), Petot (2001, 2016), Kristeva (2002), Cintra e Figueiredo (2010) e Cintra e Ribeiro (2018).

Tendo em mente tais considerações que ressaltam a necessidade de ampliação do debate sobre a temática gênero e o cuidado de considerar a produção do conhecimento – a partir do seu contexto histórico – é que acreditamos que a análise dos textos de Klein pode nos ofertar elementos para compreendermos a constituição da identidade de gênero. Isso é possível ao entrelaçarmos os seguintes conceitos presentes na obra da autora: as

³ No original: “Consumer societies tend to simplify academic knowledge ruthlessly, rapidly transforming it into routine techniques ready for consumption. This treatment dislodges the knowledge from the conceptual schemes and the cultural milieu which generated it and which served as its source of inspiration. By this procedure, local consumer groups become *owners* of certain psychoanalytic ideas, simplified by the very use to which the ideas have been subjected. These ideas thus serve to institutionalize and legitimate the domination of these local consumer groups, segregating a large part of the psychoanalytic community from access to the more advanced and innovative forms of psychoanalytic thinking” (Barros, 1995, p. 838).

identificações, as fantasias, a configuração da posição depressiva e esquizoparanoide e os possíveis desdobramentos do complexo de Édipo.

2 Das vivências confusionais e as implicações na construção da identidade de gênero

Há pouco mais de 100 anos, Melanie Klein apresentava seu artigo “O desenvolvimento de uma criança” (1921/1996a), e é por este texto inicial que consideramos importante começar nossas reflexões. Nosso interesse neste artigo centra-se em duas citações as quais nos conduzem a pensar as questões referentes ao gênero, conforme destacamos na sequência. Mesmo este artigo sendo um dos primeiros textos de Klein, visualizamos nele um convite para ampliarmos nossas observações e pensamentos acerca dos conceitos psicanalíticos e do desenvolvimento infantil. Vislumbramos a presença das questões relativas ao gênero desde os primeiros escritos de Klein, quando nos atentamos para as fantasias que ela menciona em relação ao pequeno Fritz. Importante considerar que a temática gênero não era o foco de pesquisa de Klein.

No artigo citado, Klein (1921/1996a) demonstra o trabalho de esclarecimento sexual realizado com uma criança (Fritz), de 5 anos de idade, cujo interesse está em saber sobre a origem dos bebês. À medida que as dúvidas da criança são esclarecidas, outras questões se fazem presentes e podemos ver questões ligadas ao gênero partindo da própria criança. Nas palavras de Klein:

Nessa época, ele começou a perguntar repetidas vezes se a mãe, eu e suas irmãs tínhamos sido sempre meninas, se toda mulher era uma menina antes de crescer - *se ele nunca tinha sido menina algum dia*. Também perguntou se o pai tinha sido menino antes de crescer, se todo mundo, até o papai, era pequeno no início (Klein, 1921/1996a, p. 30; grifo nosso).

No final da página temos ainda:

Com cerca de três anos, demonstrou interesse por joias, especialmente as da mãe (esse interesse se mantém) e dizia repetidamente: **‘Quando eu for uma mulher,**

eu vou usar três broches ao mesmo tempo’. Ele dizia frequentemente: ‘Quando eu for mamãe’... (Klein, 1921/1996a, p. 30; grifo nosso).

As indagações apresentadas por Fritz em relação ao gênero podem ser observadas em qualquer criança na primeira infância. Com isso, queremos direcionar nosso leitor para a ideia de que formulações sobre identidade de gênero também são questões trazidas pelas crianças aos seus pais e responsáveis, juntamente com as questões sobre a sexualidade e as diferenças anatômicas apresentadas pelos corpos.

Consideramos que as reflexões e formulações feitas por Fritz demonstram que as crianças executam um trabalho sobre as questões de gênero, trabalho este que pode ser observado por meio do brincar, das suas fantasias, das pesquisas apresentadas pelas crianças em relação à diferença anatômica dos corpos, das vivências em relação ao complexo de Édipo e ao medo da castração.

Assim, podemos entender que Fritz, em suas indagações, queria saber se mulheres nunca tiveram um pênis (se foram castradas), o querer ser mamãe revela uma identificação com a mãe na posição homossexual, desejo de ser penetrado (complexo de Édipo invertido). Contudo, ao consideramos as questões constituintes dos gêneros, podemos inferir que em sua fantasia há um desejo também em experimentar o ser mulher. Tal desejo está representado pela experiência de ter bebês e usar os adereços que acreditamos na época estarem reservados somente ao gênero feminino, assim como hoje existem elementos das vestimentas e adornos que são reservados ao gênero feminino ou ao masculino. Além disso, ao se questionar se o pai quando criança tinha sido menino, podemos compreender tal indagação como se em algum momento da vida o pai já havia sido menina. Nessa mesma direção, segue o questionamento se a mãe e a irmã, antes de crescerem, tinham sido sempre meninas. Em suas indagações Fritz quer saber: O que é isso de ser menino ou menina? Como acontece? Existe um antes e um depois de ser

mulher ou de ser homem? Um menino pode virar menina ou vice-versa? Um menino pode ter uma experiência de menina? As observações desses elementos dimensionam a complexidade que envolve a constituição da identidade de gênero.

O corpo constitui-se como um importante elemento nessa trama complexa que é a construção da identidade de gênero, o corpo é o objeto ao qual a criança deseja conhecer e tomar posse. Um corpo que se estabelece na relação com o outro, tanto nos aspectos físicos como nos aspectos psíquicos.

Contudo, a representação e a organização da imagem do corpo, em tese, não são de fácil descrição e compreensão. Conforme demonstra Petot (1979/2001), esse entendimento na obra de Melanie Klein sofreu algumas contradições que estão inseridas nos artigos “O papel da escola no desenvolvimento libidinal” e “A análise de criança pequenas” ambos publicados em 1923. Em relação aos artigos publicados por Klein em 1923 citados anteriormente e o artigo “O desenvolvimento de uma criança” (1921/1996a), a Comissão Editorial Inglesa faz uma sinalização e adverte que os textos devem ser lidos como se formassem uma unidade, pois tratam da progressão da libido no ambiente familiar e escolar, bem como da significação simbólico sexual que revestem as inibições apresentadas pelas crianças. Podemos ver, em alguns momentos desses textos, o corpo materno como sendo o que é simbolizado pela criança, de modo que o corpo de Fritz é uma identificação com o corpo da mãe. Em outro momento, Klein aceita a ideia de Abraham que diz que o interesse em relação ao corpo da mãe é precedido pelo interesse da criança em relação ao seu próprio corpo.

Diante desse jogo da prioridade genética da representação do próprio corpo e do conflito psíquico do corpo materno sobre o corpo da criança, Petot (1979/2001) ressalta que podemos compreender essa contradição adotando o seguinte entendimento:

Só é compreensível se se faz a distinção entre uma ordem genética dos investimentos libidinais, que vai do próprio corpo ao corpo da mãe, e uma ordem simbólica das representações na qual só pude ter a imagem do meu corpo através de uma ‘identificação’ com o corpo da mãe (Petot, 1979/2001, p. 64).

Tal entendimento está representado na seguinte formulação apresentada por Petot (1979/2001): o corpo da mãe enquanto objeto do mundo externo tem um grande valor simbólico, pois fornece à criança o único meio de representar seu próprio corpo. Convém esclarecer que a viabilidade da formulação apresentada por Petot (1979/2001), que congrega o genético e as representações simbólicas, é possível por meio da noção de reintrojeção do objeto projetado, noção que nos artigos apresentados em 1921/1996a, 1923/1996b ainda não fora desenvolvida por Klein. Encontramos em Segal (1991/1993) o mesmo pensamento ao fazer referência à simbolização do corpo materno: “A criança introjeta e simboliza o corpo da mãe, e essa mãe interna é então deslocada por sobre o mundo externo. Nessa época Klein ainda não havia formulado o verdadeiro interjogo de projeção e introjeção” (Segal, 1991/1993, p.52). Entendemos que o aspecto genético refere a não separação entre o ego e o não-ego por parte do bebê, que forma uma imagem confusa, mas inteira que só pode ser representada por meio da simbolização do corpo materno.

Diante dessas formulações, poderíamos pensar que se o corpo da mãe é o único objeto pelo qual a criança pode traduzir simbolicamente o seu próprio corpo, poderíamos inferir que a primeira representação simbólica do corpo que a criança faz é com o gênero feminino. Todavia, conforme aprofundamos nossos estudos na obra de Klein, percebemos um elemento complicador quando a autora, em sua teoria, coloca o corpo da mãe como sendo o espaço que contém o pai, como veremos mais adiante ao analisarmos a fantasia do casal combinado. Logo, num primeiro momento esse primeiro objeto externo congrega

em si ao mesmo tempo masculino e feminino. Tal como afirma Kristeva (2000/2002, p. 318), embora o universo kleiniano seja dominado pela mãe, “o célebre seio nunca está inteiramente só: o pênis lhe está sempre fantasisticamente associado”. É sobre esse estado inicial, em que as identificações femininas e masculinas estão misturadas e confusas, que estamos realizando nossas formulações, apoiados nesse processo por Melanie Klein, teorizamos como essas identificações foram se constituindo, de forma confusa no início e quando elas podem se separar e se formular com graus crescentes de discriminação. Para tanto, é importante analisarmos os conceitos de identificação e fantasia que são largamente utilizados por Klein no desenvolvimento de sua teoria.

2.1 Identificação e Fantasia

Pretendemos delinear com esta seção o entrelaçamento dos conceitos de identificação e fantasia e suas implicações na compreensão da constituição da identidade de gênero. A identificação e a fantasia fazem parte, como veremos, da simbolização do gênero. Para melhor explicitar esses conceitos, abordaremos os textos publicados por Klein em (1923/1996c; 1925/1996d; 1926/1996e; 1927/1996g). Ambos os conceitos são amplamente utilizados por Klein em suas primeiras publicações e dão sustentação para o sistema definido por Petot (1971/2001) como protokleiniano em 1923, bem como ao primeiro sistema estabelecido em 1932.

Ao seguir a ordem cronológica dos textos citados anteriormente, observamos que os conceitos de identificação e fantasia estão intimamente ligados e que eles ganham força e sofrem alterações ao longo da teoria kleiniana à medida que Klein, no início, toma a libido como fonte pulsional na base desses processos e depois passa a considerar a agressividade e a pulsão de morte como elementos motivadores para a identificação e a

fantasia. Com a finalidade didática para o entendimento dos conceitos, começaremos a especificar o conceito de identificação e depois o de fantasia.

Roudinesco e Plon (1998, p. 363) definem o conceito de identificação da seguinte forma: “Termo empregado em psicanálise para designar o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chaves de sua evolução dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam”. Também temos em Laplanche e Pontalis (2001, p. 226) que “A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações”. Nesse sentido, entendemos que a identidade de gênero é um atributo ou aspecto que se desenvolve a partir das identificações realizadas na infância.

Encontramos a definição do conceito de identificação também em Hinshelwood (1992) no *Dicionário do pensamento kleiniano*, descrito da seguinte forma:

A identificação refere-se ao relacionamento com um objeto com base em semelhança percebida com o ego. Contudo, trata-se de um fenômeno complexo que possui diversas formas. O simples reconhecimento de uma semelhança com algum outro objeto externo que é reconhecido como possuindo sua própria existência separada constitui uma realização sofisticada. No nível primitivo da fantasia, objetos que são semelhantes são encarados como sendo o mesmo, e esta forma onipotente de fantasia dá origem a uma confusão entre *self* e objeto (p. 354).

O conceito de identificação foi abordado por Freud em vários momentos de sua obra, os dicionários de Roudinesco e Plon (1998) e de Laplanche e Pontalis (2001) elencam os textos freudianos que fazem referência ao conceito de identificação. Laplanche e Pontalis (2001) indicam que o conceito não foi sistematizado de forma satisfatória, mas é possível encontrarmos um detalhamento maior do conceito no texto de Freud “Psicologia de grupo e análise do ego” publicado originalmente em 1921.

Freud (1921/1996b) considera a identificação como sendo o meio pelo qual o sujeito humano se constitui e apresenta três possibilidades em que podemos visualizar a identificação: 1) a forma original do laço afetivo com outra pessoa ou com um objeto e está relacionada a fase oral do desenvolvimento, de modo que o objeto que desejamos é assimilado pela ingestão e é marcado por uma vinculação ambivalente. Há um esforço em modelar o ego de acordo com o objeto tomado como modelo; 2) na fase edipiana de forma regressiva a identificação substitui um objeto que foi escolhido e abandonado, de forma que o ego assume alguma característica do objeto, identificação parcial e de traço único; 3) não há uma relação de objeto com a pessoa com a qual se estabelece a identificação, mas sim um elemento em comum a ser identificado.

Sob o ponto de vista freudiano, a identificação pode ou não ter uma implicação com o sexual, e, quando atrelada ao complexo de Édipo, está relacionada com a sua dissolução. Mediante a impossibilidade da realização libidinal com o pai ou a mãe, os investimentos libidinais são substituídos por uma identificação com a figura parental ou autoridade paterna formando o superego. Interessante observar que, nessa perspectiva freudiana, a identificação ocorre quando o complexo de Édipo é finalizado e seu produto é a identificação com o masculino, a lei do pai (Roudinesco & Plon, 1998).

Ribeiro (2000), no livro *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*, realiza uma discussão muito interessante e importante a respeito da identificação com o masculino, conforme propunha Freud. Ele refaz os caminhos de Freud em relação aos textos que versam sobre a identificação e nos demonstra a dificuldade de Freud em reconhecer que a identificação inicialmente ocorre com o feminino e não com o masculino. Nesse sentido, pensamos que Melanie Klein é uma autora no campo psicanalítico importante ao consideramos as questões sobre gênero,

uma vez que contemporânea a Freud, ela teorizou sobre a identificação com o feminino, conforme veremos ao longo deste trabalho.

Diferentemente de Freud, para Klein, o complexo de Édipo e o superego são formados por um processo que se iniciam ao longo do primeiro ano de vida e permeia toda a primeira infância, de modo que a criança desde o início da constituição psíquica realiza inúmeras identificações. No tocante à formação da identidade de gênero, consideramos importante examinar como acontece o processo de identificação para Klein. Para a autora, este processo de identificação inicialmente não ocorre de forma linear e tampouco primeiramente com o masculino, ou seja, não temos a identificação primeiro com um dos pais e depois com o outro, até mesmo porque estamos falando de um período em que as relações de objetos parciais ou pré-genitais predominam. Em Klein, observamos identificações conjuntas, cruzadas e confusas em relação ao casal parental.

A compreensão sobre conceito de identificação está atrelada ao entendimento sobre a representação e constituição do corpo e da vida psíquica descrito por Klein (1923/1996c), conforme mostramos alguns elementos anteriormente. Nesse artigo, Klein apresenta as ideias de dois autores que são importantes para o caminho que ela está construindo acerca da movimentação e direcionamento da libido e da identificação, estes autores são Sándor Ferenczi e Ernest Jones. Em relação a Ferenczi, encontramos a seguinte citação em 1923:

Ferenczi afirma que a base da identificação, um estágio preliminar do simbolismo, é o fato de que numa etapa inicial de seu desenvolvimento, a criança tenta redescobrir os órgãos de seu corpo e suas atividades em todo objeto com que se depara. Ao estabelecer uma comparação semelhante dentro do próprio organismo, ela provavelmente encontra na parte superior do corpo um equivalente para cada

detalhe da parte inferior imbuído de importância afetiva (Klein, 1923/1996c, p.109).

Completando a formação desse processo de identificação entre objetos diversos e diferentes, temos a ideia apresentada por Ernest Jones, conforme citado por Klein (1923/1996c), de que o processo de identificação seria possível por meio do princípio do prazer. Isto é, como neste momento os autores citados, inclusive Klein, aceitam a noção da primazia da pulsão libidinal, um prazer sexual seria deslocado para estes objetos diferentes e diversos, possibilitando a identificação com tais objetos, como exemplo boca/seio/dedo/chupeta. Também podemos pensar na noção de coito oral em que a pulsão oral está entrelaçada às genitais, de modo que em fantasia o ego deseja o coito como um ato oral de sucção do seio que também contém o pênis.

Ao se referir a Fritz, Klein (1923/1996c, p. 119/120) afirma que “várias fantasias mostravam que ele estava sob a influência da imagem mental do interior do corpo da mãe e, através de uma identificação com ela, de seu próprio corpo”. Conforme salientam Cintra & Ribeiro (2018), Klein explorou o destino das sensações corporais mais primitivas e a sua transformação em fantasia inconsciente, sendo aí o lugar “onde se constitui a mais profunda imagem inconsciente do corpo” (p. 65).

Em outros termos, para Cintra e Figueiredo (2010), a equivalência simbólica do corpo da mãe com o corpo infantil está baseada no valor prazer/desprazer que certas partes do próprio corpo têm para a criança. Essa rede de equivalências simbólicas ou identificações forneceram as primeiras junções simbólicas e o entrelaçamento no campo da fantasia, sendo estes os elementos que posteriormente darão suporte à noção de mundo interno e do seu povoamento com os objetos bons ou maus, conforme as identificações realizadas boca/seio, prazer/desprazer, bom/mau.

Segundo Petot (1979/2001), a noção de identificação apresentada em 1923, mesmo estando dentro do que este autor denominou como sistema protokleiniano, permanecerá e integrará o sistema teórico apresentado por Klein em 1932 com a publicação de *A psicanálise de crianças*. No entanto, temos uma mudança em relação à motivação pulsional da libido para a pulsão de morte, no que tange às identificações, como afirma Petot:

A ordem na qual o instinto de morte investe os órgãos e as partes do corpo da mãe (e não mais do corpo próprio), este corpo como totalidade, depois com base no simbolismo e na ‘geografia do corpo da mãe’ os objetos do mundo exterior, esta ordem permanece exatamente como é descrito nos textos de 1923. (Petot, 1979/2001, p. 75)

Dando seguimento, destacamos o erotismo sádico-anal ligado às identificações, que é entendido por Klein como o prazer atrelado a zona erógena anal e a função excretora, em que estão misturados o prazer, a crueldade, o sentimento de domínio e de posse.

Esse caráter sádico-anal que reveste as identificações pode ser visualizado no artigo “Uma contribuição à psicogênese dos tiques” (Klein, 1925/1996d), quando a autora descreve inúmeras fantasias apresentadas pelos pacientes Felix e Werner em relação ao casal parental. Mas, a importância desse artigo para nossa pesquisa resulta da constatação de que Klein apresenta as primeiras formulações sobre a identificação com um objeto, no caso os pais na relação sexual e o superego como resultante dessa identificação. Ao analisar os tiques apresentados por Félix e Werner, Klein pôde entrar em contato com as fantasias concernentes à cena primária e ao complexo de Édipo “a identificação, calcada na cena primária, com ambos os pais na relação sexual, quando na sua mente o menino

participava tanto como observador quanto como objeto amoroso” (Klein, 1925/1996d, p. 140).

O interjogo sexual apresentado no caso dos pacientes Félix e Werner em relação aos pais coloca em cena a complexidade que envolve a constituição da identidade de gênero. Compreendemos que a identificação simultânea com ambos os pais implica na identificação com um objeto confuso e enigmático, como veremos mais adiante ao descrevermos a fantasia do casal combinado apresentada por Klein. Vejamos, nas palavras da própria autora, a possibilidade de uma identificação simultânea com o pai e a mãe, o vai e vem das identificações e os seus elementos:

A identificação com o pai foi encoberta por uma identificação com a mãe (atitude homossexual passiva); devido a ansiedade de castração particularmente forte, essa atitude foi substituída mais tarde pela retomada de uma atitude ativa. Criou-se novamente uma identificação com o pai que, no entanto, não podia mais ser bem-sucedida, pois as características do pai estavam fundidas ao próprio ego do paciente. O ego do paciente, amado pelo pai, então surge como novo objeto amoroso (Klein, 1925/1996d, p. 148).

A descrição dessa passagem demonstra algumas possibilidades de identificação com o casal parental: a identificação com a figura do pai fica em um segundo plano em relação a uma posterior identificação com a figura da mãe, formando uma sobreposição das figuras e uma nova identificação com o pai. Deduzimos, portanto, que o movimento que forja a constituição psíquica é acompanhado pela marcha constante e confusa das identificações com as figuras maternas e paternas.

Ao pensarmos sobre as múltiplas e complexas identificações realizadas pela criança ao longo do seu desenvolvimento psíquico, vislumbramos o laborioso trabalho que encerra a constituição do gênero, uma vez que para Klein (1925/1996d) masculino e

feminino estão no princípio unidos e misturados. Klein (1926/1996e) considera que “a brincadeira de representar papéis serve para separar essas diversas identificações que agem dentro da criança e que tendem a formar um todo único” (p. 157).

A compreensão desse todo único que é formado pela conjunção do pai e da mãe quando da internalização de ambas as imagos durante as vivências do complexo de Édipo, ao longo do desenvolvimento psíquico, só é possível porque, segundo Kristeva (2000/2002), Klein inova ao propor um modelo psicanalítico da sexuação alicerçado no casal. De forma que mãe e pai estão unidos e combinados em um coito sádico, sendo essa indiferenciação do casal que promove o sadismo e a confusão no ego do bebê.

Consideramos importante o exame do artigo “Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas” (1926/1996e), porque é nesse texto de 1926 que Klein sugere que o superego existe na criança bem mais cedo do que supunha Freud. Sendo o superego primitivo composto de várias identificações e tendo por característica ser mais cruel e ser um fardo para o frágil ego da criança. Além da antecipação do superego, Klein modifica a forma como ele é constituído, pois começa a atribuir importância às pulsões agressivas que ainda não se constituem pela pulsão de morte como veremos em 1932. Nesse processo de identificação com os objetos, vemos que as fantasias assumem um papel importante. À medida que Klein (1926/1996e) examina seus pacientes, percebe as inúmeras identificações realizadas e que estas são revestidas por fantasias que não representam os pais da realidade objetiva, tamanha a crueldade e distorções apresentada nessas fantasias. Neste sentido, ela considera que são as fantasias sádicas que suscitam concepções confusas e assustadoras do relacionamento sexual como, por exemplo, a fantasia do casal combinado. Em nosso entendimento, também afetam a formação da identidade de gênero.

As fantasias primitivas sádico-orais e sádico-anais, que são expressas por meio de morder, cortar e roubar a mãe, geram um poderoso sentimento de culpa, que reforça a

fixação na mãe. Para Klein (1926/1996e), tal situação é um fator complicador, pois como forma de se defender das condenações impostas pelo superego a criança apela para suas tendências homossexuais, fortalecendo e criando o complexo de Édipo invertido. A autora destaca que:

Devido ao estágio sádico oral e sádico anal pelo qual está passando, a criança entende a relação sexual como uma ação onde comer, cozinhar, trocar as fezes e atos sádicos de todos os tipos (bater, cortar e assim por diante) desempenham o papel mais importante. Gostaria de enfatizar o fato de como a conexão entre essas fantasias e a sexualidade se tornam importante num estágio posterior da vida. Todas essas fantasias terão então aparentemente desaparecido, mas seu efeito inconsciente tem uma grande importância na frigidez, na impotência e em outros distúrbios sexuais (Klein, 1927/1996g, p. 204).

Em nosso entendimento, a configuração da trama psíquica que começa a ser desenhada por Klein indica que o sadismo é direcionado à mãe, enquanto objeto libidinal, sendo o interior do seu corpo representado por meio da fantasia. Em outras palavras, trata-se de uma metáfora que nos remeteria ao mito do Andrógino, no que tange à unicidade e à confusão do gênero, como estamos supondo que está implícito nas ideias kleinianas.

Antes de adentrarmos no conceito de fantasia, acreditamos ser necessário falarmos um pouco sobre o mito do Andrógino. De acordo com Menezes (2018), encontramos a explicação sobre o mito do Andrógino no texto de Platão descrito como “O Banquete”, a proposição do texto refere à qual seria a real natureza humana. Nas palavras de Menezes (2018):

É o primeiro mito sobre gênero que temos registro. Aristófanos usará esse mito para tentar dar conta do humano como um todo, falando de todos os tipos de amores possíveis e não somente um em específico. Ele começa dizendo que no princípio

havia três gêneros: masculino, feminino e o andrógino. Isso porque os homens seriam duplos, tendo duas cabeças, quatro pernas, quatro braços, etc. Os três gêneros representavam a forma completa da humanidade, sendo o masculino a junção de homem + homem, originando-se do sol, o feminino seria a junção da mulher + mulher, originando-se da terra e o andrógino, seria a junção de homem + mulher, originando-se da lua (p. 172).

Segundo Menezes (2018), os homens desafiam os deuses e recebem como punição a divisão de seus corpos, o que antes era uno se transforma em dois. Transformados em um ser incompleto, os homens passam a morrer de fome e de inércia, pois anseiam pela outra metade. Tomado por compaixão, Zeus utiliza o expediente do amor/*Eros* para resolver o problema. A partir daí, Aristófanes descreve a possibilidade de várias ligações por amor, sendo o desejo sexual o elo que une os homens (homossexual), as mulheres (homossexual) e os homens e as mulheres (heterossexual). Seria por meio desse amor e dessa união que os homens teriam sua natureza resgatada e curada, pois ao encontrar a sua metade, seja ela qual for, voltariam a ser um ser completo único. “Dessa forma, Aristófanes pretende abarcar o todo das possibilidades amorosas entre os humanos. *Eros* tem papel fundamental para reunificar os homens e salvá-los da solidão a que foram condenados” (Menezes, 2018, p. 173).

Observamos que o mito do Andrógino, conforme salienta Menezes (2018), busca dar conta da diversidade e complexidade que envolve a natureza humana, representando, de forma simbólica, o desenvolvimento psíquico que permeia a constituição da identidade de gênero. A força pulsional de *Eros* é a responsável pela reunião das partes separadas e sob a natureza do anseio sexual podemos dizer que haveria uma busca incessante pela reunião das partes outrora perdidas. Isso nos remete a pensar na importância que tem o reconhecimento do objeto amado para a formação psíquica. Também encontramos no

mito elementos que nos fazem pensar na pulsão de morte, nos ataques que os homens fazem aos deuses e do retorno desses ataques, de forma bem persecutória por meio do pai - no caso Zeus, que pune os humanos com a separação dos gêneros.

Como citamos anteriormente, a unicidade da junção do feminino e do masculino presente no mito do andrógino na leitura que estamos fazendo de Klein é responsável pela confusão do gênero, pois esse andrógino em Klein, formado pela união do casal parental, é extremamente assustador e persecutório. Assim sendo, veremos ao longo deste trabalho que é justamente por meio da discriminação e separação das partes, do masculino e do feminino, que ocorreria a constituição da identidade de gênero.

Diante de tal constatação, observamos a presença do binarismo na constituição da identidade do gênero e lançamos os seguintes questionamentos: A leitura realizada a partir da obra de Klein sobre a constituição da identidade de gênero teria uma marca binária? Ou, seria tal como na descrição do mito do andrógino apresentado em *O banquete* que ressalta que a constituição dos gêneros teria três possibilidades abarcando as mais diferentes formas de subjetivação psíquica encontradas na atualidade quando nos referimos à identidade de gênero?

Realizada tal digressão, voltemos ao entendimento da noção de fantasia. A complexidade que encerra a noção de fantasia foi estudada por Susan Isaacs (1952/1982) e Hanna Segal (1973/1975), cujas conclusões são de que as fantasias são as expressões mentais das pulsões e ainda compõem um sistema defensivo. Para as autoras, no sistema defensivo há a gratificação derivada da fantasia contra a realidade externa em relação à frustração; há, também, uma defesa contra a realidade interna, a fantasia de satisfação de um desejo envolve a defesa em relação a própria fome e raiva, ou seja, a realidade interna. Como afirma Segal: “Quanto mais primitiva a introjeção, mais fantástico são os objetos

introjetados e mais deformados pelo que neles foi projetado” (Segal, 1973/1975, pp. 30-31).

O conceito de fantasia não foi sistematizado por Melanie Klein e, por isso, traz algumas dificuldades sobre seu entendimento. Nas palavras de Baranger (1981): “O que nos leva ao nó do problema. Se as fantasias inconscientes estão por trás de cada fenômeno observável, é que lhes são pré-existentes e então o remetem aos instintos e ao corpo” (p. 58).

Então, para Baranger (1981), o problema na compreensão sobre a fantasia recai sobre o entendimento do conceito de corpo. É muito importante sabermos que falamos de um corpo diferente daquele descrito pela anatomia e pela fisiologia. Estamos falando de um corpo-objeto, isto é, um corpo da fantasia, um corpo do delíto. O autor salienta que todos os delíto imaginários cometido na infância são corporais. O autor afirma que:

Na atualidade, tendo sido eliminado o princípio da continuidade genética das teorias analíticas, não cabe outorgar à fantasia inconsciente prioridade estrutural alguma com relação ao objeto. Fantasia e objeto dão-se em uma mesma experiência. Provém de um preconceito a diferenciação entre o objeto da fantasia e o objeto como estrutura psíquica (Baranger, 1981, p. 60).

Considerando as proposições descritas acima sobre a fantasia e o objeto, Segal (1991/1993) salienta que as fantasias psicossomáticas acompanham o processo de crescimento e o teste de realidade, persistindo em nossa personalidade, desempenhando um papel dinâmico ao longo do nosso desenvolvimento. A pesquisadora afirma que “Experiências físicas são interpretadas como relações objetais em fantasia, dando-lhes significado emocional” (Segal, 1991/1993, p. 35).

É por meio desse movimento de fantasias que o ego realiza a identificação com alguns objetos. Alguns desses objetos são assimilados no ego e favorecem seu

desenvolvimento e salientam suas características, outros permanecem como objetos internos e separados (superego), mas mantendo relação com o ego. Esses objetos internos também mantêm relação uns com os outros. De acordo com Segal: “A estrutura da personalidade é amplamente determinada pelas mais permanentes das fantasias que o ego tem sobre si mesmo e sobre os objetos que contém” (Segal, 1973/1975, p. 31).

Conforme o modelo estrutural proposto por Freud, o superego decorre da fantasia de ter introjetado um objeto, convém esclarecer que, para Klein, a natureza desse objeto introjetado em fantasia não é determinado apenas pela realidade do objeto, mas também pelas projeções realizadas pelas crianças. A partir dessas projeções efetivadas em fantasia, temos a criação de um objeto interno em fantasia. Nesse sentido, Segal (1973/1975) afirma: “Podemos ver a fantasia inconsciente e as estruturas que se desenvolvem a partir dela como determinantes da estrutura básica e do caráter da personalidade como a matriz de nossa estrutura mental” (p. 40).

Embora a vida de fantasia de uma criança assumam tons cruéis, dada a qualidade de suas fantasias, sabemos que a criança é dominada por seus impulsos e que essas fantasias também estão na base da vida criativa e social. Klein (1927/1996f) afirma que é comovente e dramática a maneira como uma criança luta contra suas tendências antissociais. Assim, depois de presenciarmos a fúria dos impulsos sádicos, vemos as crianças darem mostras de sua capacidade de amar e da sua capacidade em fazer sacrifícios na busca pelo amor. É por meio das resoluções das fixações e da liberação das tendências agressivas que as sublimações podem ser empregadas no trabalho criativo.

Ao tomar contato e relacionar as diversas fantasias apresentadas pelas crianças, Klein (1928/1996h, 1929/1996i) afirma que a ansiedade mais profunda, tanto nos meninos, quanto nas meninas, advém de uma imago formada a partir dos ataques realizados contra o corpo da mãe; é a figura de uma mãe ameaçadora que possui um pênis

hostil, ou seja, isso representa a figura dos pais combinados. A partir desta tematização do interior da mãe repleto de objetos (seios, pênis e bebê) aos quais a criança deseja possuir e conhecer, está montado o ambiente em que a criança poderá ou não penetrar, a depender da força das suas pulsões sádicas e da possibilidade de colocá-las a serviço do jogo simbólico que permite o desenvolvimento psíquico e de sua identidade.

2.2 A Fantasia e suas Confusões: da Equivalência Simbólica ao Símbolo e a Simbolização

Seguindo a ordem cronológica das publicações kleinianas, esta seção examinará os artigos “Estágios iniciais do conflito edipiano” (1928/1996h), “Personificação no brincar das crianças” (1929/1996i), “Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criativo” (1929/1996j), “A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego” (1930/1996k), “Uma contribuição à teoria da inibição intelectual” (1931/1996l). Contudo, como nosso interesse nesta seção é a fantasia e suas confusões, optamos por falar sobre o complexo de Édipo, que é tema do texto “Estágios iniciais do conflito edipiano” (1928/1996h), de forma mais detalhada no capítulo 3 deste trabalho.

De acordo com Klipan (2022), podemos observar que a partir do artigo publicado em 1928 está em curso no trabalho de Melanie Klein uma descentralização do eixo fálico. O corpo da mãe passa a ser o lugar de instauração da gênese psíquica. “ele [o corpo materno] contém objetos que são parciais, masculinos e femininos. O pênis está contido na mãe. Se ocorre a inveja do pênis, é porque a mãe é detentora de sua posse” (Klipan, 2022, p. 114).

Compreendemos que a fantasia do casal combinado começa a ser delineada por Klein com a publicação do artigo “Estágio inicial do conflito edipiano” (1928/1996h).

Com essa fantasia, vemos que o bebê é permeado por impulsos sádicos e sexuais que são contraditórios, aliados a uma curiosidade sexual, em um momento em que não consegue compreender e nem se expressar, dada a fragilidade do seu ego.

Convém esclarecer que nos textos publicados entre 1928 e 1931 Klein não utiliza o termo fantasia do casal combinado, esse termo aparece no livro *Psicanálise de criança* em 1932. Esse entendimento sobre a cronologia dos termos e de como eles vão sendo ampliados ou modificados é importante, pois é em 1932, juntamente com a fantasia do casal combinado, que Klein fala sobre a clivagem cuja função positiva é a discriminação de tudo aquilo que estava confuso, ou seja, a mãe e o pai; masculino e feminino (Baranger, 1981).

De acordo com Petot (1979/2001), é preciso esperar por 1927 para encontrar a menção da fantasia na qual a criança espera achar, no interior do corpo materno, o pênis do pai incorporado durante o coito. A partir daí está tudo pronto para que seja tematizado a imagem unificada dos pais, o que será feito em 1929. Em nossas leituras, pudemos constatar que Klein faz referência à fantasia do casal combinado a partir dos textos de 1927, porém, a descrição do termo fantasia do casal combinado é encontrada somente em 1932.

Aqui, nos interessa saber que o complexo de Édipo começa no período do desmame e está envolto por uma situação que mescla confusão e a instabilidade dos impulsos. Isso porque, em seu começo, são os impulsos pré-genitais que prevalecem estando os impulsos genitais à sombra dessa situação.

Apesar da fragilidade do ego do bebê, Klein (1928/1996h) afirma que a criança pequena já possui uma consciência inicial sobre o corpo da mãe e seus conteúdos, de modo que a ansiedade mais profunda é resultante dos ataques realizados contra o corpo da mãe, ou seja, de uma imagem de uma mãe que possui o pênis dentro de si, sendo essa

primeira imagem que mais tarde em sua obra receberá o nome de *fantasia do casal combinado*. A esse respeito Klein afirma:

A conexão inicial entre o impulso epistemofílico e o sadismo é muito importante para todo o desenvolvimento mental. Essa pulsão, ativada pelo surgimento das tendências edipianas, volta-se de início principalmente para o corpo da mãe, visto como palco de todos os processos e desenvolvimentos sexuais. Nesse ponto, a criança ainda está dominada pela posição libidinal sádico-anal, que a impele ao desejo de se apropriar do conteúdo desse corpo, sua aparência, etc. Assim, a pulsão epistemofílica e o desejo de se apossar do objeto estão intimamente ligados desde muito cedo e, ao mesmo tempo, associam-se ao sentimento de culpa criado pelo conflito edipiano incipiente. Essa conexão importantíssima dá início a uma fase de desenvolvimento que é essencial em ambos os sexos, mas que até agora não foi muito reconhecida. Trata-se de uma fase identificação muito inicial com a mãe (1928/1996h, p. 218).

Segundo Klipan (2022), podemos observar que o feminino começa a assumir um lugar de destaque na obra de Klein. Em nossa leitura dos textos kleinianos, pensamos que é nessa fase inicial de identificação com a mãe, ou seja, com o feminino, que acontece o encontro da criança com o gênero. No entanto, o gênero feminino congrega dentro de si também o masculino, então, o primeiro encontro acontece com ambos os gêneros feminino e masculino. O jogo sádico em que está envolvido o desenvolvimento psíquico do bebê implica o ataque contra o corpo da mãe, e, portanto, também implica a luta contra o pênis do pai inserido dentro do corpo da mãe. Essa fantasia da união dos pais, associada ao superego torna o jogo sádico mais cruel e assustador, tal como pensado por Klein (1929/1996i).

Portanto, o superego é formado por inúmeras identificações realizadas ao longo do desenvolvimento infantil, como destacado no artigo “Personificação no brincar das crianças” (Klein, 1929/1996i). Neste artigo, Klein esclarece que as imagos formadas no início do desenvolvimento do ego carregam a marca dos impulsos pré-genitais, mas são constituídas a partir dos objetos edipianos reais. Por meio deste artigo, Klein demonstra que a personificação usada pelas crianças durante as brincadeiras são representações de suas imagos internas, sendo os mecanismos responsáveis por essa personificação a cisão e a projeção que agem no sentido de tornar o conflito psíquico menos intenso, mais suportável através do deslocamento para o mundo externo possibilitado pela personificação nas brincadeiras.

Esse superego assustador também é demonstrado no artigo “Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criativo” (1929/1996j). Nesse texto, Klein faz a análise de uma obra de arte, trata-se do livreto, escrito por Collete, *A palavra mágica*, para uma ópera de Ravel e de um artigo escrito por Karin Michaelis, “O espaço vazio”. O importante a destacar é que na análise que Klein faz do livreto *A palavra mágica* “as coisas representam seres humanos e, portanto, são objetos de ansiedades” (Klein, 1929/1996j, p. 244). Assim, vemos o personagem realizando um intenso ataque aos seus pais da fantasia; também podemos observar o desejo de reparação quando o personagem cuida de um esquilo que foi ferido. Em *O espaço vazio*, que trata sobre o estado de depressão vivido pela pintora Ruth Kjar, na análise feita por Klein, ela associa os ataques realizados ao casal parental como motivadores para a depressão da pintora e de como o desejo de fazer reparação promovem o impulso criativo, ao afirmar: “Óbvio que o desejo de fazer reparação, de compensar a injúria psicológica feita à mãe e de restaurar estava por trás do ímpeto irresistível de pintar esses retratos de parentes” (Klein, 1929/1996j, p. 248).

Esse contato com os aspectos mais primitivos da psique infantil ligados ao sadismo permite a Klein um novo direcionamento em seus trabalhos no atendimento de crianças. Dessa forma, em 1930, ela realiza o atendimento de uma criança descrita com traços psicóticos. No artigo “A importância da formação dos símbolos no desenvolvimento do ego” (1930/1996k), Klein conecta as ideias apresentadas em 1928 de que no estágio inicial do desenvolvimento o sadismo está ativo em todas as fontes do prazer libidinal e tem por objetivo a posse e destruição dos conteúdos encontrados no interior do corpo materno e argumenta, ainda, que o conflito edipiano começa num período em que o sadismo é predominante.

Klein (1930/1996k) afirma que a ansiedade psicótica vivenciada nesse período é a responsável pelo bloqueio do desenvolvimento da relação afetiva e cognitiva com a realidade, e que a nossa ver também impediria a simbolização da identidade de gênero. A autora afirma que “Uma certa quantidade de ansiedade é a base necessária para que a formação de símbolos e a fantasia ocorram em abundância; é essencial que o ego possua a capacidade adequada de tolerar a ansiedade, a fim de elaborá-la de forma satisfatória” (Klein, 1930/1996k, p. 253).

Nesse texto de 1930, Klein apresenta o caso de Dick e relaciona a incapacidade dessa criança em realizar um jogo simbólico com a sua impossibilidade em conservar e manter os símbolos verbais, remetendo a uma distorção muito mais importante, que é a da representação simbólica. Convém lembrar que, anteriormente, Klein (1923/1996b) descrevia o simbolismo como um processo de natureza libidinal que estava na base de toda sublimação e talento, pois era por meio da igualdade simbólica que coisas e atividades se tornavam conteúdos de fantasias libidinais. No entanto, nesse texto de 1930, ela acrescenta a ansiedade no processo de formação simbólica. Segundo a autora:

Afirmar que, juntamente com o interesse libidinal, é a ansiedade que surge na fase que acabo de descrever que põe em movimento o mecanismo da identificação. Uma vez que a criança deseja destruir os órgãos (pênis, vagina, seio) que representam os objetos, estes passam a ser uma fonte de pavor. Essa ansiedade contribui para que a criança iguale os órgãos em questão com outras coisas; como resultado, estes também se tornam objetos de ansiedade e ela se vê obrigada a estabelecer constantemente novas equiparações, que formam a base do simbolismo e de seu interesse nos novos objetos (Klein, 1930/1996k, p. 252).

A citação descrita acima nos leva à compreensão de que a formação do símbolo ocorre a partir da relação estabelecida com o objeto. O interjogo sádico estabelecido na relação do bebê com a mãe é permeado pelos ataques sádicos, pela ansiedade e pelo medo de sofrer retaliações. A tolerância e a capacidade de vivenciar a ansiedade despertada nesse momento inicial do conflito edípiano possibilita a uma busca por novos objetos externos que podem ser visualizados por meio das brincadeiras infantis.

De acordo com Petot (1979/2001), no artigo apresentando por Klein em 1930, não há uma clareza na definição entre o que seria a equivalência e o símbolo propriamente. Por conta dessa confusão entre os termos, é necessário recorrermos a Hanna Segal (1991/1993); em suas palavras:

Na equação simbólica o símbolo-substituto é sentido como sendo o objeto original. As propriedades intrínsecas do substituto não são reconhecidas ou admitidas. A equação simbólica é usada para negar a ausência do objeto ideal ou para controlar o objeto persecutório. O símbolo propriamente dito, disponível para sublimação e propiciador de desenvolvimento do ego, é sentido como representando o objeto. Suas características próprias são reconhecidas, respeitadas e utilizadas. Ele surge quando os sentimentos depressivos predominam sobre os

esquizoparanóides, quando a separação do objeto, a ambivalência, a culpa e a perda podem ser vivenciadas e toleradas. O símbolo não é usado para negar a perda, mas para superá-la (Segal, 1991/1993, p. 55).

Portanto, é por meio dessa significação simbólica dos objetos que estes podem ser utilizados nas sublimações. Como sublimar fantasias e tendências masturbatórias ao tocar um violino; em contrapartida, a não capacidade em manejar símbolos apresentada pelo psicótico refere a equivalência ou equação simbólica, ou seja, o significado de tocar violino, para o inconsciente, é o mesmo que estar se masturbando (Petot, 1979/2001).

De acordo com Petot (1979/2001), podemos entender a identificação simbólica apresentada no texto kleiniano em três momentos, que remetem do mais tardio ao mais primitivo: 1) Equivalências horizontais de coisas para coisas que não possuem valor de referência entre si, a relação dependência de cada coisa está atrelada a uma equivalência comum, ao objeto interno. Um exemplo é o lavatório, o armário e o aquecedor elétrico na apresentação do caso de Dick que significa de forma simultânea a relação com o corpo da mãe; 2) Equivalências entre objetos libidinais/ansiógenos e objetos físicos no texto kleiniano no qual tal equivalência é apresentada pela projeção do objeto que foi introjetado e causador de medo, de forma simples esse movimento possibilita atenuar a ansiedade do objeto interno tão temido pelo seu equivalente objeto da realidade; 3) Equivalências simbólicas entre os objetos parciais. Nesta equivalência, todos os órgãos são equivalentes imediatos do inconsciente, essa equivalência primária tem por função dominar a ansiedade e para isso utiliza a fragmentação e a distribuição em numerosos objetos.

Contudo, Petot (1979/2001) afirma que falta a Klein dar um sentido para essas equivalências. Para ele, essa falta de sentido e compreensão sobre as equivalências se

deve ao fato de que, para Melanie Klein, as equivalências assumem um caráter negativo, assim ele esclarece:

Se os objetos libidinais ou ansiógenos são ‘representados por seus órgãos’, se seio, pênis, fezes, bebês permutam sem cessar seus significados e seus investimentos, não se deve ver aqui um fato semiótico resultante de um ato mental de síntese, mas sim o resultado de uma inaptidão para a discriminação. Não estamos aqui diante o registro do simbolismo propriamente dito, que supõe o processo secundário . . . mas sim diante da confusão e, utilizando a linguagem da época, de uma ‘**lógica afetiva**’ **que ignora o princípio da identidade e não-identidade** (Petot, 1979/2001, p. 164, grifos nossos).

Segundo Petot (1979/2001), não há, por parte de Klein, em 1930, o interesse em teorizar sobre equivalência ou símbolo. Seu interesse é demonstrar a aplicabilidade deles, no que tange o desenvolvimento da vida de fantasia, quando promovem ou inibem o jogo simbólico. Ao falar que Dick parou seu desenvolvimento e a formação do símbolo porque não podia penetrar a mãe, isso significa dizer que há uma equivalência entre a ação inibida, o ataque sádico-oral e o caráter paralisante desta equivalência. Isto é, não foi possível para Dick viver na fantasia a relação sádica com o corpo da mãe.

Importante assinalar que a situação apresentada por Dick indica um excesso de significado, de investimento na realidade e não a sua falta. A fantasia de despedaçar e cortar é muito pesada; cortar com a faca é confundido com atacar o seio a dentadas. O símbolo não é distinguido da coisa simbolizada, não sendo possível a descarga sublimada das pulsões agressivas. Como afirma Petot, “Assim a pretensa falta de capacidade simbólica se traduz não por uma ausência de significação dos objetos ou das atividades a eles relacionadas, mas pela proliferação incontrolável de seus significados” (Petot, 1979/2001, p. 165).

Ao caracterizar as inibições intelectuais apresentadas por John no artigo “Uma contribuição à teoria da inibição intelectual” (1931/1996l), Klein descreve o processo de discriminação e diferenciação que permeia o jogo simbólico envolvendo a mãe e o pai. O texto apresenta as fantasias sádicas que John direciona contra os pais no coito, como podemos ver no excerto: “Toda a cena na água era o interior do corpo da mãe - o mundo. A casa de carne representava o corpo da mãe e o menino. Os caranguejos simbolizavam o pênis do pai e eram em quantidade incalculável” (Klein, 1931/1996l, p. 272). O trabalho de análise desenvolvido com John permite a ele “representar a si mesmo tendo um coito simbólico com a mãe e investigando seu corpo” (p. 275). John pode olhar “simbolicamente para dentro do corpo da mãe e o restaurou, além de encontrar seu próprio pênis novamente” (p. 277). Explicando melhor esse processo, Klein (1931/1996l) salienta:

Ao mesmo tempo em que a maior habilidade de John para compreender as condições no interior do corpo da mãe levou a uma maior capacidade de entender e avaliar o mundo exterior, a redução de sua inibição em conhecer o interior de seu próprio corpo levou a uma compreensão mais profunda e a um melhor controle de seus próprios processos mentais: assim, ele pôde impor uma ordem na própria mente. O primeiro processo resultou numa maior capacidade de absorver conhecimento; o segundo trouxe uma maior habilidade para elaborar, organizar e correlacionar o conhecimento obtido, Esses dois conteúdos fundamentais da ansiedade (relacionada a ao corpo da mãe e ao corpo do próprio indivíduo) se condicionam mutuamente e afetam um ao outro em seus mínimos detalhes (p. 279).

A análise do caso Dick e John nos mostra algo que é comum entre a psicose e o início do complexo de Édipo, ou seja, a existência de relação entre termos equivalentes,

sendo este um processo que é permeado pela falta de discriminação, pela incapacidade entre discriminar símbolo e o objeto simbolizado. Portanto, esse processo faz parte do desenvolvimento de modo geral e a aquisição dessa capacidade de discriminar e diferenciar os símbolos e os objetos simbolizados está intimamente relacionado com a metáfora dos pais combinados, apresentada por Klein em relação ao feminino e ao masculino.

2.3 Transubstanciação: a Fantasia do Casal Combinado

A consolidação das ideias e noções apresentadas por Melanie Klein tomam força e ganham o status de um sistema teórico com a publicação do livro *A Psicanálise de crianças*, no ano de 1932. De acordo com Klipan (2022), o livro *A psicanálise de crianças* “É um livro que se tornou um marco. Pela primeira vez, de forma explícita, Klein adotava os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte, numa estrutura dialética de amor e ódio, base de seus conceitos posteriores de posição depressiva e esquizoparanóide” (p. 121). O livro está dividido em duas partes, sendo a primeira parte composta por sete capítulos, os quais são dedicados a apresentação da técnica da análise de crianças. Na segunda parte, temos cinco capítulos que tratam sobre a ansiedade e seus efeitos no desenvolvimento infantil. Nesse sentido, Klein retoma algumas publicações realizadas anteriormente aprofundando suas ideias, uma vez que passa a considerar a dualidade pulsional como determinantes no desenvolvimento psíquico.

Nosso interesse se concentra sobre o exame do oitavo capítulo, que é apresentado com o título “Estágios iniciais do conflito edipiano e a formação do superego”. Nesse capítulo, Klein (1932/1997a) procura demonstrar que o conflito edípico e a formação do superego começam na metade do primeiro ano e se estendem até o terceiro ano de vida da criança. A leitura que estamos fazendo sobre a constituição da identidade de gênero

acompanha esse processo e percurso descrito por Klein em relação ao conflito edípico e a formação do superego, uma vez que é nesse período inicial do conflito psíquico que temos configurada a fantasia do casal combinado e o apogeu do sadismo, período este que será descrito posteriormente como posição esquizoparanoide.

É interessante apresentarmos as considerações de Petot (1979/2001) acerca do surgimento da noção de casal combinado. Assim, entre os anos de 1927 e 1932, o sadismo máximo não visa o seio ou a mãe, mas, sim, o casal combinado, unidos pelo ato sexual. A descoberta da imagem unificada ou combinada dos pais é resultado de duas ideias: na primeira, da agressividade direcionada contra a mãe, temos a passagem dos ataques direcionados ao seio, para a mãe e para seu interior. A segunda resulta dos atendimentos e observação das crianças em relação à apresentação e representação das concepções sádicas do coito que elas demonstravam.

De acordo com Petot (1979/2001), é no texto apresentado por Klein, em 1927, que aparece a ideia de que o sadismo tem por primeiro objeto libidinal a mãe e o interior do corpo representado por meio da fantasia. Essa proposição surge em resposta ao questionamento do porquê o superego das crianças pequenas é formado a partir de uma imagem irreal dos pais (que cortam, castram e devoram). Portanto, depreendemos das discussões apresentadas que primeiramente a criança desejou destruir o objeto libidinoso e por consequência vem a retaliação por parte dos pais, ou seja, a *lei de talião*; em relação à descoberta do interior do corpo da mãe enquanto alvo do sadismo, o direcionamento é dado pela pulsão do saber.

Klein (1932/1997a) estabelece o interior do corpo materno como o lugar em que estão abrigados os objetos com os quais a criança se depara no seu desenvolvimento e o lugar em que o conflito psíquico será tematizado e representado. Nas palavras de Petot (1979/2001):

O objeto atacado não coincide com o objeto real da percepção, mas sim com uma *imagem* irreal ou *suposta*, cujo caráter interior é desta vez, claramente afirmado: trata-se da mãe enquanto ‘bolsa de pele’ que envolve e contém os objetos parciais, do ‘ventre materno’ enquanto teatro suposto de todos os processos e de todos os desenvolvimentos sexuais (p. 149).

Como uma das forças que impulsionam e formatam o conflito psíquico está relacionada ao sadismo na teoria kleiniana, convém apresentarmos suas ideias a este respeito. Para Klein (1932/1997a), a pulsão de morte é dirigida para o próprio organismo, e deve, portanto, ser encarada pelo ego como um perigo, sendo esse perigo que a autora descreve como ansiedade. Diante dessa situação de ansiedade mobilizada pelas pulsões destrutivas, temos o surgimento e utilização de uma das defesas mais primitivas, descrita como a deflexão da pulsão de morte para os objetos externos, ao qual passa a influenciar a relação da criança com estes objetos. Ocorre, portanto, uma transferência de perigos pulsionais internos para os objetos externos, transformando os objetos externos em algo perigoso que precisa ser destruído. Tal situação é amplamente marcada pelo desenvolvimento e exercício das pulsões sádicas.

De acordo com Klein (1932/1997a), o sadismo é intensificado pela frustração oral sofrida pela criança, de modo que nem os anseios libidinais e nem os destrutivos podem ser gratificados. Klein (1932/1997a) sugere que as crianças possuem um conhecimento inconsciente de que os pais desfrutavam prazeres sexuais mútuos e que estes seriam do tipo oral; de modo que o pênis do pai seria incorporado pela mãe durante o ato sexual e permaneceria dentro dela; assim, todo ataque dirigido contra a mãe é também dirigido contra o pai. Vejamos as palavras de Klein a esse respeito:

O medo do pênis paterno incorporado pela mãe é tão esmagador porque nesse estágio arcaico de desenvolvimento o princípio *pars pro toto* se mantém em vigor

e o pênis também representa a pessoa do pai. Assim o pênis dentro da mãe representa a combinação de pai e mãe em uma só pessoa, sendo essa combinação encarada como particularmente aterradora e ameaçadora (1932/1997a, p. 153).

Em relação aos ataques sádicos realizados em direção aos pais unificados no ato sexual, estes visam a destruição dos pais tanto individualmente quanto em conjunto. Há também a fantasia em que os pais se destroem um ao outro por meio dos genitais e dos excrementos. Logo, a criança também espera uma punição conjunta dos pais.

Embora dissemos anteriormente que trataríamos especificamente do complexo de Édipo no próximo capítulo, as ideias apresentadas até aqui nos permitem observar que, tanto no complexo de Édipo direto ou no invertido, os ataques sádicos realizados pela criança são acompanhados também de amor e ternura para com o objeto das pulsões incestuosas, ou seja, a criança conserva uma relação positiva com um dos pais.

Klein (1932/1997a) afirma que nesse período o conflito não é claramente visível pois, a criança pequena não dispõe de tantos meios para dar expressão aos seus sentimentos e as relações com os objetos nessa fase são confusas e vagas, como esclarece:

À medida que suas tendências sádicas aumentam e ele toma posse do interior do corpo da mãe em fantasia, aquela parte dela se torna representativa do objeto e ao mesmo tempo simboliza o mundo externo e a realidade. Originalmente o objeto [da criança] que é representado pelo seio [da mãe] é idêntico ao mundo externo. Mas, agora o interior do corpo da mãe representa objeto e mundo externo em um sentido mais ampliado, porque ele se tornou o lugar que contém mais objetos diversificados em função da distribuição mais ampla da sua ansiedade (p. 168).

Baranger (1981) afirma que, em relação ao desenvolvimento psíquico, Klein nos apresenta objetos confusos de um ego confundido e que neste momento o ego estaria diante de um tipo especial de angústia, denominado por ele de angústia confusional. Para o autor:

Na figura dos pais combinados a confusão recaia sobre as funções de cada um dos pais na cena primária e sobre o nível da atividade que a fantasia da criança lhes atribuía (se atracam, se despedaçam, trocam alimentos, pênis, fezes, etc.). Agora a confusão, baseada na identificação projetiva, torna-se muito mais geral: confusão do bom e do mau, do interior e do exterior, do real e do imaginário da pessoa e de seu objeto, além da confusão de papéis e níveis de fantasias. Também a categoria do objeto confuso se amplia vastamente; um objeto parcial pode ficar confuso (o pênis paterno, quando se foge para ele partindo do seio da mãe, chega a confundir-se com este) (Baranger, 1981, p. 109).

De acordo com Klein (1932/1997a), é necessário que, ao longo do desenvolvimento da criança, ocorra a separação dessa imago dos pais combinado. Caso isso não ocorra em grau suficiente, a criança será acometida por perturbações no que se referem as suas relações objetais e a sua vida sexual. E, nesse mesmo sentido, Baranger (1981) escreve:

Seio e pênis chegam a confundir-se, da mesma forma que se confundem as fantasias de distintos níveis (orais, anais, uretrais e genitais), assim como a pessoa tende a confundir-se com o objeto. O necessário processo de clivagem encontra-se perturbado pela excessiva identificação projetiva e o seio bom não pode ser mantido separado do mau. Esta situação repete-se frente ao pênis paterno e o vaivém necessário entre a mãe e o pai se vê paralisado. Por sua vez, a relação com as outras pessoas do ambiente da criança se perturba (p. 108).

Assim, uma das perturbações mais graves dada pela situação da não separação do casal combinado seria a incapacidade da criança em produzir símbolos, logo, perder a capacidade de realizar simbolizações; isso pode ser representado pelo caso de Dick, anteriormente citado. Acreditamos que a confusão em relação à fantasia do casal

combinado também abriga a dimensão do gênero e que, no início, a criança está diante do feminino e do masculino contidos no interior da mãe, sendo esta figura além de assustadora e confusa, uma figura completa que abriga feminino e masculino, como no mito do Andrógino. Assim, compreendemos que a constituição da identidade de gênero passaria pela separação do casal combinado.

Atuam no movimento de separação do casal combinado os processos de assimilação e de discriminação que, além de serem atividades defensivas e atuantes junto com a introjeção e clivagem, respectivamente, constituem funções do ego, como a percepção, por exemplo. Dessa maneira, tais processos realizam diferentes operações sobre os objetos e sobre as instâncias psíquicas a fim de superar as angústias (Baranger, 1981).

Encontramos duas tendências da vida psíquica na atividade de discriminação que envolvem processos defensivos: a que leva à fragmentação, ao caos e a que leva à harmonia, à síntese, ao processo ordenado. Diante da integração do ego e da síntese do objeto, temos aquisições importantes para o enriquecimento da personalidade e da vida psíquica, como descreve Baranger (1981): “No cruzamento entre ambos os tipos de processos está a simbolização (no sentido de processo criador de símbolos), a que permite uma mutação na natureza dos objetos e um acesso imprescindível ao mundo humano” (p. 177).

Neste processo de simbolização, Klein confere extrema importância ao brincar da criança, uma vez que ele funciona como uma ponte entre as fantasias e a realidade, bem como ajuda a criança a controlar seus medos dos perigos internos e externos. A leitura dos casos apresentados por Klein nos remete a pensar que, tanto no brincar das meninas quanto no dos meninos, a brincadeira assume a mesma função que é a de organizar os processos psíquicos. Dessa forma, não importa se estamos diante de brinquedos que são

separados culturalmente como sendo de meninos ou meninas, o tema representando será sempre o mesmo. O jogo simbólico remeterá sempre às questões primitivas relativas às angústias, sejam elas da ordem persecutória, confusional ou depressiva. E os personagens serão o pai, a mãe, os irmãos e os bebês, representados ora por bonecas, ora por carrinhos, ora por massinha, ou seja, todos têm a mesma função diante do jogo simbólico permitir que a criança organize sua vida psíquica.

3 Da discriminação dos objetos no desenvolvimento da identidade de gênero

Este capítulo tem por objetivo descrever as ideias de Melanie Klein a respeito do complexo de Édipo e sua relação com a posição depressiva, bem como situar a constituição da identidade de gênero nesse processo. Para tanto, seguiremos a ordem cronológica de seus textos, dividindo o capítulo em três subseções, sendo que, na primeira, examinaremos os seguintes textos, os quais Klein trata sobre o complexo de Édipo: “Estágios iniciais do conflito edipiano” (1928/1996h); “Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego” (1932/1997b); “Os efeitos das situações de ansiedade arcaicas sobre o desenvolvimento sexual da menina” (1932/1997c); “Os efeitos das situações de ansiedade arcaicas sobre o desenvolvimento sexual do menino” (1932/1997d).

Na segunda subseção, abordaremos a posição depressiva, utilizando os textos: “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivo” (1935/1996m); “O desmame” (1936/1996n); “Amor, culpa e reparação” (1937/1996o); “O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos” (1940/1996p). E na terceira seção, utilizaremos o texto “O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas” (1945/1996q).

Segundo Petot (1979/2001), ao pensarmos as teorizações realizadas por Klein, temos como contribuições, para o entendimento do complexo de Édipo, o fato de que ela considera o Édipo feminino como sendo autônomo e não derivado do Édipo masculino. Há também um destaque para o paralelismo em relação ao Édipo feminino e o masculino, sendo possível observar em ambos os casos a mesma origem do complexo edípico, ou seja, nas pulsões genitais pertencentes a cada gênero. Em relação à repressão, ela se deve a uma ansiedade que apresenta características próprias para as meninas e para os meninos. Temos, portanto, nos meninos, a ansiedade de castração e, nas meninas, uma ansiedade

que corresponde ao medo de ter seu interior devastado, esvaziado, ou ainda, esterilizado pela mãe que foi introjetada.

Podemos dividir o processo que envolve o complexo de Édipo apresentado por Klein em dois momentos: o primeiro momento é diverso, confuso, tem seu início ao longo do primeiro ano de vida; é considerado como Édipo arcaico ou primitivo, caracterizado pelo domínio dos impulsos sádicos pré-genitais em relação aos genitais, os ataques são realizados à figura do casal combinado, o superego formado nesse momento é mais intenso e assustador, sendo proporcional a ansiedade sofrida/vivenciada nesse período. O segundo momento pode ser considerado como o Édipo tardio ou clássico, seria a fase de consolidação e finalização do Édipo, estende-se até os cinco anos de vida, tem por característica a diminuição dos ataques sádicos realizados ao casal combinado, justamente por estar envolto a este momento a separação e discriminação das figuras mãe e pai. Em nosso entendimento, é nesse momento que se daria também a discriminação do gênero. Nas seções seguintes, passaremos ao exame mais detalhado destes momentos do conflito edipiano.

3.1 Édipo Arcaico: a Fantasia do Casal Combinado e o Encontro com o Gênero

De acordo com Klein (1928/1996h), o complexo de Édipo arcaico inicia-se com a frustração sofrida no desmame e começa ao final do primeiro ano e início do segundo ano de vida da criança. É reforçado também pelas frustrações anais relacionadas ao treino dos hábitos de higiene; outro elemento que influencia esse processo é a diferença anatômica dos corpos. A autora também afirma que a criança se sente frustrada por não saber, por não ter conhecimento sobre os processos sexuais.

O sentido de Édipo arcaico aqui descrito refere-se a um momento em que os desejos pré-genitais se sobrepõem aos desejos genitais, pois as relações que a criança tem

com seus objetos são ainda confusas e vagas (Klein, 1932/1997b). O estágio do Édipo arcaico é marcado pela escolha incerta do objeto sexual, pai e mãe são desejados ao mesmo tempo em que ambos são odiados, sendo que os ataques sádicos realizados pela criança são direcionados ao relacionamento mútuo do casal (Segal, 1964/1975).

No complexo de Édipo arcaico, a fantasia do casal combinado desempenha um importante papel. Para Segal (1964/1975), esta fantasia representa a idealização da mãe, vista como um objeto/continente completo que contém tudo o que desejado pela criança: seio, bebês e pênis. Essa fantasia também marca a não diferenciação da mãe e do pai, ou seja, entre masculino e feminino.

De acordo com Cintra e Figueiredo (2010), a fantasia do casal combinado relaciona a ideia de um casal parental que continuamente se gratifica sexualmente e exclui a criança de modo violento e cruel. A isso está relacionado o grande medo infantil de que duas pessoas das quais depende se voltem contra ela, deixando-a no mais completo desamparo, como explicitam os autores:

Podemos considerar que essa tríade violenta é muito primitiva e, como as figuras do pai e da mãe acham-se aí tão integralmente combinadas, interpenetradas e mesmo confundidas, a 'tríade' tende a formar em uníssono um único polo, fazendo regredir à relação ao esquema dual, em que se confrontam, de um lado, a criança como polo do máximo desamparo, e do outro, a figura combinada dos pais, como polo de máxima onipotência e horror (Cintra e Figueiredo, 2010, p. 161).

No período descrito como Édipo arcaico, não há ainda a discriminação da mãe e do pai, ou seja, entre feminino e masculino. Em nosso entendimento, a discriminação entre os gêneros segue a linha descrita por Klein (1932/1997b), em que inicialmente temos uma fusão dos impulsos pré-genitais e genitais, revelando que o caminho até o complexo de Édipo clássico não é direto e linear. A passagem da posição oral à posição

genital é marcada por intensas e constantes flutuações dos desejos orais, uretrais e anais até chegarmos ao desejo genital, momento em que temos a discriminação completa dos pais combinados. Conforme salientam Cintra e Figueiredo (2010), a triangulação edípica clássica envolve a discriminação e a separação entre as figuras materna e paterna.

Klein (1928/1996h) afirma que a pulsão do saber é ativada pelo conflito edípiano e que o desejo de conhecer está relacionado ao corpo da mãe, “visto como o palco de todos os processos e desenvolvimentos sexuais” (Klein, 1928/1996h, p. 218). Neste momento, a autora considera que a dominação da posição libidinal sádico-anal atua no desejo de se apropriar do conteúdo do corpo. Klein (1928/1996h) salienta que a pulsão do saber e o desejo de posse do objeto, ligados ao sentimento de culpa despertados pelo complexo de Édipo arcaico, promovem o início a uma fase de desenvolvimento que é essencial em ambos os gêneros ao que ela descreve como “Uma identificação muito inicial com a mãe” (p. 218).

A essa identificação inicial com a mãe, Klein (1928/1996h) dá o nome de fase de feminilidade e está assentada no nível sádico-anal, de modo que as fezes são igualadas aos bebês e são esses bebês que a criança deseja ter. Contudo, durante essa fase, podem ser observados três objetivos da criança que são interpenetrados: 1) relacionado ao desejo de ter filhos e a intenção da criança é de apropriar-se destes bebês; 2) o outro está vinculado ao ciúme de futuros irmãos, então a intenção da criança é destruir os bebês contidos no interior da mãe; 3) ligado à posse e destruição do pênis do pai. Nas palavras de Klein (1928/1996h):

Assim, a fase de feminilidade se caracteriza pela ansiedade relacionada ao útero e ao pênis do pai, e essa ansiedade submete o menino e [a menina] à tirania de um superego que devora, mutila e castra, formado a partir das imagens da mãe e do pai ao mesmo tempo (p. 220).

De acordo com Petot (1982/2016), o texto kleiniano apresentado em 1932 sobre o complexo de Édipo apresenta certa dificuldade na compreensão do paralelismo apresentado por Klein, entre os meninos e as meninas. A dúvida está em entender esse paralelismo como uma relação em termos de homologia, em que teríamos uma fase direta e heterossexual para ambos os gêneros. Ou compreendermos, em termos de identidade, da prioridade de uma identidade feminina em ambos os gêneros. Retomaremos essa questão posteriormente ao falarmos sobre a posição depressiva, uma vez que existem elementos na descrição dessa posição que nos ajudarão na compreensão da fantasia do casal combinado e do complexo de Édipo.

O período descrito como Édipo arcaico é marcado por intensos ataques por parte da criança ao objeto libidinal, no caso o interior do corpo da mãe com todo o seu conteúdo, e que a criança teme também sofrer retaliações por parte destes objetos. Podemos supor que, durante a fase do Édipo arcaico, ocorre o encontro com os gêneros, mas ainda não seria possível uma identificação com os gêneros dado a confusão do casal combinado e a incapacidade do ego em identificar-se com o objeto de amor, uma vez que ele ainda é muito persecutório. Essa luta travada no interior do corpo materno direciona o complexo de Édipo nas meninas e nos meninos que para Klein (1932/1997b) apresenta algumas características que diferem entre si, as quais passaremos a falar na sequência.

3.1.1 O longo caminho do complexo de Édipo na menina

Para Klein (1932/1997c), como resultado da frustração oral vivida com a mãe, a menina se afasta dela e toma o pênis do pai como objeto de satisfação. No entanto, ocorre a fantasia de que o pênis se encontra no interior da mãe e que dentro de seu corpo, a mãe e o pai se gratificam mutuamente. Isso faz com que a menina viva uma nova frustração e

tem seu ódio em relação à mãe aumentado, uma vez que a mãe estaria privando-a de viver uma satisfação plena também com o pênis paterno.

Diante dessa situação em que a menina ataca a mãe e os objetos, há o ataque aos órgãos genitais da mãe e à fantasia de que estes são destruídos. Assim, a ansiedade mais profunda na menina é o medo de ataques contra o seu próprio corpo e a destruição da sua capacidade em obter prazer.

Como resultado do desenvolvimento do complexo de Édipo, a menina se ressentida com a mãe porque ela lhe nega o seio nutridor e também porque lhe nega o pênis do pai enquanto objeto de satisfação. Importante salientar que a menina deseja o pênis não como atributo de sua masculinidade e sim como um objeto de satisfação oral. Para Klein (1932/1997c), **a menina adentra o complexo de Édipo como consequência dos seus componentes pulsionais femininos serem dominantes e não por ter inveja do pênis como descrevera Freud.**

Assim, o desenvolvimento sexual na menina se assenta na ideia de que diante da frustração sofrida junto ao seio ela tem a equação simbólica seio/pênis e que a vagina assume o papel ativo de uma boca que suga (Klein, 1932/1997c). A essa situação, a criança atribui ao pênis do pai a ideia de uma capacidade infinita de satisfação. A menina passa a desejar o pênis por meio de todos os seus impulsos orais, uretrais, anais e genitais. Esse desejo também é intensificado pela inveja da mãe, dado que ela tem o pênis incorporado.

Atrelado ao pênis bom, também temos um pênis mau que surge em decorrência do sadismo que a menina direciona à mãe e conjuntamente ao pênis, portanto, o pênis também assume a qualidade de algo odiado, invejado e temido. Logo, as qualidades das imagens arcaicas dependem dos aspectos fantásticos que os impulsos pré-genitais as dotaram (Klein, 1932/1997c). A importância dessa imagem reflete diretamente na

qualidade e severidade do superego. Para Klein (1932/1997a), esse processo de introjeção do pênis do pai e a força para mantê-lo dentro é mais forte na menina, uma vez que os impulsos genitais coincidem com os desejos orais e têm caráter receptivo também.

Klein (1932/1997c) também relaciona uma fase fálica na menina, que surge logo após a primeira fase que é dominada pela posição feminina. O abandono da posição feminina se dá porque o pênis do pai não pode substituir o seio provendo uma satisfação real e os desejos maternos também não podem ser realizados. A menina detesta o pai enquanto frustrador, assim como detestou a mãe frustradora no desmame e na sua educação higiênica (Petot, 1979/2001).

Na posição fálica, a menina volta-se para a mãe com o intuito de acalmar a mãe introjetada, portanto, não há uma desvalorização da mãe em detrimento ao pênis, o pai é tido como rival em relação à mãe, e é introjetado de forma menos persecutória. A fantasia é que a menina de posse do pênis roubado do pai poderia supercompensar a mãe dando-lhe bebês. De acordo com Petot:

A fase fálica, no seu apogeu, caracteriza-se, portanto, por um complexo de Édipo negativo ou invertido: a menina adota imaginariamente uma posição masculina, deseja ser menino, sonha dar filhos à mãe, roubar o pênis do pai, afastá-lo e excluí-lo. Esta fase fálica puramente defensiva não tem nenhum poder de desencadear o surgimento do complexo de Édipo clássico, a não ser pelo seu malogro (Petot, 1979/2001, p.126).

Embora haja uma aproximação do masculino no sentido freudiano e de uma ligação com o que seria ativo, segundo Klipan (2018), “a referência já não é mais o masculino como eixo estruturante, senão o feminino, ou seja, a mãe” (p. 495). Em nosso entendimento, as inversões entre as posições passivo ou ativo também estão relacionadas

ao gênero, de forma simbólica permite que a criança experimente o feminino e o masculino que foi fantasiado por ela anteriormente.

Ainda esclarecendo a dinâmica acerca da passividade e da atividade, Klipan (2022) argumenta que para Klein não se trata de aspectos ligados à submissão, mas da vivência que remete às funções dos órgãos genitais nos termos de penetração e receptividade, embora “não se encerram neles [nos órgãos genitais] ... pois os meninos também fantasiam receber o pênis do pai e as meninas também fantasiam penetrar o interior do corpo da mãe” (p. 173).

É importante salientar que, para Klein (1932/1997c), é o ódio e a rivalidade com a mãe que favorecem o abandono dessa identificação com o pai e desistência dessa posição masculina e não o complexo de castração. Assim, a diminuição da intensidade das pulsões sádicas e o fortalecimento das pulsões genitais favorecem que a menina se volte para o pai enquanto objeto ao qual deseja amar e ser amada também.

Além das pulsões sádicas presentes nesse texto de 1932, percebemos também a satisfação libidinal como uma forma de atenuar o sadismo presente nas relações da criança, bem como a necessidade da capacidade de realizar reparações como uma maneira de realizar integração egóica, ou seja, o amor na base da integração do ego (Klipan, 2018).

3.1.2 O longo caminho do complexo de Édipo no menino

Segundo Klein (1932/1997d), da mesma forma que a menina, o menino também vai do desejo oral do seio para o desejo oral do pênis e, da mesma maneira, desenvolve uma relação de fantasia com pênis que se encontra dentro do corpo da mãe. O menino também tem medo de que seu corpo e seus órgãos sejam destruídos em virtude dos ataques que infligiu à mãe e ao pênis do pai. No entanto, a posição feminina é abandonada

em decorrência do medo que sente e da rivalidade em relação à mãe, bem como do medo do pênis perigoso internalizado, o menino desiste da identificação com a figura feminina.

O menino deseja ter a posse da mãe também no sentido oral, uretral, anal e genital e ataca o pênis do pai que se encontra dentro dela, com todos os meios sádicos que dispõe. A ansiedade resultante é que o corpo da mãe se torna um lugar cheio de perigo e horror, e a introjeção dos pais combinados também coloca esses perigos dentro da própria criança. O meio de dominar a ansiedade provocada por esse jogo simbólico no menino é utilizando-se da onipotência do pênis, seu pênis enquanto órgão ativo utilizado para controlar seu objeto é também acessível ao teste da realidade. Klein esclarece que:

Se, lado a lado com a imago dos pais combinados, imagos do pai e da mãe isoladamente, especialmente da mãe ‘boa’ estiverem operando com suficiente força, a crescente relação do menino com os objetos e a adaptação à realidade terão por resultado que suas fantasias sobre o pênis do pai dentro da mãe perderão seu poder, e seu ódio, já reduzido de todo modo, será mais fortemente dirigido ao seu objeto real (Klein, 1932/1997d, p. 264).

Dito de outra forma, a separação das imagos da mãe e do pai é necessária para que a mãe se torne o objeto dos impulsos libidinais, e que o ódio seja direcionado ao pai real (ao pênis) e por deslocamento a outros objetos. A separação dos pais combinados mostra a importância dos objetos reais e o medo de ser castrado pelo pai assume um lugar de destaque. O alcance da separação da imago do casal separado permite uma melhor percepção da realidade e dos objetos por parte do menino, ou seja, **a aquisição da capacidade de simbolizar e diferenciar os gêneros.**

3.2 Posição Depressiva

Antes de adentrarmos às questões sobre a posição depressiva, convém destacar que a nota explicativa da Comissão Editorial Inglesa confere ao texto “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos”, publicado originalmente por Klein em 1935, a proposição de uma nova teoria, sendo que essa estaria assentada na interação entre as pulsões de vida e de morte, manifestada por meio do amor e do ódio. Nesse sentido, para a Comissão Editorial, o artigo apresenta uma teoria sobre o desenvolvimento inicial e uma teoria sobre a origem da doença maníaco-depressiva.

Em nossa leitura, observamos que, embora Klein apresente novas contribuições no referido artigo, como: a noção de posição depressiva, a posição maníaca, a reparação, o objeto bom e mau e configure o seio como o principal objeto com o qual a criança se relaciona, percebemos que o interior do corpo da mãe continua presente como sendo objeto de ataques e o meio pelo qual a criança irá realizar seus processos de simbolização. Como a autora explica “Já nos primeiros meses de existência o bebê tem impulsos sádicos dirigidos não só contra o seio da mãe, mas contra o interior do seu corpo: desejo de esvaziá-lo, de devorar seu conteúdo e de destruí-lo com todos os meios que o sadismo pode imaginar” (Klein, 1935/1996m, p. 304). Portanto, o cenário permanece o mesmo descrito em 1932 em que estão presentes imagos distorcidas de maneira fantástica dos objetos reais, que habitam o mundo externo e o interior do ego, por meio, do processo de incorporação.

Em relação ao artigo “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos” (1935/1996m), Klein afirma que seu objetivo é “... examinar os estados depressivos em sua relação com a paranoia, de um lado, e com a mania, de outro” (p. 305). Nesse sentido, ela descreve a progressão da capacidade do ego em identificar-se com os objetos, sendo que no início essa capacidade é pequena, dada a desorganização

do ego e a parcialidade dos objetos introjetados. O desenvolvimento e a maior organização do ego impulsionam a aproximação entre as imagos internalizadas e as externas, a identificação com os objetos bons e realistas.

No subcapítulo anterior, descrevemos sobre o medo de aniquilamento causado pela pulsão de morte dirigida contra o próprio ego e de como esse medo acionava a deflexão/projeção dessa agressividade. O artigo acima citado correlaciona esse medo também com o objeto bom, de modo que a sobrevivência do ego depende da internalização e preservação desse objeto bom. Em outras palavras, quando o bebê começa a ver o objeto como uma pessoa, começa a sentir a angústia depressiva, que envolve o medo de ter causado danos ao objeto amado do qual o ele depende, o medo também é de que o objeto morra.

Essa ideia é salientada também por Klein no artigo “Amor, culpa e reparação” (1937/1996o), ao afirmar que é a própria natureza do apego que favorece o desprendimento em relação à mãe, dado o medo de perdê-la, a criança tem medo de depender tanto dela. Para a autora, há na mente inconsciente a tendência em desistir da mãe, em contraponto ao desejo de mantê-la para si. Esses elementos junto ao crescimento emocional e intelectual da criança possibilitam que ela encontre novos objetos de interesse e prazer, substituindo, assim, a pessoa amada. É esse processo de deslocamento do amor que garante o desenvolvimento dos relacionamentos humanos e da cultura. Convém esclarecer que, durante a vivência da posição depressiva, a angústia paranoide não desaparece, há um acréscimo entre o temor pela preservação do ego e o temor agora pela integridade do objeto (Cintra e Figueiredo, 2010).

De acordo com Petot (1982/2016), no texto apresentado por Klein em 1935 está presente a concepção de introjeção como incorporação oral, sendo essa concepção generalizada na teoria da posição depressiva, como explica: “todos os objetos são

incessantemente introjetados, e isto quer dizer que o sujeito fantasia a introdução destes no interior de seu próprio corpo, que se torna deste modo, para a imaginação, o continente do mundo interior” (p. 6). Ou seja, todo objeto é introjetado, mas só quando ele é real e total estamos falando da entrada na posição depressiva.

A partir desse momento, então, Klein (1935/1996m) começa a descrever sobre os processos de introjeção e projeção dos objetos bons (é bom quando o bebê tem o seio para si) e objetos maus (é mau quando o bebê perde o seio, e também por conta da agressividade projetada sobre ele) e de como esses processos moldam o desenvolvimento psíquico como um todo. Durante o processo em que o ego se identifica com o objeto bom, os anseios libidinais são reforçados provocando amor e desejo voraz pelo objeto, reforçando assim o mecanismo de introjeção. Esse processo de incorporação é repetido inúmeras vezes, essa repetição tem o objetivo de testar a realidade, ou seja, verificar se o objeto bom não foi perdido ou destruído.

Convém esclarecer que, de acordo com Petot, em 1935 a introjeção, a interiorização e a incorporação são noções presentes no texto, mas aparecem também com sentidos complementares, como sinônimas e marcam a passagem do externo ao interno. São os mecanismos que permitem a entrada dos objetos externos no ego e os transformam em objetos internos, sendo estes objetos sentidos de forma física e viva no interior do corpo. Tais objetos internos se expressam por meio das fantasias inconscientes e o acesso à consciência se dá por meio dos pensamentos latentes e dos sonhos, dando a certeza de uma presença real dos objetos no corpo e trazem a ideia de que é preciso agir no lugar destes objetos. Portanto, estamos falando de que além da interiorização do objeto no ego, concomitante ocorre uma identificação do ego com estes objetos. Petot (1982/2016) cita como exemplo de tal situação “. . . o coito no interior do corpo próprio, dos pais

combinados interiorizados – que são mais terríficas ainda do que seus protótipos externos” (p. 29).

É preciso dizer que, para que ocorra a identificação com o objeto, algumas situações são necessárias como a capacidade de coordenação do ego, a percepção e conhecimento do objeto, bem como a diminuição da ansiedade persecutória - essas são as condições econômicas para que a identificação ocorra. Como afirma Petot, “A identificação com o bom objeto é uma condição da depressão. É ela que aprisiona o ego e o lança no conflito ambivalente” (Petot, 1982/2016, p. 31).

A identificação está associada ao conhecimento da realidade psíquica, à culpa e à preocupação com o objeto, conduzindo a criança ao enfrentamento da dor e o direcionamento ao amor pelo objeto real. Isso nos leva à ideia de que “o ego só pode amar o objeto através de sua imagem. . . . só pode haver representação de si mesmo segundo a imagem do outro” (Petot, 1982/2016, p. 31).

Nesse sentido, Cintra & Ribeiro (2018) afirmam que a teoria das posições proposta por Klein visa esclarecer a forma como os sujeitos articulam suas defesas e suas identificações e a relação com seus objetos e de que maneira as ansiedades arcaicas atravessam tais situações. Pensar em termos de posições favorece múltiplas possibilidades para que a criança enfrente suas angústias, seus desejos, suas demandas “em sua inserção no mundo familiar e em sua construção de um lugar no mundo” (Cintra e Ribeiro, 2018, p. 74).

Dando seguimento ao entendimento da posição depressiva, encontramos no artigo “O desmame” (1936/1996n) a ideia de que a perda do seio efetivada pelo desmame equivale à perda do primeiro objeto bom externo, o que viabiliza o incremento das emoções e os conflitos da posição depressiva. Atrelado ao desmame bem-sucedido, temos

a força para impulsos positivos e a aceitação de novos substitutos na busca por novas fontes de gratificação.

Ao longo do desenvolvimento, somos tomados por sentimentos e fantasias que imprimem uma marca em nosso inconsciente por toda a vida. Sendo que os primeiros sentimentos surgem das relações entre os estímulos internos e os externos. A primeira gratificação recebida do mundo externo pela criança é resultante de sua alimentação. De acordo com Klein (1936/1996n), ao ser alimentada, a criança obtém, além do alívio da fome, o prazer/satisfação ao ter a boca estimulada pelo seio da mãe. Essa gratificação é a primeira expressão da sexualidade da criança.

É no artigo “Amor, culpa e reparação” (1937/1996o) que Klein descreve sobre a identificação e a capacidade de fazer reparação, ao que Petot (1982/2016) dá o nome de identificação empática e que esta não seria possível no início da posição depressiva, pois essa identificação empática só é possível com o abrandamento da culpa. Temos, então, uma conexão importante entre identificação e reparação que podemos chamar de reciprocidade. Em 1935, a identificação conduz o conhecimento da realidade psíquica e a necessidade de fazer reparações ao objeto e, em 1937, não é possível identificar-se com o objeto, enquanto a culpa persistir, é necessário repará-lo.

Essa interrelação entre a identificação e reparação nos remete à ideia de que em 1935 a posição depressiva é descrita como sendo contemporânea ao sadismo, assim encontramos nesse momento manifestações de compaixão e empatia ao mesmo tempo em que ocorrem os ataques aos objetos. De modo que a diminuição do sadismo não se deve somente à maturação do ego, mas também como consequência da preocupação pelo objeto, um dos mecanismos de defesa da posição depressiva constituiu-se por abrandar o sadismo. Nas Palavras de Klein (1935/1996m):

Por outro lado, através da identificação com um objeto bom e com todos os avanços mentais que isso implica, o ego se vê obrigado a ter uma noção mais completa da realidade psíquica, o que o expõe a conflitos violentos. Alguns dos seus objetos (um número indefinido) são perseguidores, prontos a devorá-lo e a cometer todos os tipos de violência. Eles ameaçam o ego e o objeto bom de várias maneiras. Todo dano infligido aos pais pela criança em sua fantasia (em primeiro lugar por ódio e depois como autodefesa), todo ato de violência cometido por um objeto contra o outro (principalmente o coito sádico e destrutivo entre os pais, que a criança encara como mais um resultado de seus próprios desejos sádicos) - tudo isso se desenrola no mundo externo e, ao mesmo tempo, como o ego está sempre absorvendo para dentro de si todo o mundo exterior, também dentro do próprio indivíduo. Agora, porém todos esses processos são encarados como perpétua fonte de perigo não só para o objeto bom, mas também para o ego (p. 307).

Encontramos, na passagem acima, a fantasia do casal combinado, amplamente atacado por todos os meios que o sadismo permitiu. A internalização dessa imagem distorcida transforma-a em objeto persecutório que oferece perigo ao desenvolvimento do ego e a identificação com o bom objeto. A citação salienta ainda que a identificação com o objeto bom promove o reconhecimento da realidade psíquica, ou seja, de todos os processos e meios envolvidos, o que permite que mecanismos em favor da organização e síntese egóica comecem a operar. Portanto, para que a fantasia do casal combinado deixe de ser uma fonte persecutória, é necessário que o casal seja separado e se reconheça a mãe e o pai indistintamente, entendemos que nesse processo também ocorre a separação de feminino e de masculino. Esse processo visa assegurar a internalização e preservação do bom objeto no ego. Enquanto figuras separadas, o casal é menos assustador, menos

onipotente e pode ter as partes boas que gratificam reconhecidas e preservadas no interior do ego.

A situação mais ansiógena experienciada na posição depressiva é resultante da vivência em relação ao casal combinado, pois há o medo da perda de ambos os pais simultaneamente e como forma de proteção e domínio dessa ansiedade o ego utiliza mecanismos de defesa maníacas (recusa/negação, idealização, triunfo, reparação obsessiva, onipotência do pensamento). Essas defesas são caracterizadas no texto de 1935 por posição maníaca e tem por objetivo impedir a união dos pais internos.

No entanto, no início da posição depressiva a dor e os sentimentos de culpa são poucos experimentados e vivenciados, de forma que esse momento não comporta a clivagem e nem a reparação ocorrendo, portanto, uma identificação muito precária com o objeto. Os elementos da posição depressiva encontram-se separados, sendo a posição maníaca que prepara o caminho por meio da onipotência dos mecanismos de reparação que contribuirão para que o ego estruture a posição depressiva tardia. É importante salientar que, segundo Petot (1982/2016), “A emergência da posição depressiva completa, com nostalgia, culpa e desejo de reparar é, portanto, posterior aos estágios arcaicos do complexo de Édipo, dominado pela fantasia dos pais combinados, e que correspondem à posição maníaca” (p. 25).

Quando apresentamos as discussões da posição depressiva completa, estamos falando de um reconhecimento por parte do ego do valor que tem o objeto amado/bom; estamos falando do reconhecimento do dano causado a este objeto e para que haja esse reconhecimento é preciso uma identificação mais completa com o objeto bom. O ego percebe que os objetos estão num estado de dissolução, em pedaços e tal situação acarreta pesar, remorso, desespero incrementando a ansiedade, por isso há um intenso trabalho

por parte do ego na separação, discriminação e guarda dos objetos bons. Explicitando melhor tais aspectos, temos, segundo Klein:

A identificação total com o objeto baseada numa ligação libidinal-primeiro ao seio depois à pessoa como um todo - vem acompanhada de ansiedade por esse objeto (pela sua desintegração), de culpa e remorso, do senso de responsabilidade de preservá-lo contra seus perseguidores e o id, e da tristeza relacionada à expectativa de perdê-lo (Klein, 1935/1996m, p. 312).

Segundo Petot (1982/2016), a identificação conduz o ego à reparação, pois o ego se identifica com o sofrimento dos objetos bons e sente-se culpado, podendo transformar uma ligação libidinal em um amor verdadeiro. Conforme descrevemos, anteriormente, o ego se utiliza de algumas defesas na garantia da identificação com o bom objeto. Assim, a introjeção do objeto total faz com que o ego utilize a clivagem entre o objeto bom e mau de forma recorrente, dando origem à ambivalência que permite que o ego confie mais em seus objetos reais, podendo restaurar por meio da fantasia o objeto amado. Por sua vez, o objeto mau é atacado pelas defesas e ansiedades paranoides. De acordo com Petot (1982/2016), “o efeito benéfico da clivagem é, definitivamente, abrir caminho para a reparação” (p. 14).

A unificação dos objetos amados e odiados, externos e internos faz com que o mecanismo de clivagem das imagos seja constante. Essa clivagem se torna mais próxima da realidade à medida que a adaptação à realidade aumenta e é mantida até que o estabelecimento do amor pelos objetos reais e internalizados se torne verdadeiro. O estabelecimento e a confiança no bom objeto interno promovem a diminuição da ansiedade paranoide em relação aos objetos maus, a redução do sadismo e um arranjo mais eficaz no domínio e elaboração da agressividade. (Klein, 1935/1996m). Apresentamos também as discussões de Petot a esse respeito:

A função da clivagem é, portanto, a de assegurar a manutenção da relação com o bom objeto. Ela surge instituindo uma progressividade do ‘tornar-se mau’ deste bom objeto, segundo um controle tal que o bom objeto real permaneça em cada etapa suficientemente bom para que o movimento libidinal em relação a ele não seja rompido e não se inverta em ódio constitutivo de um mau objeto imaginário (Petot, 1982/2016, p. 14).

A respeito da clivagem, Kristeva (2000/2002) afirma que a separação dos pais combinados em dois objetos distintos (pai/mãe; homem/mulher) diminui a inveja e permite a perlaboração das clivagens. Segundo a autora, “Os elementos clivados podem integrar-se na sexualidade genital. Desde então o ego (ou o *self*) é capaz de escolher um dominante de identificação sexual com o progenitor do mesmo sexo” (Kristeva 2000/2002, p. 150).

Em relação à escolha de um dominante na identificação sexual, é importante esclarecer que, para Klein, a estabilidade psíquica é algo que precisa ser continuamente conquistada. De acordo com Cintra e Ribeiro (2018), as pulsões oral, anal, uretral e fállica continuam desempenhando seus efeitos ao longo de toda a vida, como um fantasma que infiltra o erotismo do adulto e utiliza do mesmo modo infantil as fantasias para poder se expressar. E, nesse sentido, entendemos que o dominante na identidade sexual implica o reconhecimento e aceitação das partes do próprio corpo identificado com os pais, uma vez que o caráter persecutório está atenuado.

Dessa forma, o desenvolvimento psíquico está atrelado às implicações resultantes da passagem da introjeção de objetos parciais para introjeção de objetos totais. Diante disso, observamos que o desenvolvimento psíquico depende da capacidade do ego em lidar com seu sadismo, da ansiedade presente no estágio anterior e do estabelecimento ou

não de uma forte ligação com os objetos parciais. Esse é o ponto central cujo ego alcança, no qual os mais diversos caminhos podem determinar sua constituição mental.

Segundo Cintra e Ribeiro (2018), baseada nas concepções de Ferenczi, Klein pode compreender que as vivências do mundo interno e do inconsciente são infiltradas por erotismos: “Essa formulação a levou a conceber a mesma ideia de uma ‘infiltração’ do pré-genital no erotismo genital adulto e no dinamismo do complexo de Édipo, em um movimento que faz conviver as relações duais e as que se inserem num campo triangular” (p. 71). Tal situação é descrita por Segal (1991/1993) como a habilidade que os indivíduos desenvolvem na posição depressiva, ou seja, a capacidade de integrar e conter os aspectos mais primitivos e simbólicos da experiência.

De acordo com Cintra e Figueiredo (2010), podemos caracterizar a infância como um período em que celebramos muitos lutos, caminhamos de um processo de vinculação aos pais para um processo interminável de separação, cujo alvo é uma vida adulta e autônoma, como explicitam a seguir:

. . . atravessar o complexo de Édipo é realizar uma série de lutos e separações: é renunciar à posse absoluta e exclusiva dos objetos de amor, é preciso aceitar substituições e remanejamentos. A intensidade dos afetos sexuais e da destrutividade tem de sofrer uma transformação por meio dos chamados mecanismos de filiação (Cintra e Figueiredo, 2010, p. 92).

Portanto, segundo os autores citados anteriormente, a posição depressiva envolve a passagem pelos primeiros processos de luto e é o estabelecimento de bons objetos internos que garantirá a salvaguarda nessa travessia que envolve a posição depressiva e os vários lutos posteriores. Estamos, então, falando de uma internalização pacífica e harmoniosa das figuras parentais.

O trabalho em que situa a posição depressiva e a correlaciona com os estados de luto normal foi desenvolvido por Klein no artigo “O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos” (1940/1996p). Toda vez que uma pessoa passar por uma situação de pesar ou perda, ela reativará seu luto arcaico. Sendo o teste da realidade que ajuda as crianças na superação do estado de luto.

Com isso, queremos dizer que o processo de internalização e criação do mundo interno gera dúvidas e incertezas tendo como consequência a ansiedade, de modo que continuamente a criança precisa confrontar a realidade externa para compreender seu mundo interno. Por exemplo, a mãe externa oferece provas concretas de como é a mãe interna (amorosa, bondosa, vingativa, rude). Portanto, para Klein (1940/1996p), a realidade externa pode amenizar a ansiedade e o sofrimento vivenciados internamente. Nas palavras da autora (1940/1996p):

O bebê, tendo incorporado os pais, sente como se eles fossem pessoas vivas dentro do seu corpo, da mesma concreta que profundas fantasias inconscientes são vividas – na sua mente, eles são objetos ‘internos’, como passei a chamá-los. Assim, se constrói um mundo interior na mente inconsciente da criança, mundo que corresponde às suas experiências reais e às impressões que recebe das pessoas e do mundo externo, que, no entanto, são alterados pelas suas próprias fantasias e impulsos. Quando se trata de um mundo onde as pessoas estão predominantemente em paz umas com as outras e com o ego, o resultado é a harmonia, a segurança e a integração interna (p. 388).

O prazer sentido junto à mãe é uma prova de que tanto o objeto de amor externo quanto o objeto de amor interno não estão feridos e nem se transformaram em um objeto persecutório. Assim, a superação da depressão e do sentimento de perda (luto) pelo bebê é possível, através do aumento do amor e da confiança, da redução do medo permitida

pelas experiências felizes. Dessa forma, ocorre o teste de sua realidade interna por meio da realidade externa. Nas palavras de Cintra & Figueiredo (2010), o bom objeto internalizado significa a boa relação do casal parental que foi internalizado de forma fecunda e harmoniosa.

3.3 Complexo de Édipo, Posição Depressiva e o Casal Combinado

O artigo “O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas” (1945/1996q) reforça a ideia de que a elaboração da posição depressiva se confunde com o complexo de Édipo e que essa seria toda a tônica da neurose infantil. Mas, conforme nos alerta Petot (1982/2016), é necessário que se faça uma leitura muito minuciosa do artigo, pois Klein ao descrever teoricamente sobre o assunto acaba por negligenciar aspectos que estão presentes na apresentação dos casos clínicos, principalmente quando faz referência ao Édipo arcaico e à fantasia do casal combinado, conforme veremos mais à frente.

Ao relacionar o Édipo em conjunto com a posição depressiva, fica difícil identificar o complexo de Édipo a partir de fases bem delimitadas conforme Klein apresenta no texto de 1932, de forma que, no texto de 1945, encontramos o complexo de Édipo marcado pela ideia da sobreposição dos estágios descrito por Klein como fluído e com flutuações entre os objetos. Segundo Petot (1982/2016), “Melanie Klein renuncia afirmar a existência das sequências fixas no desenvolvimento do Édipo, insistindo bem mais no acavalamento dos estágios do que em uma sucessão” (p. 55). Nas Palavras de Klein (1945/1996q):

De acordo com meu ponto de vista, o desenvolvimento sexual e emocional tanto do menino quanto da menina inclui, *desde a mais tenra infância*, sensações e tendências genitais, que constituem os primeiros estágios do complexo de Édipo positivo e invertido; elas são vividas sob a primazia da libido oral, e se misturam

a desejos e fantasias uretrais e anais. **Os estágios libidinais se sobrepõem desde os primeiros meses de vida. As tendências edípianas positivas e invertidas interagem entre si desde o início.** É durante o estágio da primazia genital que a situação edípiana positiva atinge seu clímax (p. 461, grifos nossos).

De acordo com Petot (1982/2016), o paralelismo firmado em 1932 sobre o início do complexo de Édipo deixava uma dúvida, quanto a ser esta fase direta no início do complexo de Édipo para as meninas e meninos firmada na posição heterossexual ou em relação à prioridade feminina, ou seja, da identidade. A ideia que prevalece em 1945 é a prioridade nos dois gêneros de uma fase feminina, em termos de identidade. Tese esta que se encaixa com a sobreposição dos estágios e das posições.

A respeito da fase de feminilidade, Kristeva (2000/2002) afirma que na menina e no menino a posição heterossexual e homossexual encontram-se interpenetradas “[...] o desejo oral está ligado à incorporação e à identificação, e que o desejo de ser alimentado pelo pênis se acompanha de um desejo de possuir um pênis que lhe seja próprio” (p. 141). Portanto, na menina, o heterossexual está relacionado a incorporar o pênis em sua vagina e o homossexual relaciona-se em identificar com o pênis no sentido de possuir/ter. No menino, o movimento em direção ao pênis é homossexual “mas, ao mesmo tempo, essa incorporação do pênis paterno ajuda-o a se identificar com seu pai e reforça sua heterossexualidade” (p. 141).

De acordo com Kristeva (2000/2002), é por meio do feminino primário, no qual estão localizados a existência simultânea do seio e do pênis, do homem e da mulher, que ocorre a existência da organização do espaço psíquico. Sendo a simultaneidade do seio/pênis/bebê que contribui para a confusão em relação às identificações com o gênero.

Portanto, não há a prevalência de uma posição edípiana (direta ou invertida), quando o bebê se volta para o pênis do pai ele dirige para ele sua libido e sua

agressividade, desenvolve com o pênis as mesmas relações que desenvolveu junto ao seio, tornando possíveis as oscilações em pênis bom e mau, assim, “. . . nos dois sexos, o complexo direto e o complexo invertido começam simultaneamente e interagem, de imediato, um com o outro” (Petot, 1982/201, p. 56).

Ribeiro (2018) descreve da seguinte maneira:

A posição feminina é a sustentação experiencial primeira para que posteriores constituições psíquicas identitárias de masculinidade e feminilidade possam surgir. Entendemos que a constituição de uma identidade sexual é composta por uma mescla complexa entre identificações masculinas e femininas, que não necessariamente acompanham o sexo biológico. **Há uma grande plasticidade na constituição psíquica, mas sempre a partir das primeiras relações objetais e da libidinização que permeiam essas relações** (pp. 101-102, grifos nossos).

A descrição da fase ou posição feminina nos remete a pensar que as etapas do Édipo arcaico e sua fase tardia encontram-se unidas e entrelaçadas com as vivências de ansiedades proporcionadas pela posição depressiva. O Édipo tardio é caracterizado por ocorrer à predominância da genitalidade, que conduz ao aumento da capacidade de reparar e infiltrar as pulsões sexuais com o desejo de produzir uma criança. Outra característica que marca o Édipo tardio é a dissociação da imago dos pais combinados, que começa na segunda fase edípiana e supõe o abandono da posição maníaca (Petot, 1982/2016).

Segundo Kristeva (2000/2002), ao situar a presença dos pais no interjogo sexual, Klein faz do casal o foco heterogêneo da autonomia bissexual do *self*, uma vez que o lugar do pai está assegurado em sua concepção do proto-Édipo/Édipo arcaico e ainda mais claramente na posição depressiva, ao afirmar: “. . . É da perda da mãe – que equivale para o imaginário a uma morte – que se organiza a capacidade simbólica do sujeito (p. 150).

Para Kristeva (2000/2002), “O fato, porém, é que esse desdobramento inicial se revela rico de possibilidades inexploradas tanto no plano da bissexualidade psíquica como no de suas consequências éticas e políticas” (p. 150).

O complexo de Édipo arcaico surge em conjunto com a posição depressiva, por volta dos quatro meses de vida. Um elemento importante no entendimento desse processo é a noção de objeto interno discutido anteriormente ao falarmos sobre posição depressiva. Todos os objetos concernentes ao complexo de Édipo foram interiorizados de forma que podemos observar nos escritos de Klein a fantasia dos pacientes em que estes atacavam no interior de si mesmo, com excrementos venenosos, seus pais combinados e maus (Petot, 1982/2016).

É importante salientar alguns aspectos relacionados à posição depressiva descrita em 1935, na qual Klein nos dá a ideia de que a posição depressiva inicial seria pré-edípica, de forma que precede e fundamenta as relações de amor, ou seja, o amor edípico e a posição maníaca como sendo posterior à posição depressiva. Com a apresentação da posição depressiva, Melanie Klein não concebe apenas a mãe como objeto total, passa a considerar ambos os pais como objeto total e, de acordo com suas ideias, a interiorização de ambos se inicia logo que começa a relação com eles, ou seja, desde o estágio paranoide.

Petot (1982/2016) afirma que a teoria da posição maníaca confere uma contribuição importante ao entendimento do complexo de Édipo, no entanto, há um descompasso entre os textos apresentado por Klein, conforme explica Petot (1982/2016):

Quando discorre sobre o complexo de Édipo numa exposição teórica, negligencia, em geral, a fantasia dos pais combinados. Insiste sobre a sequência: relação com o seio, relação com a mãe, conversão em direção ao pai. Mas cada vez que evoca os estágios arcaicos do Édipo num contexto clínico o tema em questão é sempre a fantasia dos pais combinados (p. 58).

Dito isso, é necessário reconsiderar a oscilação entre posição feminina e masculina no Édipo arcaico. No momento do início do Édipo arcaico, a criança não diferencia os gêneros, como explica Petot “Uma rivalidade não sexualmente diferenciada visa à aproximação gratificante (oral, anal, uretral e genital) dos pais, e é experimentada em relação aos dois simultaneamente” (Petot, 1982/2016, p. 58). O autor elucida ainda que:

O Édipo sexualmente diferenciado emerge concomitantemente, como posição masculina e como posição feminina, com oscilação de uma a outra, na medida em que a imago dos pais combinados é progressivamente dissociada em seus dois elementos e na medida que são reconhecidos como pessoas independentes (Petot, 1982/2016, p. 58).

A posição depressiva cuja marca é a aquisição da capacidade de perceber a mãe como uma pessoa completa está diretamente envolvida nesse processo de diferenciação das individualidades parentais. Contudo, essa apreensão do objeto total, permitida pela síntese perceptiva, pode mascarar uma das mais importantes contribuições de Melanie Klein, conforme salienta Petot (1982/2016):

A descoberta de uma diferenciação das imagos parentais a partir da dissociação de um monstruoso andrógino sincrético, diferenciação essa que, segundo numerosas passagens, é o processo condutor da evolução que leva do Édipo arcaico da posição maníaca ao Édipo sexuado e diferenciado da fase tardia da posição depressiva infantil (p. 59).

As discussões sobre um desenvolvimento favorável já aparecem em 1932, visto que comportavam a necessidade de separação da imago do casal combinado, muito embora a sua visualização seja muito sutil, pois Klein não descreve essa imago relacionando com o Édipo arcaico, descreve-a relacionando sempre ao sadismo e na descrição dos casos clínicos. É no estágio do objeto parcial que encontramos, portanto, a

confusão das identidades e dos limites corporais. Essa fase é marcada pela indiferenciação dos objetos parciais entre si, do objeto parcial com o total e dos objetos totais entre si, pois, consoante com o pensamento de Petot, estamos falando: “. . . da fase das equivalências simbólicas, em que há confusão do símbolo e da coisa simbolizada” (Petot, 1982/2016, p. 59).

Petot (1982/2016) sugere a seguinte hipótese: a posição maníaca atua na elaboração da ansiedade depressiva e na elaboração do complexo de Édipo a partir da fantasia inicial dos pais combinados. Nesse início, há uma forte rivalidade contra os dois simultaneamente, não ocorrendo, portanto, a possibilidade de encontrar um bom objeto real para se apoiar e enfrentar o mau objeto. Essa rivalidade, na posição maníaca, é gradualmente substituída por uma rivalidade edipiana, a criança aproxima-se de um dos pais e forma um casal que exclui o outro.

Notemos que a fantasia dos pais combinados vai mudando sua natureza ao longo da posição maníaca. Contudo, é importante ressaltar, seguindo os esclarecimentos de Petot: “. . . que neste nível os pais combinados são unidos sexualmente, porém não são mais confundidos quanto à sua identidade; não se trata mais da fantasia arcaica, mas de seu derivado clássico, a cena primitiva. Tudo isso reporta-se a um Édipo já evoluído” (Petot, 1982/2016, p. 60).

A esse respeito, Segal (1991/1993) ressalta que um aspecto importante da posição depressiva é “(...) que o reconhecimento da mãe como pessoa separada inclua o reconhecimento do pai como parceiro dela, e não como um objeto parcial visto com propriedade dela ou como um objeto confundido com ela, como na fantasia dos pais combinados” (p. 59). O pai enquanto interceptador das identificações projetivas realizadas entre a criança e a mãe tem uma função primordial na elaboração da posição depressiva.

Ribeiro (2018) destaca que:

Articular os dois conceitos posição feminina e posição depressiva- pode nos levar a reflexões interessantes; pois, se estamos sempre no âmbito de um processo constante e contínuo de construção e articulação entre um sujeito e um objeto, no qual a alteridade é sempre incerta e depressiva, a feminilidade e a masculinidade dialogam com essas questões (p. 102).

Finalizando essa seção, chegamos à importante compreensão de que, no início da vida, a criança está diante de uma figura bizarra, um andrógino, ser criado a partir de suas fantasias, alinhado a sua limitada capacidade perceptiva e cognitiva. Motivada pelo medo, pelo desejo de conhecer e de dominar tal ser, a criança estabelece relações que vão permitindo, juntamente com os progressos do seu crescimento emocional, intelectual e físico, que ela realize a discriminação e separação de cada parte deste ser, para, em seguida, integrá-las e formar duas pessoas separadamente. Nesse sentido, estamos diante da mãe e do pai, enquanto pessoas distintas, a criança está diante do feminino e do masculino. Entendemos que somente após a separação e a apreensão do objeto total é que a criança constituirá a identidade de gênero. É importante salientar que a separação do casal combinado visa diminuir a persecutoriedade atribuída a esse objeto assustador e permitir a internalização de bons objetos parentais.

Diante das reflexões pautadas até o momento, que indicam a necessidade da superação do casal combinado e do reconhecimento do feminino e do masculino por parte da criança, nos questionamos se a fantasia do casal combinado é uma cena exclusiva de casais heteroparentais. O que pensar sobre as mais diversas cenas de casais presentes na atualidade, possibilitadas pela: homoparentalidade, multiploparentalidade quando pensamos nas configurações de trisal, poligamia, poliandria, entre outras configurações?

Acreditamos que as reflexões sobre a posição esquizoparanoide e a inveja nos ajudarão a refletir sobre esses questionamentos. Como veremos na sequência.

4 Se eu fosse você⁴?

Em termos de desenvolvimento psíquico, a posição esquizoparanoide antecede a posição depressiva, mas a sua formulação de maneira mais completa e detalhada é realizada por Klein, na apresentação do artigo “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides” (1946/1991). Como nosso trabalho optou por seguir a ordem cronológica da publicação dos textos de Klein, o presente capítulo trata sobre os aspectos mais primitivos do desenvolvimento infantil que estão presentes na descrição da posição esquizoparanoide, tais como a cisão/clivagem, a confusão, a identificação projetiva, a inveja e a gratidão. Portanto, estes serão os temas abordados neste capítulo e as possíveis implicações com a constituição da identidade de gênero.

Para tanto, optamos por dividir este capítulo em duas subseções: na primeira seção, fazemos a análise do seguinte texto de Melanie Klein: “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides” (1946/1991), em que a autora trata de forma mais detalhada a posição esquizoparanoide e a importância dos mecanismos de defesas denominados clivagem e identificação projetiva. Para maior clareza em relação à identificação projetiva, também examinamos o artigo “Sobre a identificação” (1955/1991), uma vez que esse tema é retomado por Klein neste artigo. Na segunda seção, falamos sobre “Inveja e gratidão” (1957/1991), em que destacamos a inveja em relação à fantasia do casal combinado e as confusões no desenvolvimento psíquico.

4.1 Posição Esquizoparanoide

Em relação ao artigo “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides” (1946/1991), a nota explicativa da Comissão Editorial ressalta que, nesse artigo, encontramos a

⁴ O título do capítulo é em referência ao romance mencionado por Klein no artigo “Sobre a identificação” (1955), cujo título original é *If I were you*, escrito por Julian Green em 1947.

mudança em relação ao termo posição paranoide, que passa a ser denominado por Klein de posição esquizoparanoide. Nesse sentido, são definidas por Klein as características do ego arcaico, a maneira como este estabelece suas relações de objetos, bem como as ansiedades implicadas nessa relação.

Com a caracterização do ego arcaico, temos mais clareza sobre os estados e mecanismos esquizoides e sobre os processos de idealização e desintegração. Também somos levados a uma melhor compreensão da projeção e seus aspectos ligados à cisão do ego e à identificação projetiva. Convém esclarecer que os termos cisão, clivagem e *splitting* são sinônimos e utilizados a depender dos tradutores. Importante sinalizar que o termo indica o estado de violência e profundidade em que as cisões/clivagem/*split* ocorrem no psiquismo infantil. Em nosso trabalho, utilizamos os termos cisão e clivagem.

No delineamento do artigo, Klein (1946/1991) apresenta como inovação a capacidade do próprio ego em cindir-se e, também, a interação entre os mecanismos esquizoides. Dessa forma, ela retoma alegações feitas anteriormente ao reafirmar que o impulso destrutivo é dirigido contra o objeto e é expresso inicialmente por meio de fantasias de ataques sádico-orais ao seio, que logo evoluem para violentos ataques contra o corpo materno, sendo utilizados todos os meios sádicos possíveis. Por empregar impulsos sádico-orais contra a mãe, no sentido de assaltar o corpo da mãe e retirar todos os conteúdos bons, bem como impulsos sádico-orais de colocar dentro da mãe todo os tipos de excrementos, até mesmo o desejo de introduzir-se dentro do corpo da mãe para controlá-la, esses impulsos provocam no bebê intensos medos persecutórios que contribuem posteriormente para o desenvolvimento dos estados de paranoia e esquizofrenia.

São defesas típicas do ego arcaico: a cisão de objetos e dos impulsos, a idealização, a negação da realidade interna e externa e o abafamento das emoções, sendo

que a ansiedade nesse momento envolve conteúdos como o medo ser envenenado ou devorado. A elaboração da posição depressiva depende da elaboração da posição esquizoparanoide, de forma que o fracasso nesse processo de elaboração das posições pode levar a regressão dos medos persecutório e o fortalecimento de pontos de fixação que favorecem o surgimento de psicoses graves. Em relação à posição depressiva, podemos ter o surgimento de transtornos maníacos depressivos posteriormente.

Neste sentido, Klein (1946/1991) reafirma seu entendimento em relação ao ego arcaico, ela o concebe de forma dinâmica, pois, embora falte coesão ao ego arcaico, há um movimento que oscila entre a sua integração e a sua desintegração. Afirma que algumas funções encontradas no ego mais tardio podem ser encontradas desde o início no ego arcaico, por exemplo, a função que exige do ego o manejo da ansiedade.

Convém lembrar que, para Klein (1946/1991), a ansiedade surge da atuação que tem a pulsão de morte dentro do próprio organismo, tal pulsão “é sentida como medo de aniquilamento (morte) e toma a forma de medo de perseguição. O medo do impulso destrutivo parece ligar-se imediatamente a um objeto, ou melhor, é vivenciado como o medo de um incontrolável objeto dominador” (p. 24). As demais fontes de ansiedades primárias advêm do trauma do nascimento (ansiedade de separação) e das frustrações das necessidades corporais. É importante salientar que essas primeiras experiências também são sentidas como sendo oriundas de objetos externos, contudo, mesmo esses objetos sendo externos, por meio da introjeção eles se instalam no interior do ego e tornam-se objetos internos persecutórios o que reforça o medo do impulso destrutivo internamente.

Temos, portanto, que no processo de fantasia além de ocorrer a separação entre o seio bom e o seio mau, para a psique do bebê o seio que frustrou e foi atacado pelas fantasias sádico-orais é vivenciado como estando fragmentado e, em contrapartida, o seio responsável pela gratificação que foi internalizado sob a primazia da libido oral é

vivenciado como um objeto inteiro, sendo este bom objeto internalizado que contribui para a coesão e integração do ego. Assim, as fantasias e os sentimentos em relação ao estado que se encontra o objeto interno influenciam a formação e estruturação do ego. A prevalência do sadismo durante o processo de incorporação do objeto favorece o sentimento de que os objetos estão despedaçados, cindidos, o que leva o perigo do ego cindir-se, tal como os objetos que foram incorporados.

É fundamental salientar que os processos de cisão dos objetos e do ego que ocorrem na vida de fantasia dos bebês são importantes ao longo de toda a vida e podem deixar como marcas a falta de continuidade e integração da vida psíquica, como a vivência de que os sentimentos, as relações e os pensamentos precisam ficar isolados uns dos outros. Nesse sentido, podemos pensar a rigidez que temos acompanhado nos discursos atuais em relação aos gêneros. Tais discursos não possibilitam outras formas de pensar sobre os gêneros e não aceitam uma posição não binária ou transexual. Ou ainda, manifestam uma postura muito rígida entre o que é ser mulher e o que é ser homem por meio de uma lista de comportamentos que devem ser atendidas para o bem da sociedade.

4.1.2 A fantasia do casal combinado e as implicações na constituição da identidade de gênero presente no caso Schreber

Além dos pontos já destacados presentes no artigo apresentado por Klein (1946/1991), consideramos importante evidenciar que ela retoma o caso Schreber que foi analisado anteriormente por Freud. De forma bem resumida, observamos que o interesse de Klein no caso é para exemplificar que a divisão da alma presente no delírio de Schreber está relacionada não apenas a cisão do objeto, mas ao sentimento que Schreber tem de que seu ego também foi cindido.

Nosso interesse em citar Schreber está relacionado ao foco dessa pesquisa, que envolve as questões relacionadas à fantasia do casal combinado na constituição da identidade de gênero. Na leitura do texto de Freud, chamou nossa atenção que, antes de Schreber adoecer e desenvolver o seu complexo sistema de delírio, ele teve o seguinte pensamento, conforme descreve Freud (1911/1996a):

Além disso, certa vez, nas primeiras horas da manhã, enquanto se achava entre o sono e a vigília, ocorreu-lhe a ideia de que ‘afinal de contas, **deve ser realmente muito bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula**’. Trata-se de ideia que teria rejeitado com maior indignação, se estivesse plenamente consciente (p. 24, grifos nossos).

Contemplamos, com a citação acima, a fantasia de Schreber em tornar-se uma mulher e ser penetrado e depreendemos que tal fantasia só pode ser pensada mediante a construção do seu delírio e do seu adoecimento psíquico, bem diferente do caso de Fritz, mencionado em nosso segundo capítulo, que pode exprimir sua fantasia de forma mais livre. Aqui, é interessante observamos uma coincidência em relação aos dois casos, ambas as crianças Fritz e Schreber foram utilizadas por seus pais como “cobaias”, ou seja, fizeram parte do experimento científico realizado por eles. Porém, o direcionamento científico dado pela mãe em relação a Fritz visava o esclarecimento sexual, o relaxamento de seu superego e da figura de Deus e conseqüentemente a diminuição de suas inibições no aprendizado e no pensamento, diante disso, Fritz é uma criança que pode livremente expressar suas fantasias, seus desejos e suas teorias sobre a diferença anatômica dos corpos.

Em relação a Schreber, a direção tomada por seu pai no campo científico é totalmente a oposta da mãe de Fritz. Podemos dizer que pai de Schreber aplicava no filho uma “ortopedia moral”. Para ele, a saúde física e mental ocorreria por meio da aplicação

rigorosa de exercícios físicos associados a contenção das emoções. Nesse sentido, o pai de Schreber desenvolveu uma série de instrumentos ortopédicos que visavam garantir uma boa postura, instrumentos estes que foram aplicados em seu filho. Também, estão presentes na educação de Schreber repreensões, punições, medidas disciplinares com objetivo de melhorar comportamentos, a figura de Deus é venerada e que dever ser respeitada, nunca questionada. Portanto, os experimentos aos quais Schreber foi submetido visavam a modelagem do seu corpo e submissão do seu caráter.

Em ambos os casos, o corpo físico tem importância salutar, para Fritz o corpo é o lugar das construções fantasística e da criatividade, para Schreber o corpo é o lugar de onde emanam as dores e as fraquezas do sujeito/psique que sofre por excessos de penetração, pelo excesso causado pela realidade externa.

No decurso da doença psíquica apresentada por Schreber, encontramos no seu delírio de forma resumida o pensamento de que precisava salvar o mundo, mas isso só poderia acontecer se ele fosse transformado em uma mulher. A construção do delírio segue demonstrando que a transformação em mulher se daria por meio de um processo lento e demorado. Podemos dizer que há por parte do ego uma forma de resolução do conflito psíquico, qual seja a explicação das razões que o levam ou permitem-no a tornar-se mulher.

Ao considerarmos as questões pertinentes à posição esquizoparanoide e à constituição da identidade de gênero, vemos que os aspectos femininos no processo de identificação de Schreber assumem as qualidades que se tornam idealizadas e, portanto, não podem se integrar ao ego, tornando-se um objeto persecutório. De acordo com Klein (1957/1991), o objeto idealizado é menos integrado no ego do que o objeto bom, pois o objeto idealizado se origina mais na ansiedade persecutória do que na capacidade de amar.

Contudo, é importante salientar que a elaboração desse objeto ideal em objeto bom é de extrema importância na elaboração da posição esquizoparanoide para a posição depressiva.

Pensamos que essa travessia entre as posições ficou impedida em Schreber e só pode ser representada por meio do seu delírio. De tal maneira que a transformação em mulher é descrita por Schreber de forma minuciosa e com ênfase no prazer gerado durante o processo de transformação, vejamos uma passagem desse momento:

Por meio do que chama de ‘atrair’ (isto é, pela invocação de imagens visuais), é capaz de dar tanto a si quanto aos raios a impressão de que seu corpo se acha aparelhado com seios e órgãos genitais femininos: ‘Tornou tanto um hábito para mim atrair nádegas femininas para meu corpo - *honi soit qui mal y pense* – que o faço quase involuntariamente, a cada vez que em abaixo’. É ‘ousado o bastante para asseverar que quem quer que tenha oportunidade de me ver diante do espelho com a parte superior de meu corpo desnuda – especialmente se a ilusão é auxiliada por estar eu usando algum atavio feminino – receberia uma impressão inequívoca de um *busto feminino*’ (Freud, 1911/1996a, p. 42).

A citação acima descreve a identificação feminina de Schreber, bem como o situa diante de um objeto idealizado que contém dentro de si tudo de bom e de prazeroso, mas que não pode se constituir em um bom objeto. Também, observamos a presença da fantasia do casal combinado no delírio apresentado por Schreber, no seguinte excerto descrito por Freud (1911/1996a):

O próprio Deus não é uma entidade simples. ‘Acima das ‘ante-salas do Céu’ pairava o próprio Deus, que, em contraposição a estes ‘domínios anteriores de Deus, era também descrito como os ‘domínios posteriores de Deus’. Os domínios posteriores de Deus eram, e ainda são divididos estranhamente em duas partes, de modo que um Deus inferior (Arimã) se diferencia de um Deus superior (Ormuzd).

. . . Não obstante, diz-nos também que ‘apesar do fato de sob certos aspectos, o Deus Todo-Poderoso formar uma unidade, o Deus inferior e superior devem ser considerados como Seres separados, cada um dos quais possui seu próprio egoísmo e instinto particular de autopreservação, *mesmo em relação ao outro*, e cada um dos quais se está, portanto, constantemente esforçando por arremessar-se na frente do outro’ (p. 34).

Diante da citação apresentada, visualizamos, na figura de Deus, o monstro sincrético e enigmático que nos remete a fantasia do casal combinado. Corroborando nossas inferências, Niederland (1981) afirma que as características apresentadas pela divindade na divisão das ante-salas com uma parte anterior, posterior, inferior e posterior representam a fusão condensada e distorcida das figuras parentais. Portanto, Deus representa a confusão do pai e da mãe, percebido como um Deus complexo, que remete a domínios anteriores como sendo maternos e posteriores como sendo paternos. Um Deus posterior, superior e bom, como sendo, Ormuzd e um Deus anterior, inferior e do mal, como sendo, Arimã.

Uma vez que Schreber não pode se tornar uma mulher com todas as implicações sociais e culturais que ensejam o ser mulher, essa foi a parte que permaneceu em sua vida, mesmo após sua melhora, como descreve Freud (1911/1996a):

A ideia de ser transformado em mulher foi a característica saliente e o germe mais primitivo de seu sistema delirante. Mostrou também ser a única parte deste que persistiu após a cura e a única que pode permanecer em sua conduta na vida real, após haver-se restabelecido. ‘A única coisa que poderia parecer disparatada aos olhos de outras pessoas é o fato, já a florado no relatório do perito, **de que sou às vezes encontrado parado em frente do espelho ou em outro lugar, com a parte superior de meu corpo desnuda e usando adornos femininos variados, tais**

como fitas, colares falsos e similares. Isto só ocorre, posso acrescentar, quando estou sozinho, e nunca pelo menos na medida em que posso evitá-lo, na presença de outras pessoas' (p. 3, grifos nossos).

Esse era o desejo anunciado pelo pequeno Fritz e por tantas outras crianças, enfeitar-se com os adornos usados por sua mãe. No adulto Schreber, temos a manifestação do desejo, mas que não pode ser realizado de forma satisfatória, plena e tranquila, pois é vivido sob a vigilância (perito) e a condenação do superego (objetos internos que não puderam ser assimilados). Conforme salienta Segal (1991/1993), a situação apresentada por Schreber demonstra a dificuldade em integrar e conter os aspectos mais primitivos e simbólicos de sua experiência, ou seja, a dificuldade em perlaborar pela posição depressiva e de tornar o casal combinado um objeto menos persecutório.

O caso Schreber,⁵ nos círculos de psicanálise, é tido como um transtorno grave de paranoia, situado no campo das psicoses e foi por nós aqui descrito para exemplificar a presença de uma disforia de gênero. O que poderia levar ao entendimento que estamos situando a identidade de gênero não binária no campo das psicoses. Como essa não é a nossa intenção, consideramos importante lembrar que a posição esquizoparanoide abarca também processos que levam a introjeção do bom objeto como veremos adiante ao falarmos da identificação projetiva, ou seja, estamos falando da parte psicótica da personalidade que de forma um pouco mais integrada todos os indivíduos contêm dentro de si.

A esse respeito, temos a dizer que a fantasia do casal combinado para Klein representa a união entre feminino e masculino criando um ser monstruoso e enigmático, como no mito do andrógino, responsável pela confusão do gênero. E sendo essa fantasia

⁵ A esse respeito, sugerimos a leitura do artigo de Lattanzio & Ribeiro (2017) sobre *Transexualidade, psicose e feminilidade originária: entre psicanálise e teoria feminista*.

anterior a cena primitiva, conforme descrevemos no capítulo 3, na atualidade considerando as mais diversas cenas de casais: homoparental, heteroparental, múltiparentais quando pensamos nas configurações de trisal, poligamia, poliandria, entre outras, entendemos que essa fantasia pode ser encontrada em todas as configurações parentais. Pois, em nossa compreensão, a fantasia do casal combinado representa a figura de um monstruoso andrógino sincrético e enigmático, o que nos remete a pensar que a constituição psíquica é formada por um núcleo de indiferenciação, confusão e violência que está na raiz da constituição da identidade de gênero. Esse núcleo originário abarca todas as formas de parentalidade e sua formação depende muito mais da ética do cuidado, e dos encontros e desencontros proporcionados às crianças. Neste sentido, a ampliação da possibilidade conjugal e de novas constituições de gêneros impõem novas demandas à constituição psíquica e, também, torna possível novas formas de subjetivação e simbolização da identidade sexual o que representa para cultura novas conformações sociais.

Em consonância com as ideias apresentadas, Cintra e Ribeiro (2018) destacam que a teorizações realizadas por Klein acerca do psiquismo nos oferece outras possibilidades de pensar o complexo de Édipo, como explicam na citação abaixo:

A transformação do complexo de Édipo em uma *situação* concedeu a Klein a possibilidade de que esse complexo fosse construído e desconstruído de infinitas maneiras. A mobilidade da situação edipiana é também um dos precursores da noção de *função* paterna. Pensando em termos de *posições* - esquizoparanoide e depressiva – é mais fácil chegar à noção de lugares que vão sendo ocupado pelos personagens durante a constituição do sujeito psíquico, permitindo a transformação dos personagens concretos – o pai, a mãe – em *lugares* de ocupação. Em vez de estrutura rígida, com seus personagens fixos, o complexo de

Édipo foi sendo colocado em movimento através desta forma de pensá-lo (Cintra e Ribeiro, 2018, pp. 77-78).

As discussões anteriormente apresentadas revelam que identificações indiscriminadas realizadas pelo sujeito bebê levam a fraqueza do ego, tornando o objeto idealizado em um perseguidor, por isso entendemos que as novas configurações parentais não fogem do laborioso trabalho executado pelo ego que envolve a separação, discriminação e identificação com os objetos como descrito no modelo tardio do complexo de Édipo. Independente da configuração parental a qual uma criança está submetida, durante a passagem pela posição esquizoparanoide, ela necessariamente precisará dominar o monstro enigmático produzido pelas suas fantasias. O trabalho a ser executado envolve conhecer, separar, discriminar, penetrar e deixar-se ser penetrado pelas vivências emocionais suscitadas ao longo da infância. O resultado esperado pela travessia da posição esquizoparanoide é que o *infans* possa reconhecer os objetos totais, ou seja, possa qualificar, reunir, agregar partes em pessoas, tanto dos objetos como do próprio *self*.

Na execução do trabalho de integração dos objetos e próprio *self*, os mecanismos de defesas desempenham um papel fundamental e de acordo com Meltzer (1989) que difere de Freud que entendia que os mecanismos de defesa estavam ligados à escolha da neurose, Melanie Klein compreende que os mecanismos de defesas são utilizados em diferentes estágios do desenvolvimento em virtude dos diferentes problemas de desenvolvimento e, portanto, podem repercutir de várias maneiras a depender do conflito presente. Uma vez que, em relação aos conflitos psíquicos, os mecanismos de defesas compreendem ainda a dimensão sádica, moderada e reparatória. Por isso, com a descrição da posição esquizoparanoide, observamos que dois mecanismos de defesa são essenciais no desenvolvimento psíquico a clivagem e a identificação projetiva. Tais mecanismos

contribuem para o conhecimento, discriminação e proteção dos objetos e do ego, também favorecem a fixação do bom objeto no ego. Para melhor entendimento, optamos por descrevê-los em tópicos separados.

4.1.3 Clivagem

Klein (1946/1991), ao longo do artigo “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides”, situa o processo de clivagem em correlação aos objetos e aos mecanismos de projeção e introjeção. A clivagem está presente desde o início do desenvolvimento do ego arcaico e atua como uma estratégia defensiva, considerando a inovação no entendimento de que o ego não pode cindir os objetos sem clivar a si mesmo. Para Petot (1982/2016), a clivagem assume o papel de motor na evolução das ideias kleinianas. Para melhor compreendermos o pensamento de Klein (1946/1991), citamos abaixo suas palavras:

Acredito que o ego é incapaz de cindir o objeto, interno e externo, sem que ocorra uma cisão correspondente dentro dele. Desse modo, as fantasias e sentimentos sobre o estado do objeto interno influenciam vitalmente a estrutura do ego. Quanto mais sadismo prevalece no processo de incorporação do objeto e quanto mais o objeto é sentido como estando em pedaço, mais o ego corre perigo de cindir-se em correspondência aos fragmentos do objeto internalizado (p. 25).

Compreendemos pelas palavras acima que, para além da separação entre seio bom e seio mau, há um processo de divisão que ocorre em sobreposição, pois o seio que é atacado em fantasia pelos impulsos sádico-orais é sentido como estando fragmentado e o seio gratificador internalizado sob o domínio da libido oral é tido como estando inteiro. Portanto, o seio mau é introjetado em pedaços e o seio bom introjetado inteiro, como podemos corroborar pelas palavras de Klein (1946/1991): “Esse primeiro objeto bom

interno atua como um ponto focal no ego. Ele contrabalança os processos de cisão e dispersão, é o responsável pela coesão e integração e é instrumental na construção do ego” (p. 25).

Segundo Petot (1982/2016), essa ideia do bom seio inteiro que se opõe ao mau seio estragado já estava contida na descrição da posição depressiva, a novidade está em atribuir a posição esquizoparanoide uma das funções que estavam relegadas a posição depressiva, ou seja a introjeção do bom objeto e suas implicações na formação do ego enquanto instância psíquica.

De acordo com os autores (Baranger, 1981; Meltzer, 1989; Petot, 1982/2016), a clivagem assume características diferentes quando se considera a clivagem fragmentadora e a clivagem binária. A primeira afeta o mau objeto e, em casos extremos, afetaria o bom objeto também, representada nesse caso por uma ansiedade intensamente destrutiva e a segunda, a clivagem binária, atua no desenvolvimento normal do ego, separando o bom objeto inteiro do objeto fragmentado. Quando falamos em clivagem fragmentadora estamos falando da pulsão de morte que se volta contra o ego, cuja presença também é responsável pelos estados de confusão e fragmentação tanto do ego quanto do objeto. Em sua função positiva, a clivagem é parte essencial na condução da integração psíquica, pois preserva o bom objeto e habilita o ego a sintetizar os aspectos amados e odiados do objeto.

Combinado ao processo de cisão, temos, ainda, a projeção e a introjeção como mecanismos de defesas que operam no ego contribuindo conjuntamente para sua estruturação e fortalecimento das defesas contra a ansiedade. Nesse sentido, a projeção visa a deflexão da pulsão de morte, uma forma do ego livrar-se da ansiedade colocando para fora o que é vivido, sentindo como mau. A introjeção visa colocar para dentro aquilo é tido como bom, preencher o ego de bons objetos.

Outros elementos que contribuem nesse processo de defesa do ego contra a ansiedade é a associação da cisão com os processos de idealização e negação. Assim, durante a cisão, a idealização se liga aos bons objetos de forma a engrandecê-los, a exagerá-los, como forma de torná-los maiores, melhores e superiores ao objeto persecutório, temos, portanto, a imagem de um seio que possibilita uma gratificação ilimitada, um seio ideal.

É interessante pensarmos sobre os processos que atuam no jogo em que a idealização e cisão operam. Nesse caso, o objeto frustrador e conseqüentemente perseguidor é mantido separado do objeto idealizado. Essa separação implica a negação completa da existência do objeto mau/frustrador e concomitantemente também são negados os sentimentos e as frustrações que envolvem as situações relacionadas a esse mau objeto. Estamos falando, portanto, da possibilidade de negação da realidade psíquica, aspecto que, na psique infantil, é possível mediante a essa negação onipotente da vivência da dor causada pelo objeto mau, como esclarece Klein na sequência: “Entretanto, não são apenas uma situação e um objeto que são negados e aniquilados - *é uma relação de objeto* que sofre esse destino e, portanto, uma parte do ego, da qual emanam os sentimentos pelo objeto, é negada e aniquilada também” (Klein, 1946/1991, p. 26: *itálicos da autora*). Contudo, segundo Meltzer (1989), é a interação entre a clivagem e a idealização que permitem que a inveja seja atenuada de toda a sua destrutividade, como veremos mais adiante.

Outro processo importante na constituição das relações objetais é a introjeção, mecanismo que opera em conjunto com a projeção, mas que também possui características que podem ou não favorecer o desenvolvimento psíquico. A introjeção do bom objeto é a condição fundamental para desenvolvimento psíquico, pois o bom objeto

constitui como a parte do ego que contribui para sua coesão. Uma das características em relação ao bom objeto tanto interno quanto externo é a tendência a idealizá-lo.

Diante de frustrações ou ansiedades mais extremas, o bebê tende a refugiar-se no seu objeto interno idealizado, como forma de escapar dos objetos perseguidores. Essa fuga para o objeto interno idealizado, quando ocorre de forma excessiva, prejudica o desenvolvimento do ego e as relações de objeto, esse objeto torna-se um objeto não assimilado pelo ego. A esse respeito Klein (1946/1911) diz: “. . . fugir para o objeto idealizado não assimilado requer ainda tantos processos de cisão dentro do ego, isso porque partes do ego procuram unir-se ao objeto ideal, enquanto outras partes esforçam em lidar com os perseguidores interno” (pp. 28/29). É condição do desenvolvimento favorável que o bebê vivencie constantes estados de desintegração, contudo, esses estados são transitórios quando situações de gratificações são oportunizadas pelo bom objeto externo, dando ao bebê a capacidade e a elasticidade de recuperação psíquica, diante destes estados esquizoides. Os estados em que essa recuperação psíquica não é possível, e que perduram os estados de cisão e desintegração, levam a doenças mais graves como a paranoia e a esquizofrenia.

O equilíbrio entre os processos de introjeção e projeção favorecem a integração do ego e a assimilação dos objetos internos. Como projeção e introjeção formam um circuito de retroalimentação, é importante considerar que a entrada violenta no objeto por meio da identificação projetiva, possibilita que a introjeção seja sentida como uma invasão violenta do exterior para o interior. De modo geral, acarreta o medo de que o corpo e a psique sejam controlados por outra pessoa que não o próprio sujeito, tal situação perturba a introjeção de bons objetos e das funções do ego, bem como o desenvolvimento sexual.

Nesse sentido, pensamos em Laplanche (2015), quando ele menciona as mensagens de designação de gênero que são atravessadas pelos conteúdos inconscientes dos pais e familiares, provocando ruídos de cunho Sexual nesta designação. A essa ideia de Laplanche correlacionamos a ideia de Klein sobre a invasão que vem de fora e não pode ser assimilada pelo ego, ficando como objetos não assimilados que perturbam o desenvolvimento psíquico e, conseqüentemente, a constituição da identidade de gênero. Para entendermos melhor essa invasão do externo ao interno, é necessário um olhar mais preciso sobre a identificação projetiva e seus desdobramentos.

4.1.4 Identificação projetiva

Hinshelwood (1992), no *Dicionário do pensamento Kleiniano*, define a identificação projetiva nos seguintes termos: “. . . é a fantasia de que alguma parte do ego foi separada e realocada em um objeto externo. Neste caso, a alteração do ego é um esvaziamento tanto da energia (senso de vida) quanto das capacidades reais” (p. 355). Completando esse entendimento, Rosenfeld (1988) afirma que o processo da identificação projetiva ocasiona uma fusão entre as partes projetadas do *self* como os objetos externos, tornando o bebê igual ao objeto externo. Para Meltzer (1989), a importância da identificação projetiva é que ela torna possível o acesso e o entendimento daquilo que está contido no interior do próprio sujeito, uma vez que ele está projetando o seu próprio interior em um objeto.

Klein, no artigo apresentado em (1946/1991), descreve o movimento de colocar partes do ego dentro do objeto afirmando que antes mesmo que a mãe seja percebida como uma pessoa completa os ataques realizados ao seio, também são estendidos e direcionados ao corpo materno, de modo que o corpo materno figure como uma extensão do seio. Os ataques realizados a mãe em fantasia assumem duas características: uma visa

esvaziar, roubar a mãe de todos os seus conteúdos bons (impulsos orais e introjetivos); a outra implica em expulsar para dentro da mãe tudo que é nocivo para o ego (impulsos anais, uretrais e projetivos), nesse movimento permeado pela agressividade, partes do ego também são colocadas dentro da mãe. Nas palavras da autora (1946/1991):

Esses excrementos e essas partes más do *self* são usadas não apenas para danificar, mas também para controlar e tomar posse do objeto. Na medida em que a mãe passa a conter as partes más do *self*, **ela não é sentida como indivíduo separado**, e sim como sendo um *self* mau (p. 27, grifos nossos).

A essa relação de objeto permeada pelo ódio e agressividade, Klein dá o nome de identificação projetiva. Ela explica esse movimento da seguinte forma: a identificação projetiva deriva quando os impulsos do bebê durante o processo de projeção têm por objetivo danificar e controlar a mãe. Ela chama nossa atenção ainda para o fato de que esse processo causa o empobrecimento do ego, uma vez que, a excessiva excisão e expulsão dos componentes agressivos do ego acabam por limitar a capacidade de potência dos sujeitos, dado que na psique a agressividade tem componentes que favorecem a nossa força e nossa potência.

O tema da identificação projetiva é retomado e esmiuçado por Klein com a publicação do artigo “Sobre a identificação” (1955/1991). Neste artigo, ela faz a análise do personagem Fabian apresentado na obra literária *If I were you*, publicada por Julian Green, em 1947. O objetivo de Klein, ao analisar o romance, é explorar novos entendimentos sobre o conceito de identificação projetiva descrito anteriormente.

De forma resumida, no romance, o Diabo oferece a Fabian o poder de habitar o corpo de outras pessoas, assumindo assim a vida dessa pessoa. É sobre essa experiência de habitar e se perder em outra pessoa que Klein discorre no texto *Sobre a identificação* (1955).

Portanto, nesse artigo, Klein explora as mudanças que ocorrem na identidade do sujeito, por meio da identificação projetiva, sendo esse processo que possibilita ao sujeito a posse e a aquisição da identidade do objeto que foi penetrado. Também, discute como se dá a escolha de objeto para a identificação projetiva. A autora reafirma que os processos de identificação são formados pela internalização dos objetos primários os quais são internalizados em seus diferentes aspectos e nas diferentes situações emocionais vivenciadas com eles.

Em relação ao romance apresentado por Klein, podemos dizer, de forma sucinta, que as vivências emocionais e a internalização dos pais em uma relação infeliz contribuíram para que Fabian tivesse um desejo imensurável de escapar do seu próprio *self*, nas palavras de Klein (1955/1991): “Anseia por escapar de si mesmo, nem que seja por uma hora, para afastar-se das ‘discussões infundáveis’ que ocorrem dentro dele” (p. 183). Desta maneira, são a voracidade, a inveja, o ódio e o sentimento de falta de valor que subjazem as fantasias de Fabian e o impulsiona ao mecanismo de identificação projetiva, segundo a análise de Melanie Klein.

Ao longo do romance, Fabian se transforma em várias pessoas e, à medida que as transformações ocorrem, mais longe do seu *self* verdadeiro ele permanece. É interessante observar que tão logo ele se transforma em uma pessoa e vivencia os conflitos psíquicos daquela pessoa, ele logo quer transformar-se em outra pessoa, dado que o sofrimento vivenciado se torna insuportável. Todas as transformações as quais Fabian se submete são importantes na análise feita por Klein. Contudo, duas transformações chamam nossa atenção, a de Fabian em Paul Esménard, cuja transformação faz com que Fabian perca muito do seu *self* original e a transformação no jovem Camille que, no romance, é casado com Stéphanie, mas nutre amor pela prima de sua mulher, Elise. Essas duas

transformações enfatizam aspectos pulsionais ligados à agressividade, à morte, ao amor e ao desejo de retornar a sua identidade original.

Ao escolher Paul Esménard, Fabian cobiça os seguintes atributos: juventude, porte atlético, autoconfiança, aparência arrogante e briguenta. Logo que a transformação acontece, Fabian, agora Paul Esménard, lembra de uma moça chamada Berthe a qual desejava ter relações sexuais e imediatamente se dirige para a casa de Berthe, mas diante da sua recusa e do medo que ela demonstra, Fabian-Paul Esménard estrangula-a. Ressaltamos que, no romance, é preciso a intervenção do diabo para que Fabian consiga fazer outra transformação, dado o impacto que a junção dessa transformação acometeu no *self* de Fabian-Paul Esménard, favorecendo uma identificação destruidora e permitindo a atuação dos impulsos agressivos pertinentes à posição esquizoparanoide.

Para Klein (1955/1991), essa transformação demonstra a parte agressiva do *self* de Fabian e sua identificação com seu pai. O assassinato de Berthe representa o ódio que nutriu por sua mãe quando está lhe frustrou oral e genitalmente. Em Paul Esménard, Fabian pode projetar todo seu ódio e sua tendência destrutiva e rendeu-se à sua força mais perigosa.

Encontramos aspectos relativos à posição depressiva durante a transformação de Fabian em Camille, pois essa transformação possibilita o encontro com Elise. Elise é jovem e nutre amor por Camille. É no olhar triste e insatisfeito de Elise que Fabian pode lembrar de si mesmo, lembrar inclusive seu nome, Fabian, e começar a procurar por si mesmo, de acordo com Klein (1955/1991): “. . . Fabian-Camille vai-se movendo cada vez mais, física e mentalmente, em direção ao lugar onde Fabian pode ser encontrado, pois, em suas palavras, **eu quero ser eu mesmo novamente**” (p. 179, grifo nosso).

A atração por Elise representa para o *self* de Fabian a parte que se identifica com a figura feminina. Fabian sente-se tentado em transformar-se em Elise para ser amado por

Camille, mas essa transformação não acontece porque Fabian não tem garantia que Camille corresponda ao amor de Elise. Na situação edipiana, essa cena representa o desejo homossexual de Fabian de ser amante do seu pai. Nas palavras de Klein (1955/1991):

É interessante que só perto do final é que Fabian sente o desejo de tornar-se mulher. Isso pode ser conectado com a emergência de desejos e ânsias reprimidas e, portanto, com um enfraquecimento das fortes defesas contra seus impulsos arcaicos femininos homossexual-passivos (p. 193).

Elise também representa o encontro com o amor, com o bom objeto, a busca por seu antigo *self* e o desejo de integrar-se. É no encontro com Elise que Fabian lembra seu nome original, o que remete à busca por sua identidade e os sentimentos de culpa por ter abandonado a sua antiga personalidade, segundo Klein (1955/1991): “. . . o *self* bom é aquela parte da personalidade que é sentida como estando numa relação de amor com seus objetos bons” (p. 202).

Os exemplos das transformações citadas mostram os motivos que levam às escolhas dos objetos para que ocorra a identificação projetiva, cujos objetos estão relacionados aos objetos primários (pai, mãe) de Fabian e às relações que foram desenvolvidas com eles no início de sua vida. Encontramos, ao longo das transformações, a identificação com a mãe, a identificação com o pai, encontramos ódio assassino, encontramos o amor, o pesar, o remorso, e a culpa, confusão da identidade e a busca por integrar-se. Portanto, ao longo da vida, o que leva a escolha de determinados objetos para as identificações é a presença de certa sintonia com esses objetos.

Conforme vimos no exemplo de Fabian, Klein (1946, 1955/1991) também apresenta a possibilidade da identificação por partes boas do *self*. De forma análoga, acontece a projeção de partes boas do ego para dentro da mãe e esse processo é importante porque ajuda na construção de uma boa relação com o objeto e na integração do ego, mas

é preciso que haja, também, um equilíbrio na projeção das partes boas, pois em excesso elas também causam o empobrecimento do ego do bebê e a mãe assume o lugar de ideal do ego.

Em relação à identificação projetiva pelas partes boas, Cintra e Figueiredo (2010) afirmam que esse processo favorece a função comunicativa (empatia) e o abrigo das partes boas que estão em perigo dentro do próprio *self* em um lugar seguro. Nas palavras dos autores: “Mesmo nestes casos, contudo, há uma penetração violenta do psiquismo alheio e uma incorporação do outro como espaço de uso e abuso em função das necessidades do indivíduo” (p. 117).

A respeito das partes boas do *self* que estão perdidas no objeto, Petot (1986/2016) afirma que ocorre a presença de um tipo novo de ansiedade, que ainda não foi pensada. Essa ansiedade não é persecutória, porque não há o medo de retaliação por parte do objeto, uma vez que ele não foi danificado. Também não é depressiva, embora trate-se de uma perda, esta não é relacionada ao objeto, mas sim de uma perda de parte do *self*. Uma questão que se coloca, seria esse novo tipo de ansiedade ligada a perda do *self* uma ansiedade correspondente a perda da identidade?

4.2 Inveja e Gratidão

No artigo “Inveja e gratidão”, Klein (1957/1991) examina a inveja em relação aos demais processos de formação do psiquismo e também amplia o entendimento da inveja para além daquela postulada por Freud enquanto a inveja do pênis. Afirma que a inveja tem importância fundamental no desenvolvimento da vida emocional dos indivíduos e por isso afeta as relações de objeto. Nas palavras de Klein (1957/1991): “Considero que a inveja é uma expressão sádico-oral e sádico-anal de impulsos destrutivos, em atividade desde o começo da vida, e que tem base constitucional” (p. 207).

A respeito do artigo “Inveja e Gratidão”, os autores (Cintra e Figueiredo, 2010; Meltzer, 1989; Petot, 1986/2016) consideram um dos textos mais importantes da teoria kleiniana, pois ele permite a continuidade dos estudos e observações sobre a pulsão de morte, sendo a inveja a manifestação dos impulsos destrutivos em toda a sua radicalidade, pois seus ataques visam o bom objeto, objeto do qual depende toda a saúde psíquica. A inveja, em sua magnitude, é sempre a inveja das fontes de vida. Esses autores também afirmam que, ao falar sobre uma base constitucional, Klein não estava se referindo a componentes genéticos que direcionam as tendências da inveja. Para eles, o que Klein ressalta é que ao observar os recém-nascido, percebemos crianças mais ou menos propensas ao uso do bom objeto, ou seja, bebês que se sentem satisfeitos e toleram mais os períodos de frustrações, sendo essa a base constitucional dos sujeitos.

Além do entendimento mencionado pelos autores citados anteriormente, Klein (1957/1991) afirma que o seio é o primeiro objeto internalizado e justifica tal proposição afirmando que fatores inatos contribuem para essa ligação objetual, dado que o seio é sentido como a fonte de nutrição e de vida. Esse contato físico e mental com esse seio que gratifica, restauraria a unidade pré-natal perdida por ocasião do nascimento. Klein (1957/1991) nos alerta que a introjeção e o estabelecimento desse objeto originário no interior do psiquismo “... depende em grande parte da capacidade do bebê de investir suficientemente o seio ou seu representante simbólico, a mamadeira; dessa forma a mãe é transformada em um objeto amado” (p. 210).

Essa passagem é muito interessante pois permite nos pensar que essa “mãe” que se torna o objeto amado não precisa, necessariamente, ser representado por uma mulher; claro que, culturalmente, na maior parte das vezes, é a mulher que é responsável pelo aleitamento, mesmo quando este é realizado por meio de uma mamadeira. No entanto, esse investimento simbólico do objeto mamadeira do qual trata a autora, abre a

possibilidade de que outras pessoas, ou seja, outros gêneros segurem essa mamadeira. Pois, do mesmo modo que acontece a relação com o gênero feminino representado pela mãe, ocorrerá por parte do bebê a introjeção desse objeto originário (uma mãe pai, uma mãe transexual) que será amado, visto que cumpriu a função de garantir a vida e, além disso, a restauração simbólica da unidade pré-natal perdida com o nascimento, promovida pela satisfação e gratidão que o bebê sentiu quando foi alimentado. É nesse sentido que Cintra (2018) destaca que a experiência junto ao seio ou a mamadeira significa a vivência junto aos objetos que são doadores de vida e diante da vivência da falta desses objetos doadores de vida, eles se tornam objetos sugadores de vida (seio mau).

Klein (1957/1991) ressalta a importância na constituição psíquica de fatores externos no processo de amamentação, das condições durante o nascimento, das condições psíquicas da mãe ao cuidar desse bebê. Quando os primeiros momentos de cuidado com o bebê fluem de forma favorável, eles contribuem para o bebê aceitar o leite que alimenta com prazer e a internalização do bom objeto pode ocorrer.

O artigo também trata sobre os efeitos da inveja no desenvolvimento dos processos que envolvem a gratidão e a felicidade. A inveja influencia a capacidade do bebê em construir o bom objeto, quando o bebê sente que a gratificação desejada lhe foi negada para usufruto do próprio seio causador da dor. A autora diferencia inveja, ciúme e voracidade com as seguintes formulações:

A inveja é o sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável – sendo o impulso invejo o de tirar este algo ou de estragá-lo. Além disso, a inveja pressupõe a relação do indivíduo com uma só pessoa e remonta à mais arcaica e exclusiva relação com a mãe. O ciúme é baseado na inveja, mas envolve uma relação com, pelo menos duas pessoas; diz respeito principalmente

ao amor que o indivíduo sente como lhe sendo devido e que lhe foi tirado, ou está em perigo de sê-lo, por seu rival (Klein, 1957/1991, p. 212).

Mais adiante continua:

A voracidade é uma ânsia impetuosa e insaciável, que excede aquilo que o sujeito necessita e que o objeto é capaz e está disposto dar. A nível inconsciente, a voracidade visa, primariamente, escavar completamente, sugar até deixar seco e devorar o seio, ou seja, seu objetivo é a introjeção destrutiva, ao passo que a inveja procura não apenas despojar dessa maneira, mas também depositar a maldade, primordialmente excrementos maus e partes más do self, dentro da mãe, acima de tudo dentro do seio, a fim de estragá-la e destruí-la (Klein, 1957/1991, p. 2012).

Segundo Meltzer (1989), ao diferenciar a inveja do ciúme, Melanie Klein possibilita o movimento de transformar as emoções em palavras e tornar possível diferenciar as qualidades da dor mental, se ela é persecutória ou depressiva. O entendimento sobre os processos de clivagem e identificação projetiva são valiosos, pois permitem o acesso aos fragmentos e partes da personalidade e aos fragmentos e partes dos objetos que se relacionam entre si.

De acordo com autora, o primeiro objeto invejado é o seio que nutre, uma vez que, para o bebê, o seio é possuidor de tudo aquilo que ele deseja, leite e amor e que guardaria essas coisas boas para si. A inveja primária do seio deve ser diferenciada das formas ulteriores de inveja, como aquela sentida pela menina em relação ao desejo de ocupar o lugar da mãe, e do menino em relação a posição feminina. Nesse artigo, Klein salienta que a inveja participa ativamente nos ataques sádicos realizados ao seio materno e ao interior do corpo materno. Diante de estados transitórios de privação do seio, o bebê tem a voracidade e a ansiedade persecutória intensificadas, porque sente que o seio que priva

torna-se se mau, por guardar para si tudo o que é ofertado pelo seio bom. A inveja excessiva impede a introjeção do bom objeto.

A partir das reflexões sobre o estudo de Klein, Petot (1982/2016) afirma que a especificidade da inveja é estar conjugada ao seio bom, enquanto as demais pulsões estão atreladas ao seio mau. Assim, a inveja ataca ativamente o seio bom e quanto mais qualificado for o seio, mais ataques ele sofrerá. Nas palavras de Petot (1982/2016): “Neste sentido, se a inveja é, como fator pulsional, antagonista da gratidão, ela constitui, como processo psíquico, o inverso da reparação que torna ‘bom’ o objeto estragado pelas fantasias sádicas e evita que se transforme em perseguidor” (p. 156). É importante salientar que no processo que configura a inveja o objeto torna-se mau sem ter sido atacado primeiramente pela projeção dos impulsos sádicos, ou seja, o bebê sente-se atacado pelo seio invejado, só então que efetua os ataques em fantasias. Quando os ataques sádicos ao seio são determinados pela inveja, há o aumento da intensidade e duração, logo, o seio atacado perde seu valor, torna-se mau porque foi mordido e envenenado com fezes e urina.

Dúvidas sobre a posse do bom objeto e a incerteza sobre os próprios sentimentos bons contribuem para identificações vorazes e indiscriminadas, a pessoa não pode confiar em seu próprio julgamento. A base para estabelecer um ego forte está na capacidade em recuperar o bom objeto que é perdido em estágios temporários de ódio, inveja e ressentimento. Em relação à gratidão, Klein (1957/1991) afirma:

Um dos principais derivados da capacidade de amar é o sentimento de gratidão.

A gratidão é essencial à construção da relação com o objeto bom e é também o fundamento da apreciação do que há de bom nos outros e em si mesmo. A gratidão tem suas raízes nas emoções e atitudes que surgem no estágio mais inicial da infância, quando era para o bebê a mãe é o único e exclusivo objeto (p. 219).

A satisfação depende do desenvolvimento por parte do bebê da capacidade de amar, sendo essa satisfação a base para a gratidão. A satisfação obtida na amamentação é a base para a gratificação sexual e o que torna possível o sentimento de unidade com outra pessoa, o que significa ser compreendido. A gratidão está relacionada à confiança em figuras boas, e inclui a capacidade de aceitar e assimilar o objeto originário amado. Assim, fica garantido o estabelecimento de um objeto bom que ama e protege o self e, por sua vez, também é a amado e protegido.

Klein (1957/1991) afirma que a frustração ou a indulgência excessiva contribuem para posições mais rígidas em relação ao sofrimento psíquico. Diante da impossibilidade de o bebê vivenciar estados de completa ausência de dor, o enriquecimento e fortalecimento da personalidade e do ego advêm da sensação de que o conflito foi vivenciado e suportado, sendo este o elemento da criatividade.

4.2.1 A inveja e a fantasia do casal combinado

Como mencionado anteriormente, há uma relação estreita entre a inveja e o ciúme. O ciúme é baseado na rivalidade com o pai, ou um terceiro⁶, sendo o pai ou este terceiro o responsável por ter levado embora a mãe e o seio. Portanto, o complexo de Édipo é influenciado pela relação exclusiva vivenciada com a mãe. Ocorre que, se essa relação é perturbada muito cedo, a rivalidade com o pai aparecerá de forma prematura. Klein (1957/1991) afirma que a fantasia do pênis dentro da mãe ou dentro do seu seio transformam o pai num intruso hostil.

A intensidade dessa fantasia depende da capacidade do bebê de ter tido ou não uma satisfação plena com a mãe, ou seja, se o primeiro objeto foi internalizado de modo

⁶ Este terceiro pode ser outra pessoa, ou um interesse que a mãe tenha como, por exemplo, o trabalho.

seguro. Portanto, a inveja atua diretamente para o sucesso ou fracasso dessa experiência inicial. Deprendemos, a partir das discussões apresentadas, que Klein (1957/1991) reafirma suas posições em relação a fantasia do casal combinado, conforme descrevemos anteriormente, em suas palavras: “As fantasias do seio da mãe e da mãe que contém o pênis do pai, ou do pai contendo a mãe, estão entre as características do estágio mais inicial do complexo de Édipo. Essa é a base da figura dos pais combinados. . .” (p. 229). Portanto, o desenvolvimento do complexo de Édipo é determinado pela força/intensidade da inveja, que tem como resultante a força da figura dos pais combinados.

Diante da fantasia do casal combinado, a criança vive amargura, abandono e desamparo e, quando não pode diferenciar as imagos do pai e da mãe, não pode identificar-se com um deles como sendo o bom objeto e dirigir sua agressividade para o outro, pois estão combinados e são indestrutíveis.

A força da inveja e a intensidade do ciúme edípiano atuam diretamente na capacidade do bebê em perceber e diferenciar o pai e a mãe, na separação do casal combinado, bem como no estabelecimento de boa relação com cada um deles. A fantasia do casal combinado é reforçada pela suspeita que o bebê tem de que os pais se gratificam sexualmente de forma contínua e ininterrupta. A prevalência das ansiedades relacionadas ao casal combinado pode perturbar o desenvolvimento da relação posterior com ambos os pais. Klein (1957/1991) ressalta que “Em pessoas muito doentes, a incapacidade de desemaranhar a relação com o pai da relação com a mãe – por se acharem eles inextricavelmente interligados na mente do paciente – desempenha um papel importante nos estados graves de confusão” (pp. 229-230).

Quando a inveja não é excessiva, o ciúme na situação edípica pode ser utilizado para elaboração da inveja. Sob a primazia do ciúme os sentimentos hostis são vivenciados em relação aos rivais (pai, irmãos) e não tanto em relação à figura originária. Isso introduz

um elemento importante, que é o da distribuição e dispersão da agressividade para outros objetos. Além disso, o ciúme atua como uma defesa contra a inveja, pois o ciúme é um sentimento mais aceitável que a inveja e provoca menos culpa em relação ao objeto originário. A importância da mãe enquanto provedora de satisfação oral é diminuída com a mudança dos desejos orais para os desejos genitais.

4.2.2 A inveja e a confusão

Ao longo do nosso trabalho, tratamos da confusão e sua implicação nos processos de formação dos símbolos, da simbolização, da relação com o complexo de Édipo e a incapacidade na discriminação do casal combinado. Contudo, no artigo “Inveja e Gratidão”, Klein, ao entrelaçar os processos de cisão e da inveja, demonstra a origem de estados confusionais e de como eles podem levar a graves transtornos mentais como a esquizofrenia ou a incapacidade do reconhecimento das figuras parentais, uma vez que as relações desenvolvidas com o bom objeto não podem ser assimiladas e integradas ao ego. Nesse sentido, Klein (1957/1991) afirma:

O bebê que, devido à intensidade de mecanismos paranoides e esquizoides e ao ímpeto da inveja, não consegue bem-sucedidamente dividir e manter separados o amor e o ódio e, portanto, o objeto bom do objeto mau, está sujeito a sentir-se confuso entre o que é bom e o que é mau em outros contextos (p. 216).

A esse respeito, Meltzer (1989) salienta que a angústia paranoide não é somente a interrupção da confiança na bondade do objeto, o núcleo dessa angústia é a confusão entre o que se pensa e aquilo que se sente. Em termos de sentimento, ocorre a atração pelos encantos do objeto e, em termo do pensamento, o terror provocado pelo núcleo malvado do objeto. Sendo exatamente essa a natureza do objeto combinado (o pênis contido no

seio), o bebê sente-se atraído para o seio, mas não podendo confiar no mamilo, instaura-se a angústia paranoide.

Ao considerar o desenvolvimento do ego, Klein (1957/1991) estabelece como sua principal função a defesa contra a pulsão de morte. Porém, para além desta defesa primordial, ela cita outras defesas como a cisão do objeto em bom e mau, conferindo ao ego a capacidade de realizar diversos processos de cisão. Para a autora, na posição esquizoparanoide, o ego é capaz de múltiplas fragmentações de si e de seus objetos. O objetivo é a dispersão dos impulsos destrutivos e da ansiedade persecutória interna. “. . . um certo montante de cisão é essencial para a integração, por preservar o bom objeto e, mais tarde, capacitar o ego a sintetizar os dois aspectos do objeto” (p. 223).

Cintra e Figueiredo (2010) ressaltam que a cisão entre o bom e mau objeto é necessária e garante o desenvolvimento do ego, já a inveja que é direcionada ao bom objeto impede a discriminação entre o bom e o mau objeto, impedindo o ego de constituir uma base saudável e integrada, o que gera os estados de confusão. Sobre esse aspecto Klein (1957/1991) escreve:

A inveja excessiva, uma expressão dos impulsos destrutivos, interfere na cisão fundamental entre o seio bom e o seio mau, e a estruturação de um objeto bom não pode ser suficientemente conseguida. Dessa maneira, não fica assentada a base para uma personalidade adulta plenamente desenvolvida e integrada, pois a diferenciação entre bom e mau fica perturbada em vários sentidos (p. 223).

Também é importante observar que nos processos mais arcaicos de cisão é necessário separar o bom objeto e o objeto idealizado. A cisão mais profunda indica uma separação entre o objeto idealizado e um objeto extremamente mau. Nesse caso, a idealização é proporcional a intensidade dos impulsos destrutivos, da inveja e da ansiedade persecutória, a idealização atua na defesa em relação a essas emoções.

Acerca disso, Cintra e Figueiredo (2010) destacam que a excessiva idealização como uma tentativa de proteger o objeto bom é ineficaz, pois torna o objeto mau extremamente persecutório não sendo possível a harmonia entre os objetos excessivamente maus e bons, tornando-os incompatíveis. A idealização também ocorre com outros objetos (não originário) impedindo a identificação com eles, pois esta se torna instável e indiscriminada. A voracidade é um fator atuante nas identificações indiscriminadas, demonstra a necessidade de obter o que se quer e interfere na capacidade de seleção e discriminação, acarretando a confusão entre bom e mau.

De acordo com os autores citados acima, para que haja o desenvolvimento do ego, é necessária a atuação do processo de discriminação desde o início da vida entre as experiências boas e más, seguida dos processos de sínteses e de integração das experiências, sendo a assimilação dessas experiências no ego o que possibilita a identificação com as figuras parentais.

Como resultado, a identificação com um objeto bom e total é ainda mais seguramente estabelecida, fortalecendo o ego e capacitando-o a preservar sua identidade e a sentir que possui uma bondade própria. Nas palavras de Klein (1957/1991):

... em qualquer estágio da vida, sob pressão da ansiedade, a crença e a confiança em objetos bons podem ser abaladas. Mas são a intensidade e a duração de tais estados de dúvida, desalento e perseguição que determinam se o ego é capaz de reintegrar-se e de restabelecer com segurança seus objetos bons (p. 225).

A inveja excessiva propicia o aparecimento prematuro da culpa, num período em que o ego não tem ainda desenvolvida a capacidade para tolerar a culpa, sendo ela sentida como perseguição e o objeto que a despertou como o agente persecuidor. Diante dessa situação, a elaboração das ansiedades persecutória e depressiva não pode ocorrer porque elas se encontram confundidas.

Klein (1957/1991) trabalha a possibilidade de o bebê experimentar estados de culpa desde a posição esquizoparanoide ao afirmar que a origem da culpa está relacionada ao seio nutriz e ao sentimento de tê-lo estragado com os ataques invejosos. O estabelecimento do objeto originário com maior segurança permite que o bebê suporte o sentimento de culpa, pois a inveja é vivenciada de modo transitório e menos perigosa para com o bom objeto.

Outra confusão provocada pela inveja excessiva é a não distinção entre os impulsos e fantasias, orais, anais e genitais. Klein explica que por interferir na gratificação oral adequada, a inveja excessiva pode intensificar os desejos e tendências genitais, contribuindo para que o bebê se volte muito cedo para a gratificação genital, ou seja, a relação oral se tornaria genitalizada e, por sua vez, as tendências genitais seriam permeadas pelos ressentimentos e ansiedade que estão implicadas no estágio oral. Convém esclarecer que para Klein (1957/1991):

Uma superposição entre essas várias fontes, tanto de libido como de agressividade, é normal. Porém, quando a superposição equivale a uma incapacidade de vivenciar suficientemente a predominância de qualquer dessas tendências em seu estágio adequado de desenvolvimento, tanto a vida sexual subsequente quanto as sublimações são, adversamente, afetadas (p. 227).

Portanto, a falta de satisfação básica contribui para que elementos compulsivos contaminem os desejos genitais de modo que as sensações sexuais entrem em todas as atividades, interesses e processos de pensamento.

A longo do nosso trabalho, percebemos que as relações iniciais estabelecidas com os objetos são de extrema importância no desenvolvimento psíquico, pois destas relações dependem os processos de integração e a constituição da identidade de gênero. Também estudamos o quanto a confusão entre o casal parental é fortalecida pela inveja, assumindo

a característica de esvaecimento dos limites corporais, de não separação entre as identidades de pai e mãe. Vimos ainda que a persistência da imago do casal combinado impede a entrada na segunda fase do complexo de Édipo em que há uma identificação com um dos pais, seja na posição heterossexual ou homossexual, acarretando também a confusão na constituição da identidade de gênero e até mesmo impedindo a sua constituição.

Consideramos que uma das mensagens mais importantes sinalizada por Klein, ao longo de sua obra, é que mesmo tendo centrado seus estudos e escritos em uma fase muito inicial da vida, o tempo todo ela nos alerta que o processo de desenvolvimento psíquico não é rígido, ele é mutável e pode sofrer revés e transformações ao longo de toda a vida. Pois a essência daquilo que é do *infans* é sempre a busca por uma representação ao longo da vida.

Considerações Finais

Nosso trabalho teve como objetivo apresentar a fantasia do casal combinado e as implicações na constituição da identidade de gênero, utilizando como base os artigos presentes na obra Melanie Klein que trazem formulações sobre a temática apresentada.

Cotidianamente, observamos que o desejo de se transformar em outra pessoa é algo que nos acompanha durante a passagem de nossa infância, adolescência e vida adulta, desejamos nos transformar sempre em nossos objetos que outrora foram idealizados. Esses objetos assumem os atributos que na vida adulta relacionamos: a beleza, a autoconfiança, o sucesso e a riqueza. Nesse sentido, o gênero também é um atributo do qual tendemos a desejar, é muito comum as mulheres desejarem ser homens em virtude da valorização que é atribuída ao masculino em nossa cultura. Inclusive, esse é um dos temas tratados no livro *A bolsa amarela*, (Bojunga, 2020), no qual a personagem deseja ser menino porque compreende desde pequena que algumas facilidades são garantidas ao longo da vida ao gênero masculino.

Para além dessa valorização cultural do gênero masculino, também desejamos ser outra pessoa por não reconhecermos e não nos conectarmos com o gênero que nos foi atribuído, de forma que nossas pulsões e nossas identificações nos levam a direcionarmos para uma outra identidade. Esse desejo ao longo de nossa pesquisa foi retratado por alguns personagens como: Fritz, Félix, Fabian, Schreber, o que nos levou a perceber que, de muitas maneiras, esse desejo latente convive em todas as pessoas. Desejamos que, por apenas um dia em nossa vida, pudéssemos assumir uma outra identidade, um outro gênero, experimentar, ver se gostamos ou se, como o personagem Fabian ao experimentar o corpo e a vivência emocional do outro, nos deparamos com aquilo que não gostamos, que nos ameaça e, então, podermos reconhecer e desejar sermos nós mesmo.

Nesse sentido, nosso trabalho, ao examinar a fantasia do casal combinado proposto por Melanie Klein, permitiu observar a complexidade que encerra a formação inicial do psiquismo, uma vez que as identificações com os gêneros ocorrem de maneira conjunta, cruzada e confusa. Conforme demonstramos, mãe e pai, seio e pênis são representados de modo interpenetrados por Klein na metáfora do casal combinado, o que foi traduzido por nós também como a união inicial e confusa do feminino e do masculino.

Como visualizamos ao longo do trabalho, a fantasia do casal combinado é extremamente persecutória e geradora de ansiedade na psique infantil. É à medida que fazemos a travessia pelo interjogo sádico e sexual que podemos fazer a discriminação e separação das figuras parentais e nos identificarmos com um deles. Observamos, ao longo do nosso estudo, que a progressão em direção à discriminação do gênero feminino e masculino não assume posições rigidamente delimitadas. Tal pensamento demonstra a importância das construções teóricas produzidas por Klein, pois, enquanto adultos, nossa psique estará sempre entrelaçada pela confusão vivenciada anteriormente entre pai e a mãe, ou seja, entre masculino e feminino. Também é interessante observar que a experiência mais pacífica com a identificação em relação a um determinado gênero dependerá do abrandamento deste objeto persecutório formado pelo casal combinado e pela diminuição da culpa ao reconhecer mãe e pai enquanto objetos totais e separados.

Ao apresentar nossa justificativa para a realização dessa pesquisa, pontuamos que há poucos estudos sobre a obra de Klein e o quanto são necessárias pesquisas que abordem a obra dela e contribuam para o avanço da psicanálise. Nesse sentido, embora Klein seja uma autora clássica na psicanálise, sua obra pode ser relida sob prismas contemporâneos, como o tema dos gêneros.

Considerando formas atuais de subjetivação e sofrimento psíquico, observamos que há, na obra de Klein, muita potência para problematizar e responder tais questões,

visto que sua teoria demonstra a fluidez do psiquismo infantil, permitindo a abertura de novas teorizações ao tratarmos de temas clássicos como o complexo de Édipo e a alteridade das figuras parentais.

Referências

- Arán, M., & Peixoto Junior, C. A. (2007). Subversões de gênero: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. *Cadernos Pagu*, 28, jan-jun, 129-147.
- Baranger, W. (1981). *Posição e objeto na obra de Melanie Klein*. Artes Médicas.
- Barros, E. M. R. (1995). The problem of originality and imitation in psychoanalytic thought: A case study of kleinian thinking in Latin America. *International journal of psychoanalysis*, 76(4), 835-843.
- Barros, E. M. R. (2001). O pensamento de Melanie Klein e da escola kleiniana: a contribuição de Jean-Michel Petot. In: J. M. Petot, *Melanie Klein I: primeiras descobertas e primeiro sistema 1919-1932*, IX-XIX. Perspectiva.
- Barros, E. M. R. (2010). À guisa de Introdução. In: E. M. U, Cintra, & L. C, Figueiredo. *Melanie Klein. Estilo e pensamento*, 7-21. Escuta.
- Barros, E. L. R., & Barros, E. M. R. (2016). O a-historicismo deformante na difusão do pensamento kleiniano. In J. M. Petot, *Melanie Klein II: O ego e o bom objeto 1932-1960*, 190-200. Perspectiva.
- Bojunga, L. (2020). *A bolsa amarela*. Editora Casa Lygia Bojunga.
- Benjamin, J. (1988). *The bonds of love*. Pantheon Books New York.
- Bleichmar, E. D. (1988). *O feminismo espontâneo da histeria*. Editora Artes Médicas.
- Butler, J. (2015). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira.
- Cecarelli, P. R. (2017). Psicanálise, sexo e gênero. *Estudos de psicanálise*, (48), 135-148.
- Cintra, E. M. U., & Figueiredo, L. C. (2010). *Melanie Klein. Estilo e pensamento*. Escuta.
- Cintra, E. M. U., & Ribeiro, M. F. R. (2018). *Por que Klein? Zagodoni*.
- Cintra, E. M. U. (2018). Arco-íris tatuados nas mãos - a geografia do corpo materno. *Ide*, 40(65), 23-38.

- Cintra, E. M. U. (2020). Transmissão da vida psíquica: criar espaço psíquico e sentir gratidão. *Ide*, 42(69), 241-253.
- Chodorow, N. (1978). *The reproduction of mothering*. University of California Press.
- Freud, S. (1996a). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia Paranoides). In: Freud, S. *O caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos (1911-1913)*. Edição standard brasileira. Trad. Jayme Salomão. Imago. (Obra original publicada em 1911)
- Freud, S. (1996b). Psicologia de grupo e a análise do ego. In: Freud, S. *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Edição standard brasileira. Trad. Jayme Salomão. Imago. (Obra original publicada em 1921)
- Freud, S. (1996c). Sexualidade feminina. In: Freud, S. *O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Edição standard brasileira. Trad. Jayme Salomão. Imago. (Obra original publicada em 1931)
- González Rey, F. L. (2013). O que oculta o silêncio epistemológico da Psicologia? *Pesquisas e práticas psicossociais*, 8(1), 20-34.
- Hinshelwood, R. D. (1992). *Dicionário do pensamento kleiniano*. Artes Médicas.
- Isaacs, S. (1982). A natureza e a função da fantasia. In: M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, J. Riviere. *Os progressos da psicanálise*. Guanabara Koogan. (Obra original publicada em 1952)
- Klein, M. (1991). *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Imago.
- Klein, M. (1996a). O desenvolvimento de uma criança. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago. (Capítulo original publicado em 1921).

- Klein, M. (1996b). O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago. (Capítulo original publicado em 1923).
- Klein, M. (1996c). A análise de crianças pequenas. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago. (Capítulo original publicado em 1923).
- Klein, M. (1996d). Uma contribuição à psicogênese dos tiques. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago. (Capítulo original publicado em 1925).
- Klein, M. (1996e). Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago. (Capítulo original publicado em 1926).
- Klein, M. (1996f). Simpósio sobre análise de crianças. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago. (Capítulo original publicado em 1927).
- Klein, M. (1996g). Tendências criminosas em crianças normais. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago. (Capítulo original publicado em 1927).
- Klein, M. (1996h). Estágios iniciais do conflito edipiano. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago. (Capítulo original publicado em 1928).
- Klein, M. (1996i). Personificação no brincar das crianças. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago. (Capítulo original publicado em 1929).

- Klein, M. (1996j). Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criativo. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago. (Capítulo original publicado em 1929).
- Klein, M. (1996k). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago. (Capítulo original publicado em 1930).
- Klein, M. (1996l). Uma contribuição à teoria da inibição intelectual. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago. (Capítulo original publicado em 1931).
- Klein, M. (1996m). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago. (Capítulo original publicado em 1935).
- Klein, M. (1996n). O desmame. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago. (Capítulo original publicado em 1936).
- Klein, M. (1996o). Amor, culpa e reparação. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago. (Capítulo original publicado em 1937).
- Klein, M. (1996p). O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago. (Capítulo original publicado em 1940).
- Klein, M. (1996q). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago. (Capítulo original publicado em 1945).
- Klein, M. (1997a). *A psicanálise de crianças*. Imago. (Obra original publicada em 1932)
- Klein, M. (1997b). Estágios iniciais do conflito edípico e da formação do superego. In: M. Klein. *A psicanálise de crianças*. Imago (Obra original publicada em 1932)

- Klein, M. (1997c). Os efeitos das situações de ansiedade arcaicas sobre o desenvolvimento sexual da menina. In: M. Klein. *A psicanálise de crianças*. Imago (Obra original publicada em 1932)
- Klein, M. (1997d). Os efeitos das situações de ansiedade arcaicas sobre o desenvolvimento sexual do menino. In: M. Klein. *A psicanálise de crianças*. Imago (Obra original publicada em 1932)
- Klipan, M. L. (2018). Feminilidade e a sistematização kleiniana: o corpo materno como palco da gênese psíquica. *Estilos da Clínica*, 23(3), 483-502.
- Klipan, M. L. (2022). *Klein: e a feminilidade*. Perfil.
- Kristeva, J. (2002). O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras: Hannah Arendt, Melanie Klein, Colette. Rocco. (Obra original publicada em 2000)
- Laplanche, J. M. (2015). O gênero, o sexo e o Sexual. In: Laplanche, J. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Dublinense.
- Laplanche, J. M. (1983). É preciso queimar Melanie Klein? *Análise Psicológica*, 4(111), 467-476.
- Laplanche, J. M., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. Martins Fontes.
Disponível em: <https://edsonsoaresmartins1973.files.wordpress.com/2018/07/laplanche->
- Lattanzio, F. F., & Ribeiro, P. C (2017). Transexualidade, psicose e feminilidade originária: entre psicanálise e teoria feminista. *Psicologia USP*, 28(1), 72-82.
- Lattanzio, F. F., & Ribeiro, P.C. (2018). Nascimento e primeiros desenvolvimentos do conceito de gênero. *Psicologia Clínica*, 30 (3), 409-425.
- Mariotto, R. M. M. (2018). Da psiquiatria à psicanálise: uma investigação histórica sobre o estudo de gênero na infância. In: Mariotto, R. M. M. (Org.) *Gênero e sexualidade na infância e adolescência: reflexões psicanalíticas*. Álgama.

- Meltzer, D. (1989). *O desenvolvimento kleiniano*. Editora Escuta.
- Menezes, L. B. R. (2018). O mito do Andrógino no banquete de Platão. *Hélade*, 4(.3), 170-181. Artigos Livres: Homenagem ao Museu Nacional da UFRJ. <https://periodicos.uff.br/helade/issue/view/1510>
- Mezan, R. (2001). Psicanálise e Pós-graduação: notas, exemplos e reflexões. *Psicanálise e Universidade*, 121-162.
- Naffah Neto, A. (2006). A pesquisa psicanalítica. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 279-288.
- Naffah Neto, A. & Cintra, E. M. U. (2012). A pesquisa psicanalítica: a arte de lidar com o paradoxo. *ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos*, 30 (1), 33-50.
- Niederland, W. G. (1981). *O caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranoide*. Campus.
- Petot, J. M. (2001). *Melanie Klein I – primeiras descobertas e primeiro sistema 1919-1932*. Perspectiva. (Obra original publicada em 1979)
- Petot, J. M. (2016). *Melanie Klein II – O ego e o bom objeto 1932-1960*. Perspectiva. (Obra original publicada em 1982)
- Porchat, P. (2014). *Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler*. Juruá.
- Ribeiro, P. C. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. Escuta.
- Ribeiro, P. C. (2017). Gênero, sexo e enigma no sexual de Jean Laplanche. In: Ribeiro, P. C et al. *Por que Laplanche?* Zagodoni.
- Ribeiro, M. F. R. (2018). A posição feminina: uma teoria sobre a feminilidade e a masculinidade. In: Cintra, E. M. U. & Ribeiro, M. F. R. (2018). *Por que Klein?* Zagodoni.

- Rosenfeld, H. A. (1988). *Impasse e interpretação: fatores terapêuticos e antiterapêuticos no tratamento psicanalítico de pacientes neuróticos, psicóticos e fronteirços. Imago.*
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1988). *Dicionário de Psicanálise.* Zahar.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein. Imago.* (Obra original publicada em 1973)
- Segal, H. (1993). *Sonho, fantasia e arte. Imago.* (Obra original publicada em 1991)
- Teixeira, M. R. (2018). Aportes teóricos para um estudo sobre sexo, gênero e gozo na psicanálise. In: Mariotto, R. M. M. (Org.) *Gênero e sexualidade na infância e adolescência: reflexões psicanalíticas.* Álgama.
- Tomanik, E. A. (2004). *O olhar no espelho: “conversas” sobre a pesquisa em Ciências Sociais.* Eduem.